Ano XIV - n.º 177 - Abril/Maio/2021

COPERCANA CANAOESTE SICOOB COCRED

Revista

CANAVIEIROS

A força que movimenta o setor

COVA SECA

Chuvas restritas tornam o plantio de cana ainda mais complexo

Canaoeste tem contas de 2020 aprovadas por unanimidade

Raio-X da piscicultura

Tiragem auditada por MOORE

Leia edições anteriores, posicionando o leitor QR code de seu celular.

Só quem respira o **AGRO** todos os dias pode
realizar **A MELHOR FEIRA DO SETOR!**

17º AGRONEGÓCIOS COPERCANA

As melhores oportunidades sempre!

De 15 a 30 de Junho | 2021

www.**agronegocioscopercana**.com.br
acesse e saiba mais

edição On-line 2021

Utilize seu leitor de QR code e saiba mais.

Realização: COPERCANA

Apoio: CANAOESTE | SICOOB COCRED Cooperativa de Crédito

Editorial

Sombras podem vir, façam o favor

Azul do céu brilhou
E o mês de maio, enfim chegou
Olhos vão se abrir, pra tanta cor
É mês de maio, a vida tem seu esplendor
A luz do sol entrou
Pela janela e convidou
Pra tarde tão bela, e sem calor
É mês de maio, saio e vou ver o sol se pôr
Horizonte, de aquarela, que ninguém jamais pintou
E um enxame, de estrelas, diz que o dia terminou
Trecho da música de Almir Sater e Paulo Simões "Mês de Maio"

Quem diria que algo tão bonito como o azul do céu e as paisagens do outono, descrito de forma genial na canção citada acima, seria motivo para tanta aflição.

A reportagem de capa da edição, a partir desta definida como abril e maio (com informações colhidas num mês e lidas no outro), reflete toda a tensão que a atual estação está gerando nos produtores de cana-de-açúcar.

Não por culpa sua (o outono), ele ainda até está se esforçando em trazer alguma chuva, mas é complicado apagar o vexame pluviométrico que a última primavera e verão cometeram.

Porém, assim como um barco pesqueiro enfrenta terríveis tempestades oceânicas para cumprir com sua missão de trazer o peixe, o produtor de cana também acaba vencendo suas tempestades carregadas de raios UVA e UVB, levando para a população energia em forma de alimento, combustível e eletricidade.

E, assim, trazemos nas nossas páginas uma entrevista com um importante capitão, o presidente da Siamig e agora também da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Açúcar e Álcool, Mário Campos Filho.

Aqui você também terá uma noção de como anda a musculatura das raízes dos produtores de cana da Copercana e Canaoeste através dos virtuosos resultados das duas organizações em um ano tão complexo como de 2020, que só para lembrar, fez com que a humanidade, depois de mais de cem anos, vivesse novamente tempos de pandemia.

Além disso temos lançamento de livro, sustentabilidade, piscicultura, pecuária, muita opinião, informe judiciário e tecnológico.

Como o professor Marcos Fava Neves intitula sua coluna "Agora o clima é a variável de maior impacto", todos os olhos estão literalmente virados para o céu, mas o foco muda para aqueles que buscam o conhecimento, pois esses conseguirão ainda enxergar beleza numa lua cheia com o céu invadido por um enxame de estrelas.

Boa leitura!

expediente

CONSELHO EDITORIAL:
Antonio Eduardo Tonielo
Augusto César Strini Paixão
Clóvis Aparecido Vanzella
Juliano Bortoloti
Oscar Bisson

EDITORA:
Carla Rossini - MTb 39.788

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:
Jéssica Geroldo

EQUIPE DE REDAÇÃO E FOTOS:
Eddie Nascimento, Fernanda Clariano, Jéssica Geroldo, Marino Guerra e Tamiris Dinamarco

COMERCIAL E PUBLICIDADE:
Marino Guerra
(16) 3946.3300 - Ramal: 2242
marinoguerra@copercana.com.br

IMPRESSÃO:
São Francisco Gráfica e Editora

REVISÃO:
Lueli Vedovato

TIRAGEM DESTA EDIÇÃO:
22.050

ISSN:
1982-1530

conselho editorial

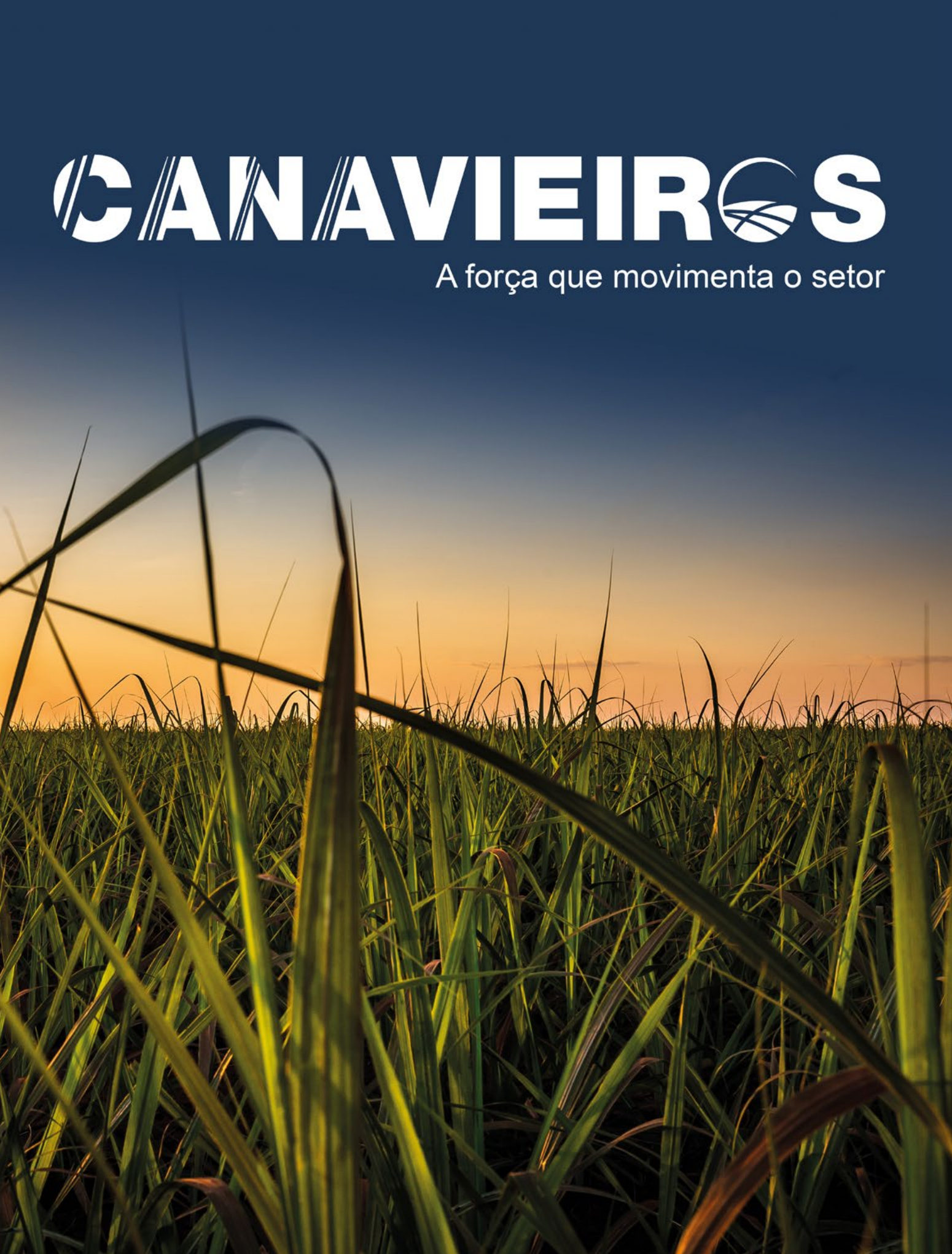
A Revista Canavieiros é distribuída gratuitamente aos cooperados, associados e fornecedores do Sistema Copercana, Canaoeste e Sicoob Cocred. As matérias assinadas e informes publicitários são de responsabilidade de seus autores. A reprodução parcial desta revista é autorizada, desde que citada a fonte.

ENDEREÇO DA REDAÇÃO:
A/C Revista Canavieiros
Rua Augusto Zanini, 1591
Sertãozinho/SP - CEP: 14.170-550
Fone: (16) 3946.3300 - (ramal 2242)
redacao@revistacanavieiros.com.br

www.revistacanavieiros.com.br
www.instagram.com/revistacanavieiros/
www.twitter.com/canavieiros
www.facebook.com/RevistaCanavieiros

CANAVIEIROS

A força que movimenta o setor



Revista CANAVIEIROS

06
22
24
E MAIS:
71
88

Edição anterior
Ano XIV - Março - Nº 176

Sumário

TRILHANDO UM CAMINHO BASEADO EM EXPERIÊNCIAS, OPORTUNIDADES E CONSENSO
Conforme anunciado dia 24 de fevereiro de 2021, o presidente da Siamig (Associação das Indústrias Sucroenergéticas de Minas Gerais), o mineiro Mário Campos Filho, foi nomeado o novo presidente da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Açúcar e do Álcool.

FAZER O BEM FAZ BEM
Copercana e UPL beneficiam entidade de Morro Agudo-SP com doação de cestas básicas

EM MEIO À PANDEMIA, COPERCANA CRESCE 30%
Resultado foi apresentado na Assembleia Geral Ordinária

DIGITALIZAÇÃO NA AGRICULTURA
Estudo revela que produtores mais jovens e com maiores propriedades têm usado mais plataformas virtuais de compra e venda

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR EM ZONAS DE MANEJO?
No artigo passado começamos a aprender sobre NDVI, e entender como esta ferramenta pode nos auxiliar como uma estratégia de gestão. Nesta edição vamos conhecer uma ferramenta que também utiliza os mapas de NDVI para o gerenciamento na hora da tomada de decisão. – ZONAS DE MANEJO (ZM)

Fernanda Clariano

Trilhando um caminho baseado em experiências, oportunidades e consenso

Mário Campos Filho

presidente da Siamig e da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Açúcar e do Álcool

Conforme anunciado dia 24 de fevereiro de 2021, o presidente da Siamig (Associação das Indústrias Sucroenergéticas de Minas Gerais), o mineiro Mário Campos Filho, foi nomeado o novo presidente da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Açúcar e do Álcool. A confirmação foi publicada no DOU - Diário Oficial da União no dia 19 de março de 2021. A Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Açúcar e do Álcool é ligada ao Mapa (Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento) e tem a missão de debater os temas relacionados ao setor sucroenergético do Brasil, um dos segmentos mais importantes para o PIB brasileiro. A reportagem da Revista Canavieiros conversou com ele para saber um pouco sobre as expectativas para essa nova missão e também sobre o setor sucroenergético. Confira!

Revista Canavieiros: Como você recebe esse novo cargo, o qual foi eleito de forma unânime?
Mário Campos Filho: Eu recebo com muita responsabilidade, agradecendo a todos que construíram a história da Câmara Setorial de Açúcar e Álcool dentro do Ministério. Temos um acordo entre a agroindústria e

os fornecedores de cana onde revezamos a presidência de tempos em tempos. O último presidente foi Alexandre Lima Andrade, presidente da Feplana, que fez um excelente trabalho. Agora, na vez da indústria, gostaria de fazer um agradecimento a todos os lideres setoriais que estão lá representados, que colocaram o meu nome e, de forma unânime, aprovaram a minha indicação. É um cargo de muita responsabilidade e, acima de tudo, que me traz imensa gratidão, sou muito agradecido pelo fato de trabalhar com duas pessoas eficientes e grandes gestores desse setor agrícola brasileiro que são a ministra Tereza Cristina e o seu secretário executivo Marcos Montes, que inclusive é mineiro também.

Revista Canavieiros: Qual é o objetivo da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Açúcar e do Álcool?
Mário: A Câmara tem o objetivo de promover discussões intrínsecas ao setor que são importantes e, quando olhamos os seus membros, vemos ela bem representada pelas lideranças da agroindústria e dos produtores rurais, bem como pela academia e órgãos de governo. A Câmara serve como um filtro de discussões para que o Ministério possa ter uma boa informação e consiga implementar suas políticas públicas, lutar pela execução de algumas políticas novas e aperfeiçoar as existentes. Então funciona realmente como uma estrutura que consegue assessorar o bom trabalho da ministra, do secretário executivo e de toda a equipe do Ministério da Agricultura.

Revista Canavieiros: Como desempenhará sua função frente à presidência da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Açúcar e do Álcool? Vai trabalhar como uma ligação entre setor e governo para ajudar na retomada econômica do país?
Mário: Primeiro, trabalhar a identificação dos assuntos com base na vivência e na conversa com os membros da Câmara, criando um ambiente harmônico entre todos no sentido de alcançar um consenso - esse é o grande objetivo do presidente da Câmara, ter consensos entre os agentes que vez ou outra aparecem com objetivos diferentes. É importante termos uma política pública relacionada ao setor cada vez mais efetiva e próxima da realidade. Na questão da retomada econômica, acredito que o setor do agronegócio foi muito menos afetado com a pandemia. Temos uma situação muito diferenciada, até porque a agroindústria é essencial à sociedade e não parou, é um segmento também com um pé no mercado interno e outro no externo. Ou seja, de certa forma não diria beneficiado, mas teve menor impacto em relação à pandemia, além da sua importância enorme na recuperação econômica do Brasil.

Revista Canavieiros: Quais os principais desafios e suas prioridades nessa nova empreitada?
Mário: Deixar claro que a Câmara Setorial já tem uma história e que há uma continuidade desse processo, que o desafio maior atualmente é que não temos reuniões presenciais desde o início da pandemia e, claro, estamos ansiosos para que a vacinação no Brasil avance o mais rápido possível para que possamos retomá-las. Também acredito que teremos alguma novidade sobre esse assunto apenas no segundo semestre ou no início de 2022. O setor é muito dinâmico, observamos que os assuntos aparecem e vão recheando a pauta de discussão com o calor do momento. Quanto à inserção do etanol no mundo, os avanços são interessantíssimos, os EUA é um grande produtor de etanol de milho e agora vemos avanços em alguns países europeus e, principalmente na Índia, que também é o segundo maior produtor de açúcar do mundo. A própria política do RenovaBio e sua necessidade de aperfeiçoamento, a discussão sobre a produção de energia elétrica a partir de subprodutos como bagaço e a oportunidade do biogás e do biometano são assuntos que irão nortear nossa atuação. Acima de tudo, temos um grande

desafio principalmente da porteira para dentro, na busca cada vez maior da produtividade. Não tenho dúvidas de que iremos debater também assuntos relacionados à pesquisa, novas variedades, a questão das canas geneticamente modificadas, que na minha opinião vai crescer no futuro. O objetivo será discutir assuntos relacionados à toda cadeia sucroenergética do Brasil.

Revista Canavieiros: Mesmo com os impactos causados pela pandemia da Covid-19 o setor sucroenergético não parou. Qual a expectativa para a safra que inicia agora no mês de abril?
Mário: Com relação à região Centro-Sul do Brasil enfrentamos um período muito seco em 2020, não foi à toa que tivemos um dos maiores ATRs da história, porém, com prejuízos ao desenvolvimento do canavial. Há uma expectativa de que a safra 2021/22 em termos agrícolas tenha menor disponibilidade de cana e, dessa forma, uma menor quantidade de produtos a partir dessa moagem. Contudo, vemos que existem variações entre as regiões, tem região que a seca não foi tão acentuada e em outras foi até mais acentuada que a média, há uma diversidade na área produtiva. São Paulo é o maior produtor, passando pelo Triângulo Mineiro, outras regiões de Minas Gerais, toda região Centro-Oeste, Mato Grosso do Sul, Goiás, entrando um pouco no Mato Grosso e o Paraná. Temos uma região realmente bem diversa que, no geral, recebeu pouco volume de chuva, há uma percepção que o volume de cana poderá ser realmente menor. Acredito também até pelos níveis de preços no mercado internacional de açúcar que teremos um mix elevado para açúcar como tivemos no ano passado, porém, devido a redução da cana, uma menor produção. Devido a esta segunda onda da Covid-19, também não sabemos o tamanho que será esse mercado interno de combustíveis, mas acredito que teremos uma oferta condizente de etanol com relação ao potencial da demanda para este ano. Quanto a região Norte – Nordeste, pelo menos os principais estados estão terminando agora a safra 2020/21, e iniciarão uma nova safra em agosto/setembro.

Revista Canavieiros: Poderia comentar sobre as questões relacionadas ao açúcar?
Mário: O Brasil tem uma importância muito grande nesse setor, é o maior produtor e exportador de açúcar, porém, os subsídios que os nossos concorrentes implementam têm algum tipo de influência nas nossas discussões. O açúcar é um produto que tem uma grande receita para as empresas nas exportações. É um energético que hoje é muito barato - esse é um ponto positivo, mas tem encontrado algumas campanhas contrárias ao redor do mundo, também no Brasil. É preciso encarar isso de frente e mostrar a importância do açúcar como adoçante e para consistência dos produtos industrializados e o sabor dos alimentos industrializados. A pauta do açúcar é extremamente valiosa para nosso setor. Estamos muito bem inseridos nessa estrutura do pós-Covid-19, inclusive colocando o nosso segmento como um exemplo para o Brasil nesse desafio, que é reconstruir a imagem no campo ambiental ao redor do mundo.

Revista Canavieiros: Em relação à energia elétrica, o que se pode esperar?
Mário: Nos últimos dois, três anos, o número de projetos novos em bioeletricidade reduziu bastante e isso também é em função da própria dificuldade da economia brasileira, das questões relacionadas aos efeitos da Covid-19 que impactaram obviamente o consumo de energia elétrica no Brasil. Enxergamos a nossa energia elétrica como diferenciada, isso é até um pouco cansativo, mas precisamos repetir – o período do ano que produzimos, enquanto estamos de safra, é de forma contínua e firme. Na entressafra, a energia reduz bastante, mas ofertamos próximo às regiões de maior consumo num período mais seco, onde os reservatórios sofrem com relação à

disponibilidade hídrica para a geração de energia. Somos realmente muito diferentes do que observamos na energia solar e na eólica e precisamos diferenciar esses processos. Deveríamos ter uma estrutura ou uma forma de apresentação diferenciada para que os atributos relacionados à nossa energia fossem totalmente contemplados e precificados por parte do mercado. Vislumbramos um crescimento do segmento para os próximos anos para atender ao mercado nacional. Sempre olhei o setor com muito equilíbrio. Uma empresa do setor que tem condição de ofertar esse mix de produtos relacionados a açúcar, etanol e energia elétrica, podendo inclusive caminhar para o biogás a partir de vinhaça, torta de filtro, se diferencia das demais na sua saúde financeira, nas suas perspectivas futuras de geração de valor para os seus controladores, seus acionistas. Eu acho muito importante incrementar e crescer dentro dessa estrutura, a bioeletricidade tem um papel extremamente importante.

Revista Canavieiros: Apesar do momento em que estamos vivendo, você vê oportunidades para o setor?- Mário: Estamos todos no meio de uma tragédia mundial e sofrendo, mas precisamos ressaltar que não paramos em nenhum momento. Continuamos tomando todos os cuidados e seguimos firmes. Isso refletirá nos resultados financeiros com o setor. Observamos uma melhora substancial na saúde financeira das empresas em função de termos conseguido mostrar à sociedade a nossa essencialidade e conseguido nos adaptar ao momento. No ano passado observamos as empresas fazendo uma maximização da produção de açúcar para aproveitar esse momento e sair um pouco da pressão da redução de demanda no mercado interno de combustível. A flexibilidade das nossas fábricas é extremamente importante para o conjunto de resiliência do setor e vejo grandes oportunidades, pois. apesar da pandemia, há busca por um mundo mais sustentável que envolve não só a questão da mobilidade, do comprometimento com o não desmatamento, uma série de questões relacionadas não só a clima, mas como agenda verde, o uso racional de água. Estamos inseridos nesse processo e tenho certeza que nos encaixaremos nele e não podemos ficar parados, temos que construir o nosso futuro. Para isso, é importante participarmos ativamente da construção de políticas públicas que determinarão a mobilidade sustentável. Temos o biocombustível e precisamos colocar as nossas posições para que o Brasil seja protagonista, salvando, inclusive, a indústria automobilística nacional.

Revista Canavieiros: RenovaBio, como você vê esse segundo ano de funcionamento?

Mário: Estamos no caminho certo, o programa é fantástico, foi um golaço que todos, de mãos dadas, governo, setor privado, academia fizeram lá atrás. Conseguimos aprovar, depois teve a fase de construção normativa, do regramento, dos credenciamentos das empresas, dos estudos relacionados à pegada ambiental de cada um. No ano passado fomos coroados com o primeiro ano de funcionamento. O RenovaBio trouxe ao setor de biocombustíveis cerca de 650 milhões de reais em receita em 2020. Precisamos valorizar e agradecer a todos aqueles que ajudaram a construí-lo. Agora o nosso objetivo é manter e aperfeiçoar o programa e mostrar o que fizemos não só para esse segmento do mercado de combustíveis, mas para outros setores sejam da economia brasileira ou para o mundo - ele tem que servir de exemplo. Criamos um mercado de carbono que funcionou muito bem, ele tem de um lado quem gera os créditos, os CBios, e, do outro, a necessidade de as distribuidoras adquiri-los. Há uma discussão ainda muito grande sobre a questão da tributação, eu acho que esse é um dos temas importantes para que seja aprofundado. Podemos ver hoje no Brasil muitas estruturas isentas de impostos, que não têm a mesma ideia, o mesmo esforço no sentido ambiental por trás.

Precisaríamos estudar e aprofundar um pouco mais esse tema e ver realmente que esse nosso programa tem um atributo adicional – algumas coisas que temos no Brasil, ou seja, por que não termos ou uma isenção ou uma carga tributária menor? Precisamos continuar construindo essa estrutura, aperfeiçoando a forma de mercado, com a entrada aí de outros players, discutindo a questão da tributação. Eu falo nas discussões que o setor sucroenergético além de açúcar, etanol, bioeletricidade, biometano, biogás em algumas empresas já instaladas, que temos também CBio como um produto do setor. Agora não é um produto só para termos a receita, o que queremos mostrar para a sociedade é o propósito dele ter sido criado e do que pode virar em termos de benchmarking, de busca de eficiência por cada uma das empresas sempre no sentido ambiental. Se amanhã uma empresa conseguir através de experiências de outras reduzir o consumo de diesel, de fertilizantes, mantendo a sua produção, já é um grande feito, um grande ganho que vamos ter porque essa empresa vai melhorar sua nota e, como consequência, ter uma pegada ambiental menor, porque utilizou menos insumos para produzir a mesma coisa, ou seja, temos um ganho muito grande e efetivo nesse processo. Vejo o RenovaBio como um caminho, uma construção do nosso futuro que lá na frente vai ter uma importante discussão de como o Brasil está vendo o futuro da mobilidade sustentável. Esse programa tem uma importância muito grande e precisamos de união e força. A Câmara Setorial estará, pelo menos na minha gestão, pronta para que possamos discutir isso junto com o governo e a sociedade.

Eddie Nascimento

Mapeamento da Experiência do Produtor de Cana

Uma das autoras, Larissa Mayer, revela detalhes sobre o livro

Larissa Mayer

Nesta edição de abril, a Revista Canavieiros traz uma entrevista exclusiva com a escritora e especialista em gestão estratégica Larissa Mayer, que nos conta sobre o lançamento do livro "Mapeamento da Experiência do Produtor de Cana". A obra foi organizada por Larissa, juntamente com o professor Marcos Fava Neves e Celso Albano de Carvalho, e apresenta a jornada do produtor de cana-de-açúcar.

A publicação tem o apoio da Canaoeste - Associação dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo; Copercana - Cooperativa dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo, e mostra uma visão sobre os desafios que o produtor de cana enfrenta enquanto utiliza serviços e produtos e realiza as atividades necessárias para produzir e comercializar.

Aos 42 anos, casada e mãe, Larissa Mayer revela como foi conciliar as tarefas cotidianas com as pesquisas que levaram à publicação do livro que começou como uma tese de mestrado na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto/USP.

O livro foi editado e diagramado pela Assessoria de Comunicação, Marketing e Eventos da Copercana e Canaoeste.

Boa leitura!

Revista Canavieiros: : Larissa, como foi realizar esse livro com a parceria do professor Marcos Fava e do Celso Albano de Carvalho?

Larissa Mayer: Este livro é resultado do meu projeto de mestrado na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto/USP, onde o meu orientador foi o professor Marcos. Celso Albano contribuiu imensamente com o desenho da pesquisa de campo e com a sua visão ampla do sistema e da cadeia sucroenergética. Após pesquisar sobre estratégicas, práticas e ferramentas que organizações no mundo estavam adotando para melhorar as experiências de consumo dos seus clientes, o professor Marcos teve o insight de direcionarmos à pesquisa de campo para o setor sucroenergético, que é tão relevante para a nossa economia. Sob o ponto de vista das empresas que participam da cadeia de produção de cana, como associações, cooperativas, fornecedores de insumos, equipamentos e serviços, o produtor de cana-de-açúcar desempenha o papel de "cliente", para o qual elas precisam gerar valor. O foco então seria mapear a jornada que ele percorre enquanto utiliza múltiplos serviços e produtos para melhorar os resultados do seu negócio. Foi neste momento que Celso Albano entrou no projeto. Como gestor executivo da Orplana, na época, ele vinha conduzindo uma série de projetos estratégicos que tinham exatamente o objetivo de estratificar e entender as diversas realidades no campo para identificar oportunidades de elevar a eficiência da cadeia. Construímos os perfis dos produtores a partir de um estudo quantitativo que estava sendo finalizado com o projeto SegmentaCana. Foi uma construção colaborativa e que contou também com a contribuição do Rafael Kalaki, CEO da Socicana, e sua equipe. Eles nos apoiaram, estruturando a base de produtores entrevistados e trazendo conhecimento do negócio.

Revista Canavieiros: "Mapeamento da Experiência do Produtor de Cana". Por que esse nome?

Mayer: O nome está relacionado justamente à metodologia adotada. A gestão da experiência do cliente é uma nova área da administração, que tem o propósito de dar mais protagonismo ao cliente nas estratégias das organizações. Com a era digital, os clientes passaram a ter à sua disposição ferramentas e tecnologias para pesquisar, avaliar e a até influenciar as ofertas. O cliente está mais ativo e suas demandas mudam rapidamente. E isso não é diferente com o produtor rural. Hoje, ele pode pesquisar e ter acesso a produtos, tecnologias e serviços em qualquer lugar do Brasil e do mundo.

Por isso, as organizações estão preocupadas em entender mais profundamente suas experiências enquanto utilizam produtos e serviços e também compreender quais são seus desafios. O mapa da jornada é um instrumento visual que pode reunir todos os processos vivenciados pelo produtor, tecnologias utilizadas, dores, boas práticas etc. O escopo de desenho pode adotar uma visão mais restrita, focando nos pontos de contato com uma única organização, ou pode adotar uma perspectiva mais ampla, incluindo também outras empresas e atores com quem ele se relaciona. Foi este caso do nosso estudo. Criamos uma visão para o setor. Portanto, este foi o motivo da escolha do nome. Fornecemos, juntamente com o livro, 3 Mapas da Experiência em pdf (são 3 perfis). A curva da experiência com seus altos e baixos e depoimentos com o intuito de demonstrar onde estão os pontos críticos durante a produção, comercialização e gestão do seu negócio. Finalmente, ainda no mapa, foram identificadas oportunidades que podem ser aproveitadas por diferentes atores do setor.

Revista Canavieiros: Como foi o apoio da Canaoeste e da Copercana na elaboração desse projeto?

Mayer: A Canaoeste e a Copercana apoiaram na editoração do livro, revisão, adequação às normas de publicação e divulgação. Foi incondicional. Sem o seu apoio, não seria possível fazer o lançamento do livro

nesta velocidade. Almir Torcato, gestor corporativo da Canaoeste, foi quem escreveu o prefácio do livro. Ele é um exemplo vivo do processo de profissionalização das associações e, com sua visão clara e pragmática sobre a importância de se conectar com as necessidades do seu cliente interno, capturou e traduziu o valor da metodologia para gerar insights e oportunidades para a cadeia sucroenergética.

Revista Canavieiros: Quais foram as principais barreiras enfrentadas durante todo o processo?
Mayer: Trazer essa metodologia para o agronegócio foi um processo extremamente fluido. Tive a participação e o engajamento de todos. Os produtores entrevistados foram extremamente disponíveis e colaborativos. Após as entrevistas eu cheguei a telefonar para alguns deles e até passar horas fazendo um tour pela fazenda para me conectar mais com o contexto das suas experiências. Eu diria que o desafio, que não está apenas no agronegócio, envolve uma mudança de modelo mental. As empresas precisam começar a perceber que, além dos números e dados de mercado (que são extremamente importantes), é necessário enxergar mais profundamente o seu cliente, suas dores, suas expectativas e desafios. É necessário trazer uma visão de fora para dentro, começar a falar com seus clientes para entender sua jornada e suas dores. São as empresas que precisam se encaixar nos processos do cliente e não o inverso. Esta é a proposta desta abordagem.

Revista Canavieiros: Quem é o público desse livro? O pequeno agricultor pode buscar nele formas para melhorar a sua produtividade ou é somente destinado ao médio e grande produtor?
Mayer: Com certeza, este livro pode ser usado por produtores de qualquer porte, mas não apenas por eles. Mapeamos boas práticas e oportunidades de melhoria que podem e devem ser aproveitadas por diversos atores que participam da cadeia (cooperativas, associações, fornecedores de insumos, de equipamentos, centros de pesquisa etc). Além disso, a abordagem pode ser adaptada para qualquer empresa e perfil de produtor rural. O livro pode ser usado por empresários, gestores, estudantes, profissionais de marketing, de inovação, de operações etc., que desejam saber mais sobre experiência do cliente e como podem implementar nos seus negócios e campos de atuação.

Revista Canavieiros: O seu livro pode ser considerado um manual do que é certo a se fazer para ter sucesso na produção, já que apresenta, inclusive, números e resultados de experiências anteriores?
Mayer: O livro não tem nenhuma pretensão de ser um manual. A intenção, a partir da metodologia, é contribuir com uma visão profunda sobre as necessidades do cliente. A ideia é "calçar os sapatos" do cliente. Será possível perceber, por exemplo, que alguns produtores têm uma percepção diferente sobre a mesma tecnologia. O cliente não está sempre certo, mas a partir de sua perspectiva, as empresas terão um nível maior de conhecimento para inovar.

Revista Canavieiros: O foco de seu livro é somente o produtor de cana ou os processos podem ser usados em outras culturas, como soja e amendoim?
Mayer: Pode ser usada para mapear a experiência de produtores e até de outros clientes. Por exemplo: se uma empresa fornece algum tipo de tecnologia ou serviço para usinas, o cliente é a usina. Neste caso, será necessário capturar e mapear a experiência do gestor que contrato o serviço ou do técnico que utiliza a tecnologia, entre outras coisas.

Revista Canavieiros: Como foi unir o conhecimento do "homem do campo" que vivência o dia a dia no campo com os estudos e pesquisas de diversas entidades que participaram do projeto?

Mayer: É muito importante unir dados quantitativos e de mercado com a perspectiva do produtor. Ou seja, conhecer os aspectos do seu dia a dia, que não podem ser capturados apenas com questionários ou dados. No entanto, a maior riqueza é combinar estas duas fontes de informação. Neste trabalho, por exemplo, partimos de um estudo que já vinha sendo desenvolvido junto ao PECEGE Projetos, a partir de dados de custo e eficiência das fazendas, que gerou uma forma inovadora de estratificar os produtores de cana, não apenas pelo porte, mas a partir dos diferentes níveis de verticalização e eficiência. Estas informações foram utilizadas para a construção dos perfis que foram alvo deste estudo. A metodologia, através de entrevistas em profundidade, propiciou uma investigação mais profunda sobre os desafios enfrentados no campo por cada perfil.

Revista Canavieiros: Você diria que ter conhecimento de onde se está e onde se pode chegar faz toda a diferença na produção?
Mayer: Entender o ambiente onde se insere uma empresa (indústria ou agroindústria), ou atividade produtiva (propriedade agropecuária), interagindo e discutindo os propósitos com seus colaboradores, parceiros e agentes diretamente correlacionados, analisando os riscos, ameaças e oportunidades dos ambientes externos e suas relações, tendo clara a visão do seu negócio e os objetivos factíveis, devidamente traçados, buscando o futuro no qual se pretende chegar, fazem parte do planejamento de todo o negócio. São os princípios básicos do planejamento estratégico e paulatinamente as etapas a serem cumpridas, revistas, alteradas e concretizadas.

Revista Canavieiros: Você pretende publicar outros livros? Poderia nos adiantar um pouco do que vem por aí?
Mayer: O nosso objetivo é ajudar outras cadeias do agronegócio através desta metodologia. Talvez sim, os cases gerem frutos para novas publicações. O importante é que a metodologia se mostrou excelente para capturar as experiências dos produtores e organizá-las de forma visual e holística para gerar oportunidades do setor. Já existe uma articulação entre eu, Celso Albano, representando o PECEGE Projetos, e o professor Marcos Fava, para desenvolvermos este trabalho em outras cadeias. Estamos à disposição para discutir possibilidades de novos estudos com agentes do setor interessados.

Revista Canavieiros: Deixe uma mensagem para que as pessoas possam conhecer mais sobre o seu trabalho.
Mayer: A capacidade de inovar das organizações depende de sua habilidade de se conectar com seus clientes. As novas abordagens de inovação, como Design Thinking, por exemplo, têm como um dos seus pilares básicos a empatia. Para acompanhar as rápidas mudanças nas demandas do cliente da era digital, é preciso conhecer de forma mais profunda suas experiências, necessidades e desejos inexplorados. Somente assim será possível sair na frente e manter uma relação significativa com o cliente.

Desde 1963 ao lado dos agricultores, defendendo seus interesses e assim, unindo o desenvolvimento econômico e social com produtividade e sustentabilidade.

Copercana 58 anos

COPERCANA

Balanço e perspectivas para o mercado de etanol no Brasil

José Mauro Coelho
secretário de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis do Ministério de Minas e Energia

No mês de março, foi encerrada mais uma safra de cana-de-açúcar no Brasil. A safra 2020/21 foi marcada pelos efeitos da pandemia da Covid-19 na economia e nos mercados. Apesar de um início com muitas incertezas, com oscilações no preço do petróleo e retração da demanda por combustíveis, a safra passada se encerrou de modo satisfatório para o setor sucroenergético brasileiro.A moagem de cana-de-açúcar no Brasil alcançou 655 milhões de toneladas na safra 2020/21, proporcionando a produção recorde de 41 milhões de toneladas de açúcar, com crescimento de 40% em relação à safra anterior, e de 30,4 bilhões de litros de etanol. Assim, tivemos um mix de 46% para açúcar e 54% para etanol.

Já o ano de 2020 registrou a oferta total de 32,6 bilhões de litros de etanol (somada às ofertas de etanol de cana e de milho), dos quais 10 bilhões de litros de etanol anidro e 22,6 bilhões de litros de etanol hidratado. Cabe destacar a oferta de 2,4 bilhões de litros de etanol de milho, que cresceu 85% em relação ao ano de 2019. Nesse sentido, o mercado de etanol combustível do País totalizou 29,4 bilhões de litros de consumo, uma queda de 14,5% em relação ao ano anterior.

Entretanto, dois outros segmentos, o de “etanol para outros fins” e o “etanol para exportação”, tiveram aumento significativo em função da demanda por sanitizantes, tanto no mercado doméstico quanto no mercado externo. Dessa forma, as vendas de “etanol para outros fins” aumentaram cerca de 30% e as exportações registraram crescimento de 45%.

Não podemos esquecer também que 2020 entra para a história do setor como o ano que a nossa Política Nacional de Biocombustíveis se estabelece definitivamente. O ano de 2020 foi marcado pela vigência plena do RenovaBio com suas metas de redução de emissões e o funcionamento do mercado de Créditos de Descarbonização (CBios), inaugurando uma nova era para os biocombustíveis no País.

Com a apuração do mercado de CBios e do cumprimento das metas de redução de emissões para o biênio 2019/2020, reforçamos nossa confiança nessa política pública como instrumento adequado para garantir a sustentabilidade e a previsibilidade da matriz de transporte do Brasil. Foram emitidos mais de 18,5 milhões de CBios e negociados, na B3, cerca de 14,9 milhões de Créditos de Descarbonização a um preço médio de R$ 43,66/CBio, o que gerou um volume financeiro de mais de R$ 650 milhões.

A emissão de CBios em número superior ao da meta para o biênio, aliada ao cumprimento de mais de 98% da meta estabelecida, comprova a eficácia da Política Nacional de Biocombustíveis.

Além disso, do conjunto de distribuidoras que tinham metas de redução de emissões a serem cumpridas no âmbito do RenovaBio, 106 assim fizeram integralmente, 4 cumpriram parcialmente e outras 31 não executaram as suas obrigações no âmbito da política pública. As cinco maiores distribuidoras que operam no mercado nacional de combustíveis executaram integralmente seus compromissos, totalizando, juntas, 71% das metas compulsórias anuais de redução de emissões de gases causadores do efeito estufa na comercialização de combustíveis.

Para 2021, o MME (Ministério de Minas e Energia), Coordenador do Comitê RenovaBio, já ratificou a meta de 24,86 milhões de CBios a serem adquiridos no mercado organizado pelos distribuidores e comunicou o cronograma de definição das metas para o período de 2022 a 2031, nos termos da Lei nº 13.576/2017.

A primeira reunião do Comitê RenovaBio será realizada em 10 de junho, na qual o MME apresentará os seus estudos técnicos, incluindo tratamento estatístico robusto, que balizam a proposta inicial para as metas de redução de emissões. No período de 10 a 25 de junho, os membros do Comitê RenovaBio farão a apreciação técnica desses estudos e deliberarão sobre as metas compulsórias anuais de redução de emissões de gases causadores do efeito estufa (período 2022-2031) a serem encaminhadas para Consulta Pública.

O processo participativo da Consulta Pública será realizado durante 30 dias, de 7 de julho a 6 de agosto, com total transparência e amplo debate com a sociedade, como nos anos anteriores. Já a proposta final, após a consolidação das contribuições oriundas do processo de Consulta Pública, será encaminhada pelo Comitê RenovaBio ao CNPE (Conselho Nacional de Política Energética) para deliberação até o final do mês de setembro deste ano, com publicação da Resolução com as metas de descarbonização em outubro.

Para a safra 2021/2022, o Brasil continuará tendo grande participação no mercado internacional de açúcar, embora haja uma previsão de redução da moagem de cana. Os maiores preços do petróleo no mercado internacional e a desvalorização cambial do real em relação ao dólar pressionam os preços da gasolina no mercado nacional, aumentando a competitividade e a demanda por etanol hidratado.

O Ministério de Minas e Energia continua trabalhando incansavelmente pela Política Nacional de Biocombustíveis (RenovaBio), entendendo tratar-se de uma Política de Estado e um dos orgulhos do País, que colabora, não só para a redução de emissões de gases causadores do efeito estufa e material particulado, mas também para a sustentabilidade do desenvolvimento econômico do Brasil.

O ano de 2021 também será marcado pela criação do "Programa Combustível do Futuro", a ser submetido à apreciação e possível aprovação do CNPE, ainda em abril deste ano. Um dos objetivos principais desse Programa é a coordenação interinstitucional e a integração de vários programas de Governo relacionados ao setor automotivo e de combustíveis, como: a Política Nacional de Biocombustíveis (RenovaBio); o Proconve (Programa de Controle de Emissões Veiculares); o Programa Rota 2030; o PBEV (Programa Brasileiro de Etiquetagem Veicular); e o Programa Nacional de Racionalização do Uso de Derivados do Petróleo e do Gás Natural (CONPET). Uma das principais motivações do "Programa Combustível do Futuro" é desenvolver tecnologia nacional que utilize os biocombustíveis produzidos no País em detrimento da eletrificação pura de veículos.

Continuemos caminhando todos juntos para um desenvolvimento ainda maior de uma das maiores vocações nacionais: a bioenergia.

Do Pão de Açúcar ao futuro da energia doce o Brasil oferece o maior espetáculo da terra

*** José Luiz Tejon Megido**

Energia doce? “Sweet energy”, why not? Por que não!

Queremos que Alysson Paolinelli ganhe o merecido Nobel da paz. Em 1975, este sábio brasileiro atuou no início do Pró-álcool. Criamos a partir da surpreendente crise do petróleo dos anos 70, soluções. De fato, o poder do incômodo nos incomoda e nos faz criar novos caminhos. Passamos a ser não mais apenas açúcar. Apenas? O açúcar é a fonte de energia mais espetacular humana, ambiental e da mobilidade.

Começo este artigo com o “Pão de Açúcar”. Sim, uma peça da natureza considerada uma das maiores maravilhas do mundo. Foi batizado aquele morro na forma de um pão, com o açúcar. Diz a história que nos carregamentos de açúcar para a Europa, nas caravelas pelo Porto do Rio de Janeiro, o calor escaldante derretia o açúcar e se estabelecia o cheiro delicioso do doce. Os marinheiros diziam ser aquele o Porto do Pão de Açúcar. Entramos em 2021 com crise hídrica. Mudanças climáticas. Riscos na geração da energia hidrelétrica. Chegamos à nova década mergulhados numa pandemia que mudará a tolerância humana para muitas coisas. A principal será um foco imperturbável sobre a saúde. E agribusiness vai se tornar um sistema de saúde. E novamente a nossa cana brasileira, do Pão de Açúcar, do Pró-álcool, com RenovaBio, oferece o sonho de consumo do novo mundo doravante, o biocombustível, sem jamais esquecer das virtudes do eterno açúcar no combate à fome planetária.

Entramos agora em custos elevados da energia elétrica.

E custos da eletricidade significam inflacionar as cadeias de produção com despesas onde alguns conseguirão repassar e outros não.

Então passaremos a ver de forma acelerada a cogeração de energia elétrica com a biomassa da cana-de-açúcar, decolando, crescendo e se transformando sim numa importante eletricidade doce. Estamos criando a "sweet eletricity".

Com os múltiplos derivados dessa nobre planta onde a garapa e a rapadura tão bem me fizeram na infância pobre que vivi, conseguimos até influenciar a Índia, onde milhões de pequenos produtores subsidiados para produzir somente açúcar passam a contar com um novo mercado, o do etanol. E essa simples mudança recolocou os preços do açúcar em patamares de um justo "fair trade". Na apresentação da ABIA - Associação Brasileira da Indústria de Alimentação sobre 2020, o açúcar registrou dentre todos os itens o maior crescimento de vendas.

O setor sucroenergético faz do Brasil o maior açucareiro do planeta. E isso é bom. Temos pesquisa, ciência e infinitas possibilidades de insumos industriais, químicos, plásticos e de sermos protagonistas da prosperidade desta década. E onde essa atividade está, temos melhor IDH e empregos.

Prosperidade significa a governança da esperança. Que o setor canavieiro nos imante com o design de um Pão de Açúcar, com a energia para a vida, e que crie um novo conceito no mundo: "the sweet world".

Um mundo doce. Um Brasil doce e da paz. Que Alysson receba esse Nobel!

** José Luiz Tejon Megido é doutor em Educação pela Universidad de La Empresa/Uruguai, mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, jornalista, publicitário. Especializações em Harvard, MIT e Insead. Coordenador acadêmico do Master Science em Food &Agribusiness Management pela Audencia em Nantes/França, Coordenador do Agribusiness Center Fecap/SP e professor convidado da FGV in Company e FIA/USP. Comentarista da Jovem Pan, do Estadão on-line e diversas mídias. Autor e coautor de 34 livros.*

Copyright © Abril 2021 FMC. Todos os direitos reservados.

www.fmcagricola.com.br/cana

Novos desafios, novas conquistas

Há tempo de nascer e tempo de crescer, tempo de plantar e tempo de colher...

Eng.-agrônomo Gustavo Nogueira

Não há nada melhor em começarmos esta conversa podendo dizer a todos que estou de volta, iniciando uma nova trajetória junto a Copercana, na Unidade de Grãos.

Volto com o objetivo de fazer uma avaliação do cenário agrícola e propor um status ideal em cada uma das áreas que compõem o manejo agronômico, identificando os maiores gargalos técnicos, operacionais e de planejamento, apontando, assim, as melhores práticas a serem adotadas para se atingir a máxima produção econômica.

Nosso maior desafio é compreender as Inovações Tecnológicas existentes e disponíveis e aplica-las de forma simples e objetiva, buscando a melhoria contínua dos resultados econômicos de nossos cooperados, pois com as oportunidades que temos hoje, em vez de começar a criar uma nova tecnologia do zero, podemos utilizar as existentes para encontrarmos novas soluções, o que nos traz maior rapidez e eficiência na resolução dos problemas.

Através da Inovação podemos seguir por dois caminhos para melhorar os resultados, um através de boa gestão e outro pelo uso inteligente da tecnologia.

Todos nós buscamos o desenvolvimento, seja ele econômico ou profissional, fixamos nossas expectativas apenas ou principalmente no objetivo final. Devemos buscar nossos objetivos, sem desprezar ou nos esquecermos de rever certos pensamentos, paradigmas, postura e ações, pois não se conseguiremos novos resultados se utilizarmos de velhas práticas. Cada ação tem uma reação e cada efeito tem a sua causa.

Contudo, o sucesso de nossa atividade é construído passo a passo e cada um deles é imprescindível. Saibamos dar estes passos com sabedoria, dando o devido valor à cada aprendizado que a vida nos proporciona.

Finalizando, saliento que existem lugares que marcam nossa trajetória pelos bons momentos, pois a vida é um jogo a ser vencido, uma luta a ser enfrentada e, ao mesmo tempo, é a beleza à procura de elogios. Todos os dias a vida nos dá a oportunidade de transformar tristezas em alegrias, para que possamos realizar nossa missão e alcançar nossos objetivos.

Estou à disposição na Unidade de Grãos da Copercana.

Fernanda Clariano

Paisagismo sustentável

Transformando espaços acolhedores por meio do cultivo de plantas nativas

Projetos que levam em conta o desenvolvimento sustentável vão além e não só geram cenários belos e agradáveis como prezam por uma rotina funcional e o total respeito à natureza e à comunidade.

Novos projetos paisagísticos voltados à sustentabilidade estão sendo implementados pela Copercana Sustentável, onde a ideia é fazer ambientes mais agradáveis por meio do cultivo de plantas nativas em espaços que antes eram destinados para outros fins.

As plantas aos poucos estão sendo integradas em espaços comuns da cooperativa, sendo identificadas por placas informando o nome popular, científico e a origem de cada planta.

"Estamos utilizando apenas plantas nativas, glorificando as espécies brasileiras como Mirindiba-Rosa *(Lafoensia glyptocarpa)*, Clusias *(Clusia fluminensis)*, Grama-a-mendoim *(Arachis repens)*. As mirindibas estão sendo plantadas em comum acordo com a Secretaria do Meio Ambiente. Realizamos a supressão de diversas Leucenas, espécie exótica, isso significa que não é nativa do Brasil, além disso, ela é considerada invasora, ou seja, que se reproduz muito rápido colocando a biodiversidade local em risco", comentou o gerente de geotecnologia da Canaoeste e membro do Comitê da Copercana Sustentável, Fábio Soldera.

Fernanda Clariano

Fazer o bem faz bem

Copercana e UPL beneficiam entidade de Morro Agudo-SP com doação de cestas básicas

A pandemia da Covid-19 veio reforçar a importância da solidariedade. Muitas instituições que recebiam contribuições e dependiam de eventos para angariar fundos, aos poucos foram vendo seus recursos ficarem ainda mais escassos. Esse cenário fez com que essas instituições precisassem ainda mais de atos solidários e as doações de produtos de primeira necessidade ganharam mais importância.

Cientes das necessidades que muitas instituições vêm enfrentando, uma ação conjunta realizada pela Copercana (Cooperativa dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo) e a multinacional UPL, possibilitou que no dia 06 de abril fosse oficializada a entrega de 20 cestas básicas para a AMAI (Associação Morro-agudense de Amparo ao Idoso) - Lar Feliz na cidade de Morro Agudo-SP.

A instituição de longa permanência foi constituída em 2005 e se mantém por parte do benefício dos idosos, por doações da sociedade, repasse da Prefeitura via subvenção e também do repasse da assistência via fundo de Assistência Social. Para atender os 25 idosos (10 mulheres e 15 homens), a instituição conta com uma equipe constituída por assistente social, coordenadora, enfermeira, técnicos em enfermagem, fisioterapeuta, nutricionista, cuidadores, serviços gerais, lavadeira e cozinheira. Ao todo são servidas seis refeições diárias.

"Termos sido escolhidos para receber essas cestas básicas nos mostra que o nosso trabalho tem gerado credibilidade e a confiança das pessoas. Fazemos sempre o melhor pelos idosos aqui instalados porque hoje são eles, amanhã pode ser um de nós ou um dos nossos. Dessa forma, agradeço por escolherem essa intuição para a efetivação dessa doação. Neste momento tão delicado, precisamos de empresas que trabalhem também pelo lado social. O custo que teríamos em comprar esses alimentos que estamos recebendo será revertido para a aquisição de outros itens como fraldas e medicamentos. É maravilhoso quando pessoas conseguem sair da sua dor e enxergar a dor do próximo, por isso somos muito gratos por esse gesto da Copercana e da UPL", disse o presidente da AMAI, Carlos Alberto Gomes.

Para o superintendente comercial de insumos da Copercana, Frederico José Dalmaso, a seriedade com que são conduzidos os trabalhos da AMAI foi o que chamou a atenção para que a cooperativa buscasse uma parceria para essa doação. "É com muita satisfação que estamos entregando esses alimentos para o Lar Feliz. Essa instituição desenvolve um belo trabalho com os 25 idosos que vivem no local e somos gratos em poder encontrar parceiros como a UPL que nos apoiam em causas nobres. Com o incentivo de empresas, pretendemos unir esforços e poder contribuir com outras instituições das cidades onde a Copercana está inserida".

O consultor técnico Comercial da UPL, Marcelo Borsonaro, também esboçou o sentimento de gratidão por poder representar a empresa num ato de solidariedade ao próximo. "Sinto-me grato e tenho muito orgulho dessa visão e dessa iniciativa da UPL de ajudar e fazer a transformação chegar a mais pessoas. A Copercana segue junto nessa corrente do bem, de ajudar as comunidades onde estamos inseridos, uma cadeia de prosperidade e gratidão. Feliz por ver que esse gesto de todos, UPL e Copercana irá ajudar o Lar Feliz e os idosos que vivem neste local".

De acordo com o presidente da AMAI, além de alimentos, os itens mais utilizados são as fraldas geriátricas e leite. O gasto diário é de 153 fraldas e o consumo de leite é de 12 litros por dia. As pessoas que puderam ajudar com esses itens podem entrar em contato pelo telefone (16) 3851-1165 e falar com Malu, ou contribuir com qualquer quantia por meio de depósito bancário. Conta – 20869 - Agência 3214 - Sicoob Cocred.

Marino Guerra

Em meio à pandemia, Copercana cresce 30%

Resultado foi apresentado na Assembleia Geral Ordinária

A Copercana realizou sua anual Assembleia Geral Ordinária que trata, como assunto principal, dos resultados do exercício anterior.

Com o faturamento de R$ 2,04 bilhões, a cooperativa cresceu 28,89% em relação a 2019, resultado alcançado em decorrência, segundo o presidente do Conselho de Administração da Copercana, Antonio Eduardo Tonielo, da resiliência de todos os que compõem a engrenagem da organização, desde os cooperados e clientes, passando pelos fornecedores e chegando até a diretoria e o corpo de colaboradores.

"O sucesso da Copercana, demonstrado através dos números do exercício, reflete a essência da nossa filosofia de trabalho, que integra pessoas e desperta talentos, engaja cooperados e clientes, não abre mão das relações produtivas para construir o futuro e aumentar a esperança dos agricultores e do nosso agronegócio, que como sempre digo, é a locomotiva do Brasil", disse Tonielo.

O diretor-presidente executivo da Copercana, Francisco César Urenha, lembrou que um dos grandes desafios no período foi a incerteza que a pandemia trouxe tanto sob o ponto de vista econômico, mas em especial, quanto à saúde dos trabalhadores: "os gestores se questionavam em como continuar produzindo para não haver desabastecimento alimentar, mas também preservar os profissionais que estavam na linha de frente".

E, segundo ele, a resposta para o dilema surgiu através dos milhares de homens e mulheres que enfrentaram os percalços e continuaram a executar seus trabalhos para não faltar alimentos para a população mundial.

Mediante esse cenário, Urenha ressaltou que a cooperativa teve crescimento em todos os segmentos que atua e, além disso, conseguiu concretizar seus projetos planejados, mantendo assim seu processo no sentido de evoluir constantemente na gestão, tecnologia e, principalmente, nos serviços prestados aos seus milhares de cooperados e clientes.

"Finalizo dizendo que precisamos ter fé e perseverança naquilo que fazemos e acreditar no agro que vem sustentando o Brasil. Estamos superando todas as dificuldades, sejam elas governamentais ou não. Temos que confiar que vamos vencer a pandemia este ano e se Deus quiser teremos retomada. E o mais importante: a Copercana, como sempre, estará à disposição no que precisarem para atendê-los da melhor maneira possível", completou Urenha.

SICOOB COCRED COOPERATIVA DE CRÉDITO
3214 - SICOOB COCRED - CNPJ 71.328.769/0001-81

BALANCETE MENSAL - FEVEREIRO 2021

(valores em reais)

Ativo		Passivo	
Circulante e Não Circulante	**5.261.241.800**	**Circulante e Não Circulante**	**4.612.339.996**
Disponibilidades	11.972.621	Depósitos	2.761.686.991
Aplicações Financeiras	1.965.278.736	Letra de Crédito do Agronegócio - LCA	524.944.687
Operações de Crédito	3.155.194.751	Letra de Crédito do Imobiliário - LCI	168.598.625
Outros Créditos	109.322.062	Relações interdependências	34.312
Outros Valores e bens	19.473.630	Obrigações por Empréstimos e Repasses	1.054.731.317
		Outras Obrigações	102.344.064
Permanente	**177.984.665**	**Patrimônio Líquido**	**826.886.469**
Investimentos	110.938.804	Capital Social	427.939.671
Imobilizados de Uso	64.301.505	Reserva Legal	185.314.274
Intangível	2.744.356	Reserva para Contingências	171.904.607
		Sobras Acumuladas	26.405.254
		Sobras 1º Semestre 2021	15.322.664
Total do Ativo	**5.439.226.465**	**Total do Passivo**	**5.439.226.465**

SERTÃOZINHO/SP, 28 DE FEVEREIRO DE 2021.

Ademir José Carota
Contador - CRC 1SP 259963/O-8
CPF. 303.381.738-62

Giovanni Bartoletti Rossanez
Pres. do Conselho de Administração
CPF. 183.207.628-80

Antonio Cláudio Rodrigues
Diretor Administrativo e Financeiro
CPF. 048.589.888-80

FLY UP
MAPEAMENTO INOVADOR PARA SUA PRODUTIVIDADE DECOLAR.

ARTERIA

A UPL inova mais uma vez quanto à sua produtividade. O FlyUP é um programa que monitora de cima sua área agrícola e gera informações rápidas e precisas para o negócio da cana-de-açúcar. Tecnologia israelense em exclusividade no Brasil para clientes-referência, como você.

Para maiores informações, entre em contato com um consultor técnico da UPL mais próximo de sua região.

/uplbr /brasilupl upl-ltd.com/br

UPL OpenAg™

REPORTAGEM
de Capa
Marino Guerra

Cova seca

Chuvas restritas tornam o plantio de cana ainda mais complexo

O plantio é um dos momentos mais importantes numa lavoura de cana-de-açúcar. Por se tratar de uma cultura perene, problemas nessa fase podem acarretar um sabor amargo ao produtor ao longo de diversos anos, ou pior, obrigá-lo a uma reforma precoce, o que reflete e muito no caixa da operação.

Com o fim da prática do fogo, o que fez o produtor mudar totalmente a forma de trabalhar, diversas técnicas vêm sendo adotadas, como por exemplo a sistematização dos talhões, pensando principalmente na redução de pisoteio e preservação da soqueira.

Outro ponto de melhoria constante está na busca pelo uso mais racional e maior sanidade das mudas, o que gerou nas fazendas a presença de cantosis e meiosis vindas muitas vezes das MPBs (Mudas Pré-Brotadas) e ressuscitou o manejo manual e semimecanizado como maneira de aumentar a precisão na inserção das canas nos sulcos.

Além disso, há a complexa receita de defensivos e fertilizantes que precisa levar em consideração aspectos como dosagem e programação e tudo isso se encaixar com a disponibilidade da área e produtos, maquinário e mão-de-obra.

Se não bastassem todas essas variáveis, tem a influência climática, que a cada ano está mais imprevisível, tornando ainda mais complexo e tenso para o agricultor que vai iniciar a empreitada que é tocar a lavoura de cana por mais um ciclo.

É justamente aí que a atual temporada se transformou em uma das mais desafiadoras dos últimos anos, pois a falta de chuvas uniformes e constantes (salvo alguns curtos períodos) desde a primavera, época do plantio das principais culturas de rotação (soja e amendoim) tirou muita gente do eixo da programação gerando atrasos no manejo e jogando o plantio para o final de março, abril e até mesmo maio, épocas secas e agravadas já com a queda das temperaturas.

Assim, o que se vê nos campos são áreas que o trabalho foi realizado mais cedo, onde não foi feita rotação comercial de cultura, o que possibilitou aproveitar as poucas águas de fevereiro para pelo menos fazer a cana brotar.

Outros produtores, principalmente quem tem problemas sérios com pragas de solo, optaram por uma rotação, no mínimo anual de cultura, ou seja, semearam soja ou amendoim no último verão, farão uma safrinha (milho ou sorgo) e retornarão com os grãos na primavera, e então analisarão se voltarão ou não com a cana.

Por fim, têm os que vão encarar a seca e partiram para o plantio em abril ou em maio, nesse time têm produtores já acostumados com a época e, como defesa para a possível falta de água, possuem uma estratégia para conseguir somente a brotação.

A teoria da sincronicidade ou coincidências significativas, do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, diz que não é pura coincidência que dois ou mais eventos ocorram de maneira simultânea (sem lógica de tempo e espaço) fazendo em que essa junção se torne um gatilho para um processo de transformação.

Trazendo para o momento do produtor de cana e vendo o caminho tomado por cada um, é possível enxergar um futuro de produtividades mais altas nas três atitudes descritas, às vezes nem pelo resultado do manejo deste ano, mas pelo fato de que pior que a seca é ficar acomodado com as mesmas práticas repetidas ao longo dos anos e décadas, desconsiderando o novo.

Marino Guerra

Canavial cultivado no início de 2020 (foto feita em setembro do mesmo ano) mostra vigor mesmo tendo sofrido severa estiagem, muito por não ter tido sua terra revolvida, inclusive nem a quebra de lombo havia sido feita objetivando preservar a umidade

Estratégia “bang bang”

Quem decidiu “sacar” seus implementos e mudas primeiro contou com um plantio mais seguro

Os filmes sobre o "Velho Oeste" norte-americano são marcados pela aridez dos cenários, um ambiente de poucas escolhas conquistando o respeito de todos aqueles que conseguem sacar suas armas e atirar com maior destreza e velocidade, eliminando assim os seus desafetos.

Para muitos produtores de cana, a sobrevivência, que passa por um plantio de sucesso, também está ligada à velocidade e assertividade no tiro.

Fazendo um recorte entre os pequenos e de porte médio, essa é quase uma regra, pois são constantes as questões de escala comparada ao alto risco financeiro de se plantar grãos em rotação, principalmente em anos instáveis sob o ponto de vista climático, pois além da quebra na produção, o maior castigo é perder a época boa de plantio da cana, o que pode significar um grande problema ao longo de muitos anos.

Como exemplo hipotético, considere um fornecedor com 500 hectares de cana, pensando que o ciclo médio perdure por cinco anos, teoricamente ele reforma 10% por ano ou 50 hectares.

Se fizer soja ou amendoim em área tão pequena, a conta do investimento em maquinário e sem uma estrutura própria (pelo menos parte dela), o risco de se perder a época de determinado manejo será constante, o que eleva o risco na queda de produtividade.

Outro ponto é que via de regra, esse produtor não conta com um número expressivo de colaboradores, e se mudar o foco para os grãos, pode faltar braço para as obrigações de verão do canavial, podendo perder rendimento com a principal cultura, pois acabou deixando de lado uma aplicação de cigarrinha, por exemplo.

A tentação para o arrendamento é algo forte que bate na porteira todos os anos, principalmente em períodos com preços recordes, como os de agora. E se trata de um excelente negócio para muita gente, mas antes de embarcar nessa viagem é preciso fazer a conta de um cenário onde acontece o atraso no plantio (como na atual temporada) e, consequentemente, uma colheita tardia, o que empurrará a formação do novo canavial para o outono, ou seja, com precipitações mais restritas.

Em resumo, é necessário o investimento maior em nutrição, indutores e defensivos como proteção das mudas enterradas que podem levar um tempo maior até ter a umidade mínima e conseguir brotar (num cenário menos caótico).

Nessa viagem 10% de área é muita coisa para um produtor médio se dar ao luxo de ter que partir para uma reforma precoce ou ainda amargar cinco anos com produtividades abaixo do esperado.

Contudo, não optar pelos grãos tão pouco significa deixar a terra em pousio, pelo contrário, ainda mais pensando no alto preço do nitrogênio e também valorizar a umidade do solo, adotar a adubação verde (crotalária) tem que fazer parte dos manejos da casa.

A realidade exemplificada é algo bastante corriqueira na região de Santa Cruz das Palmeiras-SP, que engloba produtores da Tambaú e Casa Branca, sendo a Copercana representada pelo engenheiro agrônomo José Bortolo Zavaglia. Segundo ele, 90% dos cooperados que atende fecharam seus respectivos plantios no início de março, não tendo muitos problemas com a brotação.

"Grande parcela do produtor que atendo prefere a segurança de se plantar mais cedo e não ter problemas com a brotação do que o risco em se fazer uma rotação comercial de cultura, lembrando que muitos deles fazem uso da crotalária no verão e já há casos da execução do plantio direto de cana nela em pé, visando ao máximo à preservação da umidade do solo. Outro ponto importante é a adoção, quase como regra do uso de fungicida, nematicida e indutores vegetativos biológicos no sulco de plantio", disse Bortolo.

Marino Guerra

Pressão dos grãos para assumir em definitivo áreas de cana é enorme, e se não tiver acordo entre as partes, logo a falta de matéria-prima vai atrapalhar o futuro brilhante que está reservado ao setor sucroenergético

Estratégia “até logo”

Conjuntura favorável para os grãos influencia produtores a prolongar a rotação de cultura

No melhor agro do mundo não cabe mais um produtor com a cabeça fechada, que não considere todas as possibilidades para fazer o melhor uso de sua área. Através desse ponto de vista, em algumas regiões, muitos optaram pela rotação de cultura prolongada (com duração prevista de um ano onde são feitos dois plantios de verão e uma safrinha).

Ao analisar os casos, ficam evidentes três motivos principais que fizeram os agricultores a tomar essa decisão. O primeiro e mais evidente são as condições climáticas atuais, que já ditas nesse conjunto de reportagens trouxe muito risco para o plantio da cana.

O segundo é a remuneração, lembrando que os valores da cana estão em patamares bastante satisfatórios, mas em algumas regiões é histórico o problema de negociação com grupos de grande influência (que não se abrem em acordos mais amplos com os fornecedores), fazendo com que muitos aproveitassem o vencimento de contratos para surfar as ondas graneleiras, tanto da soja como do milho.

Há relatos de gente que tirou mais de mil hectares de cana para fazer uso dessa estratégia, o que pode pressionar (pela falta de matéria-prima) esses grupos a abrirem mais a cabeça e tratar seus fornecedores como parceiros, o que eles realmente são.

Finalmente, têm aqueles que tiveram que tirar o pé da cana por pressão das pragas de solo, tendo como problema principal o sphenophorus, contudo o produtor precisa ficar atento em não cultivar o milho no inverno.

Isso considerando que a cultura também serve de hospedeira para a praga, e como seu ciclo é longo, podendo bater 100 dias, é plausível acreditar que ele consiga permanecer no solo durante o período da soja e depois volta a fazer morada nas raízes do milharal.

Na região entre Orindiúva e Paulo de Faria, a escolha por retardar o plantio de cana é por causa do migdolus, que há algum tempo judia dos produtores locais, porém, nesses oito meses de muitos veranicos passou a influenciar muito mais no crescimento das plantas.

O grande receio desse “até logo” é que ele se transforme em “adeus” fazendo com que solos descansados, que poderiam representar ciclos futuros de alta produtividade de cana, não tenham seu plantio renovado, e pior, os produtores decidam levar mais áreas para os grãos.

Para isso não acontecer, e a falta de cana, que foi um problema na safra passada e será ainda maior no período que se iniciou no dia primeiro de abril, não continuar se acentuando, é preciso que os elos da cadeia sentem e conversem para traçar acordos onde todos ganham, pois seria um grande desperdício perder a onda de bons preços do açúcar e o futuro brilhante do etanol por pura falta de entendimento.

Marino Guerra

Plantio realizado em maio do ano passado (foto feita em setembro), onde a cana passou por condições climáticas extremas, mas pelo fato de não ter produzido colmos na estiagem, suas folhas permaneceram vigorosas esperando as primeiras gotas de chuva para iniciar o processo de crescimento

Estratégia “seja o que deus (e a sabedoria) quiser”

Plantar no seco exige conhecimento técnico e muita fé

Por mais avanço tecnológico que se possa ter, pode-se evoluir por mais cinco séculos, mas rezar sempre será uma função do agricultor.

As duas táticas anteriores (abrir mão da renda dos grãos para plantar cedo e deixar a área sem cana por um ano) ganharam muito volume perante tudo que aconteceu da seca de primavera para cá, mas a opção da grande realidade da maioria dos fornecedores de cana e usinas é a de encarar a cova seca e esperar que alguma água caia dos céus, ou apareça alguma forma de irrigação.

E ela chegou, para alguns afortunados que haviam executado o manejo até o dia sete de abril em dois triângulos, um formado por Barretos, Severínia e Bebedouro e o outro correspondente a algumas áreas do mineiro, onde a precipitação foi acima dos 20 mm, quantidade considerada o mínimo para garantir a brotação do novo canavial.

Até o fechamento desta edição, o mês de abril já havia atingido a sua metade, e a previsão era simplesmente assustadora, tendo algumas previsões para o dia 20 e outras mais para o final do mês que apontam para chuvas volumosas, que podem variar entre 50 e 100 mm (nota do repórter: espero que quando estiver lendo este texto no mês de maio a chuva já tenha caído e eliminado as preocupações).

O que, considerando que depois do dia 20 de março não teve

precipitações consistentes, muitos lugares passaram mais de trinta dias com menos de 10 mm de chuva, elevando demais o risco de podridão das mudas e a perda do plantio.

No entanto, há produtores que sabem controlar muito bem esse risco, como os de Campo Florido-MG, que todos os anos começam a temporada de plantio a partir de 15 de abril estendendo o trabalho até meados de maio.

Porém, lá eles garantem a brotação trabalhando com um tripé de ações que suplementam a quantidade de umidade que faltar, são eles: uso de fungicidas, nutrição diferenciada e adoção de enraizadores e bioestimulantes; utilização de mudas cultivadas próximas das áreas de reforma (cantosi) com no máximo dez meses de idade e pouco, senão nenhum, revolvimento da terra.

A explicação é que garantindo somente a brotação, a planta passará o período de stress hídrico sem gastar energia para produzir colmos (pois a sua reserva de água não permite fazer mais nada senão sobreviver), fazendo com que suas folhas fiquem sadias para que, quando as águas vierem, a estrutura da planta estará pronta para o crescimento, e não perder tempo para repor a massa verde e depois crescer. Além é claro que não correr o risco de encarretelar os primeiros colmos, o que prejudica a produtividade e principalmente as que serão mudas.

Embora a adoção dos insumos no suco de plantio já esteja bem disseminada, ainda muita gente insiste em adubar fazendo o padrão (fórmulas cheias como 5-25-25 ou 5-20-20 e MAP) usando o KCL no quebra-lombo, contudo há relatos de produtores, pensando na redução do custo de adubagem, cortando o MAP e KCL, o que com certeza trará consequências na hora de medir a produtividade.

Situações antagônicas também vivem as áreas onde foi adotada a meiosi, produtores que participaram da reportagem de capa do mês de outubro de 2020 (edição 172) conseguiram relativo sucesso nas suas empreitadas.

Localizada em Pontal-SP, a fazenda Paineiras, propriedade da MRD Agropecuária e tem a gerência de Agenor Souza Reis (mais conhecido como Fikim) conseguiu fazer a sua desdobra tendo como importante ferramenta a fertirrigação que tem acordada com a unidade industrial que fornece cana.

Em Batatais, na Fazenda Bom Destino, o engenheiro agrônomo Antônio Josino Meirelles, e sua equipe tiveram um bom desempenho na linha mãe formada com a RB96-6928, contudo a área que foi utilizada a RB01-5935 sofreu e não conseguiu o suficiente para atingir a desdobra. Vale ressaltar que havia ainda uma sobra da cantosi de MPB que deu para finalizar o plantio.

Já em Serrana, na operação do Paulo e André Junqueira, como a desdobra eram para quatro linhas e o trabalho de agricultura de precisão feito de maneira intensa, a desdobra também foi um sucesso.

Mas nem tudo são flores, em muitos casos as linhas mães sentiram a falta de chuva e os produtores não conseguiram irrigar o tanto que era necessário, até porque a seca perdurou por um bom tempo, de forma que as desdobras ficaram longe de conseguir preencher as áreas que foram planejadas, fazendo com que muita gente partisse numa busca, sem muitos critérios, inclusive de sanidade e perfil genético, por mudas.

Ao longo da narração desse cenário de algumas medidas espetaculares em meio a um caos é certo que a estiagem ainda será lembrada por muito tempo, principalmente pelas quebras na produtividade, mas a grande notícia é que o canavieiro está aprendendo a lidar com os problemas climáticos e que num futuro próximo poderá ser igual o que está acontecendo com a soja, o clima castiga e mesmo assim, os recordes são quebrados.

Análise eficaz e segura!

O laboratório de solos da **Copercana** fornece uma análise completa do Plano de Aplicação de Vinhaça (PAV).
Com um trabalho realizado por profissionais bem treinados e capacitados para ajudá-lo, estamos sempre prontos a atendê-lo.

Solicite um orçamento!

COPERCANA
LABORATÓRIO DE SOLOS

www.copercana.com.br
(16) 3946.4200 - Ramal 235
Whatsapp (16) 9 9727 1661
Sertãozinho/SP

Ensaios ABNT NBR ISO/IEC 17025 — CRL 1067

Ensaios ABNT NBR ISO/IEC 17025 — CRL 1067

A APRESENTAÇÃO
QUE SEU
EQUIPAMENTO
MERECE!

fusion
CREATIVE STUDIO
Hiper-realismo em 3D como nunca se viu!
Conheça mais sobre nossos projetos.
www.fusionstudio.com.br
16 99611.8682
RGB
GROUP

Marino Guerra

Raio-X da piscicultura brasileira

Ritmo de crescimento anima setor a buscar mais uma medalha de ouro para o Brasil nas Olimpíadas do fornecimento mundial de alimentos

No mês de março, a Peixe BR (Associação Brasileira de Piscicultura), publicou a edição de 2021 do seu anuário, documento que reúne as principais informações de produção, comerciais e conjunturas que influenciam a atividade.

O documento traz que em 2020 foram produzidas 802 mil toneladas de peixe de cultivo, crescimento de 5,93% em relação ao período anterior, quando se produziu 758 mil toneladas.

Ao fazer o recorte de um período mais longo, pegando informações desde 2014 (primeira vez que o levantamento foi realizado), a evolução foi de 38,75% ou uma média de 6,45% ao ano.

Quanto às espécies, a tilápia é a grande líder, representando seis em cada dez peixes criados no país e com um percentual duas vezes maior em relação ao setor como um todo, registrando 12,5% (486 mil contra 432 mil toneladas).

Os peixes nativos, segundo segmento mais importante, reduziram em 3,2% (278 mil toneladas) fator ocorrido, segundo a associação, pela falta de investimentos nos principais estados produtores, regras ambientais claras em alguns, dificuldade logística e de comercialização (metade da produção fica na região Norte, distante dos grandes centros urbanos).

Essa retração é um efeito que acontece desde o comparativo 17-18, quando a baixa foi de 4,7%, ficando estável no ano seguinte.

Contudo, há uma possibilidade de reversão no cenário em 2021, tendo em vista o último trimestre de 2020, quando houve uma consistente recuperação dos preços pagos ao produtor, o que pode, se a segunda onda da pandemia não atrapalhar, atrair investimentos, inclusive diminuindo a concentração regional, isso porque todos os estados brasileiros têm condições de crescimento em suas operações de peixes nativos.

A tilápia é o carro-chefe da piscicultura nacional

Ainda de maneira tímida, as outras espécies (principalmente truta, carpa e pangasius) também evoluíram na casa dos dois dígitos (10,9%) com destaque para e evolução do "panga" no nordeste, em especial no Maranhão, que com ele conseguiu figurar no Top 5 dos maiores produtores nacionais.

Falando em lideranças estaduais, o Paraná segue líder ampliando em quase 20 mil toneladas sua produção, impulsionado com a alta de 11,5% na tilápia. O material aponta que o círculo virtuoso atingido pelo estado se deve à entrada de grandes cooperativas agropecuárias no setor.

Com um crescimento menor (6,9%), o estado de São Paulo se manteve como segundo principal polo em grande parte pela modernização na regulamentação ambiental nos últimos dois anos, tornando mais seguro investir naquele que é o melhor lugar, sob o ponto de vista logístico, por abrigar o maior número de consumidores do país.

Maior produtor do mundo em duas décadas

O cenário macro pode mascarar um ano que foi demasiadamente complexo. Num breve exercício de memória é fácil recordar que a pandemia se tornou uma realidade para os brasileiros há menos de um mês da semana santa (o natal para quem trabalha com peixes) o que gerou uma queda desenfreada das vendas, ligando o sinal vermelho em todos os elos da cadeia.

A tensão terminou somente no segundo semestre quando a marcha do consumo ganhou um ritmo consistente de modo que as perdas fossem cicatrizadas a ponto de fechar o exercício no azul.

Pensando na conjuntura fora a pandemia, a pressão dos custos de ração foi um fator que impediu o ganho das margens e que, vendo a tendência de preços, principalmente da soja e milho, esse deverá permanecer um ponto tensionado em 2021.

Como tudo está ligado, a explosão da demanda interna e o problema das rações, fez com que pela primeira vez o setor registrasse um crescimento abaixo dos dois dígitos, o que levou a indústria optar por reduzir o volume das exportações na segunda metade do ano.

Assim, as vendas internacionais cresceram 8% em volume (6,6 mil toneladas) e 4,4% em dinheiro (US$ 11,7 milhões), é válido registrar que o resultado positivo monetário foi devido à desvalorização cambial, pois no valor por quilo, em 2019 o preço foi de US$ 1,80, enquanto que nos doze meses posteriores o valor pago médio foi de US$ 1,74.

Ao olhar esses valores se tem um susto, pois o preço do quilo que se paga nos supermercados e peixarias é bem maior, mas analisando a divisão de produtos se vê que mais de 60% do que é enviado ao exterior são óleos, gorduras e subprodutos impróprios para a alimentação, que valem centavos.

O que explica o percentual abaixo de 1% do total produzido e evidencia que as exportações precisam evoluir, tanto na tilápia, que hoje praticamente domina o segmento, mas também com espécies nativas, que com um trabalho de abertura de mercado bem feito, podem agregar valor como representantes gastronômicos da exuberância natural nacional, como é por exemplo o caranguejo real ou até mesmo o famoso bacalhau legítimo do porto.

Quanto aos países compradores, o EUA é disparado o principal mercado consumidor, em 2020 compraram algo em torno de US$ 6 milhões, com elevação de 20% no faturamento. Mas a região do globo que mais aumentou as compras foi a América Andina, em 2019 nossos vizinhos investiram US$ 1,1 milhão, enquanto que em 2020 as compras

O tambaqui é uma espécie que pode agregar muito valor no mercado internacional por ser nativo da Amazônia

saltaram para US$ 2,8 milhões, evolução de 138%.

O destaque negativo ficou por conta da China e Japão, que registrou queda de quase 50% no montante comercializado.

A tímida influência internacional mostra que o setor tem um mercado enorme a ser explorado, principalmente se olhar para a virada do século, quando simplesmente não havia exportação e internamente não figurava no quadro nacional das principais proteínas animal.

Ao ler os números dessas duas décadas, principalmente no comparativo com as outras criações mostra uma forte aceleração da piscicultura, para se ter ideia, a pecuária de corte evoluiu 53%, a avicultura 174%, a suinocultura 72%, enquanto que a criação de peixes subiu 400%.

E os dados de consumo mostram o imenso campo interno que há para evoluir. Por ano, um brasileiro come 42 quilos de frango, 30 quilos de boi, 15 quilos de porco e somente quatro quilos de peixe, considerando as questões de melhoria na qualidade de alimentação, somado a uma queda de preço conforme o escalonamento da produção e o aumento na concorrência internacional pela compra dos produtos advindos da pecuária de corte (inflacionando o valor no mercado interno), não é absurdo esperar que a piscicultura atinja no mínimo 25% do prato do brasileiro, ou 15 refeições (almoço ou jantar) por mês.

Para atingir essa realidade, é preciso melhorar diversas condições no ambiente de negócio. Em dezembro, o Governo Federal e o Ministério da Agricultura deram um gigante passo no sentido de tornar a regulamentação mais moderna com a liberação de 73 áreas de águas da união para a atividade.

A piscicultura nacional está em plena atividade com energia para ocupar seu espaço dentro do competitivo ranking de proteína animal do mercado interno e principalmente para ganhar projeção nos pratos de todo mundo.

Estudos apontam que a medida pode multiplicar por cinco a produção nacional de tilápia em uma década, fazendo com que ela atingisse o patamar de 2,5 milhões de toneladas, o que significa 500 mil toneladas a mais em relação ao que a China (líder do ranking) produziu em 2020.

Um breve resumo do potencial nacional está em Tocantins, estado que tem potencial de 500 mil hectares de lâmina de água disponível para a piscicultura e que atualmente somente 1% é utilizado, ou seja, considerando que em 2020 se produziu em torno das 14 mil toneladas, ao aproveitar metade da área, somente lá será dobrada a produção nacional de 2020 da espécie.

Outro exemplo é o de Minas Gerais, que espera avanços na legislação ambiental estadual para poder tornar produtivas as águas de seu mar, principalmente os lagos de Furnas e Peixoto.

Com mercado e área, fica somente a cargo do produtor brasileiro colocar o Brasil na primeira colocação da piscicultura mundial, alguém duvida da sua capacidade?

SUMITOMO CHEMICAL
CONSTRUA O SEU CANAVIAL COM PROGIBB® E PREPARE-SE PARA A MÁXIMA PRODUTIVIDADE
ProGibb®
REGULADOR DE CRESCIMENTO
Aumento Expressivo de TCH
+TCH
Melhor Desenvolvimento dos Colmos
Aumento Direto na Produtividade
SOLUÇÕES DIRETAS
PRODUTIVIDADE E QUALIDADE
ETANOL
SUMITOMO CHEMICAL
SAC 0800 725 4011
SOLUÇÃO ÁGIL AO CLIENTE
sumitomochemical.com
ATENÇÃO ESTE PRODUTO É PERIGOSO À SAÚDE HUMANA, ANIMAL E AO MEIO AMBIENTE; USO AGRÍCOLA; VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO; CONSULTE SEMPRE UM AGRÔNOMO, INFORME-SE E REALIZE O MANEJO INTEGRADO DE PRAGAS; DESCARTE CORRETAMENTE AS EMBALAGENS E OS RESTOS DO PRODUTOS; LEIA ATENTAMENTE E SIGA AS INSTRUÇÕES CONTIDAS NO RÓTULO, NA BULA E NA RECEITA; E UTILIZE OS EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL.

SUMITOMO CHEMICAL

SUMYZIN® 500 SC

Flexibilidade que combina com o seu manejo.

O herbicida ideal para dessecação, plantio, quebra-lombo e cana-soca.

Capim-Colchão

Capim-Colonião

Corda-de-Viola

SUMITOMO CHEMICAL | SOLUÇÃO ÁGIL AO CLIENTE
SAC 0800 725 4011
sumitomochemical.com

ATENÇÃO ESTE PRODUTO É PERIGOSO À SAÚDE HUMANA, ANIMAL E AO MEIO AMBIENTE; USO AGRÍCOLA; VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO; CONSULTE SEMPRE UM AGRÔNOMO, INFORME-SE E REALIZE O MANEJO INTEGRADO DE PRAGAS; DESCARTE CORRETAMENTE AS EMBALAGENS E OS RESTOS DO PRODUTOS; LEIA ATENTAMENTE E SIGA AS INSTRUÇÕES CONTIDAS NO RÓTULO, NA BULA E NA RECEITA; E UTILIZE OS EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL.

Marino Guerra

IATF: Já é hora para começar a se preparar

Manejo de reprodução exige ações antecipadas do criador

Com o preço do bezerro chegando aos R$ 3,2 mil (cotação Cepea/Esalq – Mato Grosso do Sul do dia 07 de abril) o pecuarista que trabalha com cria precisa aproveitar o momento conseguindo a melhor produtividade de seu plantel.
E o IATF (Inseminação Artifical em Tempo Fixo), técnica que pré-determina o dia e a hora que as fêmeas serão inseminadas sem a necessidade de observar o cio, é hoje a opção para se conseguir o maior sucesso (vacas prenhes) num menor espaço de tempo de trabalho.

Athos Pastore orienta sobre as medidas que já precisam ser tomadas para o criador que optará pelo IATF como estratégia de reprodução do seu rebanho

É possível fazer lotes de 150 animais pela manhã e 150 fêmeas à tarde, totalizando a inseminação de 300 fêmeas por retiro.
Contudo, o médico veterinário Ph.D e diretor técnico da Androvet, Athos de Assumpção Pastore, lembra que as vacas precisam estar com a saúde em dia e terem sido bem alimentadas para terem condições de um bom resultado num período de tempo curto (chamado de "estação de monta") que corresponde com a época das chuvas.
Ele ainda ressalta que o produtor precisa ter protocolos hormonais (hormônios responsáveis pela sincronização da ovulação), uma assistência técnica veterinária especialista, escolha do sêmen adequado e um inseminador experiente.
"Se todos os elos estiverem bem, o resultado é aproximadamente 50% de prenhes com o uso de uma dose de sêmen, ou seja, é possível emprenhar uma grande quantidade de vacas no início da estação reprodutiva, isso faz com que os bezerros nasçam em um período adequado e suas mães tenham uma fase de puerpério (pós-parto) maior, dando mais chances de elas serem emprenhadas cedo, no início da estação de monta seguinte", explica Pastore.
Sendo assim, já é tempo de buscar a compra do sêmen, protocolos hormonais e todos os insumos para execução do manejo, isso porque além de garantir os materiais de melhor qualidade, se antecipando, há condições comerciais bem favoráveis.

De olho no peso

Outra atenção que precisa ser disposta ao plantel das fêmeas é quanto ao seu escore corporal, sendo que tanto animais muito magros ou muito gordos tendem a ter maior dificuldade para emprenhar.
"Nessa época (maio), é muito importante que o pecuarista fique atento com a alimentação dos animais, tendo em vista que chegará a época seca e as pastagens diminuem, para isso é necessário concentrar as energias na programação para que as fêmeas que irão entrar em reprodução tenham a condição de escore corporal desejada. Esse cuidado tem que ser constante, pois deixar para se preocupar com isso muito perto da estação reprodutiva, não haverá tempo hábil para se chegar no estado ideal", disse Pastore.
Para este ano, o quesito alimento se torna ainda mais importante, isso em decorrência do verão seco (interior paulista e triângulo mineiro), o que prejudicou o desenvolvimento dos pastos e o alto custo das rações influenciado pela disparada no preço da soja e milho. Dessa forma, buscar uma alimentação saudável e não tão cara para seu rebanho se tornou a preocupação número um.

TRATO FORTE COCRED.

O INVESTIMENTO CERTO PARA UMA COLHEITA DE RESULTADOS.

cocred.com.br
sicoobcocred

Ouvidoria - 0800 725 0996 - Atendimento seg. a sex. das 8h às 20h.
www.ouvidoriasicoob.com.br
Deficientes auditivos ou de fala - 0800 940 0458.

Já está pensando no futuro do seu negócio e precisa de uma **linha de financiamento específica para tratores e GPSs**? Então agora você tem: **Trato Forte Cocred**, com ele você garante o solo fértil da produtividade e uma safra de ótimos resultados*.
✓ Sem incidência de IOF diário;
✓ Financiamento de até 100% de tratores e colheitadeiras;
✓ Até 5 anos para pagar;
✓ Pagamento da 1ª parcela em até 2 anos;
✓ Condições especiais para produtores rurais.
Fale com o seu gerente e prepare-se para um campo vasto de possibilidades.
*Sujeito à análise de crédito.
SICOOBCOCRED
Vem crescer com a gente.

CANAOESTE

Coluna de Mercados "engenheiro agrônomo Manoel Ortolan"

Agora o clima é a variável de maior impacto

Reflexões dos fatos e números do agro em março e o que acompanhar em abril

* *Marcos Fava Neves*
** *Vítor Nardini Marques*
*** *Vinícius Cambaúva*

Na economia mundial e brasileira

- Na economia brasileira, o relatório Focus (Bacen) de 05 de abril, traz expectativas para o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) de 2021, em 4,86% e, para 2022, em 3,61%. O PIB (Produto Interno Bruto) deve fechar este ano com crescimento de 3,17% e 2,33% em 2022. Já para a taxa Selic são esperados 5% e 6%, respectivamente, e no câmbio, R$ 5,35 no final de 2021 e R$ 5,25 no final de 2022. Março foi um mês de seguidas deteriorações nestes indicadores.

No agro mundial e brasileiro

- No cenário internacional, o USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) projetou a safra mundial de soja do ciclo 2020/21 em 361,82 milhões de toneladas. Para o Brasil, é esperada uma produção de 134 milhões de toneladas da oleaginosa, enquanto os EUA e a Argentina devem produzir, respectivamente, 112,55 e 47,5 milhões de toneladas. Com isso, os estoques finais globais do grão devem ser de 83,74 milhões de toneladas. No milho, a estimativa é de uma produção de 1,14 bilhão de toneladas, com estoques finais de 286,67 milhões. A projeção do órgão americano é que os EUA produzam 360,25 milhões de toneladas (31,6%); Brasil, 109 milhões (9,6%); e a Argentina, 47,5 milhões (4,2%). Os estoques estão ficando

menores, refletindo nos preços firmes dos grãos.

- Mas neste mês de abril, o USDA agitou os mercados ao vir com estimativas de plantio sensivelmente menores que as esperadas pelo mercado. No caso do algodão, na safra 20/21 plantaram 4,9 milhões de hectares, enquanto o mercado esperava 4,85 milhões e a estimativa foi de 4,87 milhões. Para a soja, a área na safra 20/21 foi de 33,63 milhões de hectares, o mercado esperava 36,42 milhões e a estimativa foi 35,45 milhões. Finalmente, no milho, na safra 20/21 a área foi de 36,75 milhões de hectares, o mercado esperava 37,72 milhões e a estimativa veio em 36,87 milhões. Em resumo, tanto a área de soja quanto a de milho ficaram cerca de 1 milhão de hectares menor que a esperada pelo mercado.
- O boletim Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) do mês de março estima safra recorde de grãos para o ciclo 2020/21 com produção de 272,3 milhões de toneladas, 6% superior em relação ao ciclo passado; enquanto a área plantada deve totalizar 68,3 milhões de hectares (+3,6%). Na soja, são esperadas 135,1 milhões de toneladas (+8,2%) em uma área de 38,5 milhões de hectares (+4,1%). No milho primeira safra, a produção deve totalizar 23,5 milhões de toneladas (-8,6%), com área de 4,28 milhões de hectares (+1,1%), e o volume total das três safras deve chegar a 108,1 milhões de toneladas, um crescimento de 5,4%. O algodão, por sua vez, deve produzir 2,51 milhões de toneladas de pluma (-16,4%), com queda acentuada devido à redução na área de plantio, estimada em 1,42 milhão de hectares (-14,5%). Por fim, no trigo, as estimativas apontam 6,43 milhões de toneladas (+3,3%) em uma área plantada de 2,39 milhões de hectares (+3,6%).
- Em fevereiro, as exportações do agro atingiram US$ 6,47 bilhões, aumento de 2,8% frente ao mesmo mês do ano anterior, de acordo com o Mapa (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). O segmento de maior destaque no mês (26,1% do total) foi o complexo soja com vendas em torno de US$ 1,13 bilhão, ainda que o valor represente queda de 33,1% nas receitas, quando comparadas ao ano anterior, em virtude dos atrasos na colheita. Na segunda colocação, o segmento de carnes (19,8%) vendeu US$ 1,28 bilhão (-1,2%); na carne bovina foram US$ 551,1 milhões, uma redução de 1,5%; no frango, as vendas foram de US$ 510,9 milhões (-6,7%); e a carne suína, por sua vez, foi a única que apresentou crescimento e ainda bateu recordes nas exportações do mês, fechando em US$ 184,3 milhões. O terceiro segmento que mais exportou foi o de produtos florestais (13,1%), fechando o mês com receita em torno de US$ 846,3 milhões (+3,0%). Na sequência está o setor sucroalcooleiro (10,5%), com a maior expansão mensal entre todos os segmentos, atingindo US$ 681,0 milhões (+44%). Por fim, na quinta colocação, ficou o café (7,0%), com US$ 453,7 milhões exportados (+7,7%). As importações do agro foram de US$ 1,22 bilhão (+14,9%) para o mês, o que resultou um saldo mensal na balança comercial de US$ 5,24 bilhões (-16,6%).
- Os atrasos da colheita de soja em virtude das condições climáticas impactaram a exportação do grão para o mercado chinês. De acordo com dados da Administração Geral de Alfândegas, a China importou 1,03 milhão de toneladas da oleaginosa do Brasil entre janeiro e fevereiro deste ano, enquanto no ano passado os volumes alcançavam a marca de 5,14 milhões de toneladas. Com a menor oferta brasileira, o país asiático recorreu aos EUA para aquisições de soja em volume de 11,9 milhões de toneladas, quase o dobro do que foi adquirido no mesmo período de 2020. Em março, no entanto, as exportações de soja e açúcar foram em ritmo acelerado. Relatórios apontam que 8,82 milhões de toneladas de soja estavam previstas para embarcar em Santos e Paranaguá em março, 27% a mais que o mesmo mês de 2020. Para o açúcar, o percentual é ainda maior; são 71% a mais que 2020, com 1,27 milhão de toneladas.
- A CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária no Brasil) estimou o VBP (Valor Bruto da Produção) Agropecuária no Brasil, para 2021, em R$ 1,142 trilhão; aumento de 15,8% em relação ao ano passado. No total, as cadeias da agricultura devem registrar R$ 759,25 bilhões (+19%) e as da pecuária R$ 383,45 bilhões (+9,8%). Preços favoráveis e boa previsão de safra são os fatores que impulsionam esse resultado.
- Em 2020, a agropecuária manteve sua posição de propulsionadora da economia brasileira. O PIB do segmento avançou 2% em relação a 2019, enquanto os demais setores (indústria e serviços) tiveram resultados negativos, de acordo com dados divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Dessa forma, a participação da agropecuária no PIB brasileiro avançou de 5,1%, em 2019, para 6,8% em 2020. Olhando para o horizonte de 2021, a CNA estima um incremento de 2,5% no PIB agropecuário.

- A população ocupada no agronegócio brasileiro totalizou 17,3 milhões de trabalhadores no ano de 2020, uma queda de 5,2% em comparação a 2019, segundo levantamento divulgado pelo Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada). No entanto, o número de pessoas ocupadas no Brasil como um todo reduziu 7,9% em 2020, fazendo a participação do agronegócio aumentar de 19,5% para 20,1% no total da população ocupada.
- De acordo com estudo realizado pela Embrapa, o agronegócio brasileiro é responsável por alimentar quase 800 milhões de pessoas no mundo todo. Além da própria população nacional, o alimento aqui produzido é fonte de energia para outras 560 milhões de pessoas em outras nações.
- No mercado futuro de milho, os preços na Bolsa de Chicago atingiram grandes altas, e no fechamento desta coluna estava em US$ 5,6/bushel. O aumento na demanda global pelo grão e a retomada na produção de etanol nos EUA devem impulsionar ainda mais a demanda pelo grão, e o cenário de preços elevados pode se renovar. Segundo a Goldman Sachs, os preços futuros devem voltar aos US$ 5,79 por bushel nos próximos 12 meses.
- A alta dos preços dos grãos tem ocasionado aumentos significativos no custo de produção de aves e suínos. De acordo com dados da Embrapa, os avicultores tiveram alta de 6,89% no seu custo de produção em fevereiro, enquanto suinocultores observaram incremento de 3,74% em comparação a janeiro. Nos últimos 12 meses, o ICPFrango (índice que mede o custo da produção) já acumula alta de 48,30%, e o ICPSuíno de 48,74%, chegando a valores recordes (nominais).
- O agronegócio deverá ganhar competitividade pela criação do FIAgro (Fundos de Investimento do Setor Agropecuário), medida possibilitada pelo novo projeto de lei aprovado pelo Senado. A proposta visa criar um instrumento, nos mesmos moldes de fundos imobiliários, para financiar a atividade agropecuária no país, permitindo que pessoas físicas e instituições adquiram cotas de fundos, democratizando os investimentos no setor. Alguns vetos colocados restringem o alcance do projeto, e poderiam ser derrubados.
- Ainda na agenda política do setor, o Confaz (Conselho Nacional de Política Fazendária) decidiu pela prorrogação do Convênio 100, que reduz a base de cálculo de ICMS sobre defensivos, sementes e outros insumos agrícolas comercializados entre estados. No entanto, os fertilizantes não escaparam do aumento de impostos e terão uma alíquota progressiva, iniciando no próximo ano (2022) em 1%, subindo gradualmente outro 1% ao ano até 2025. Estimativas da AmaBrasil (Associação dos Misturadores de Adubo do Brasil) projetam que, com a medida, haverá um repasse de custos na ordem de R$ 4 bilhões/ano para o agricultor.
- Em relação aos fertilizantes, de acordo com previsões da StoneX, as entregas desses insumos devem totalizar o volume de 41,8 milhões de toneladas em 2021, crescendo 6% frente ao ano anterior. Os volumes são reforçados pela perspectiva de safra recorde em 2020/21 e elevados preços das commodities. Atualmente, 43% dos compromissos envolvendo os fertilizantes já foram negociados. As importações de fertilizantes no Brasil em janeiro e fevereiro foram 50% superiores as de 2020.
- A Frísia, cooperativa mais antiga do Paraná, obteve faturamento recorde de R$ 3,7 bilhões em 2020, crescimento de 27,6% frente ao valor de 2019.
- Os investimentos da Nutrien no Brasil devem alcançar US$ 1 bilhão até 2024. Grande parte desse montante será destinada para a ampliação de suas lojas que, hoje, somam 24 unidades mas devem atingir 100 até 2022 com a abertura de novos pontos. A operação no Brasil faturou R$ 1,8 bilhão em 2020, evidenciando crescimento de 300% em dois anos.
- A JBS anunciou um plano para neutralizar suas emissões líquidas de carbono até 2040, tornando-se pioneira em definir compromissos dessa magnitude no setor frigorifico. A empresa pretende investir US$ 1 bilhão até 2030 em projetos que reduzam e/ou compensem suas emissões, podendo usar os créditos de carbono para atingir tais objetivos.
- Uma parceria entre Orbia e Bunge viabilizou a comercialização de mais de 75 mil toneladas de soja de forma 100% digital em apenas três meses de operação. Por meio da parceria, o agricultor pode optar por vender seus grãos disponíveis ou até mesmo realizar operação de barter, tudo de forma eletrônica. Um passo importante rumo à transformação digital.
- Uma plataforma de comércio on-line de hortifrútis da China alcançou a marca de 788,4 milhões de compradores ativos em 2020, superando até mesmo o gigante Alibaba. Trata-se da chinesa Pinduoduo, empresa que cresceu 97% no último ano e atingiu faturamento de US$ 9 bilhões. Apesar dos bons resultados, a companhia ainda não atingiu o break-even, somando prejuízo

de US$ 1 bilhão em 2020.

- No fechamento desta coluna, a soja, para entrega em cooperativa de São Paulo, estava em R$ 165/saca para abril de 2021 e R$ 152/saca para abril de 2022. Há um ano estava em R$ 85/saca. No caso do milho, atualmente está em R$ 92/saca; R$ 71/saca para entregas em agosto de 2021, e R$ 66/saca para agosto de 2022. Há um ano, o milho estava em R$ 50/saca. O algodão está em R$ 151/arroba, contra R$ 92 do ano passado. No boi, a arroba era negociada em mais de R$ 320. Foi mais um mês de aumento de preços.

Os cinco fatos do agro para acompanhar diariamente em abril são:

a) A colheita da primeira safra está praticamente encerrada. A preocupação agora é com o clima na segunda safra de milho, já que o plantio atrasou. Estima-se que no Estado de Mato Grosso, 45% foram plantados fora da janela ideal. Com o aperto na oferta mundial de grãos, os preços atuais, e principalmente a necessidade de milho para ração animal e produção de etanol, são pontos sensíveis agora na produção brasileira;

b) Demanda mundial: as importações na Ásia e outros países em carnes, grãos e demais produtos, além de um possível novo surto de peste suína africana na China a ser observado;

c) A gravíssima crise da Covid-19 no Brasil, o andamento do processo de vacinação, os mecanismos de apoio e a garantia de renda, e a performance consequente do mercado consumidor de alimentos e combustíveis;

d) As expectativas de plantios, áreas e produtividades da mega safra norte-americana. Qualquer problema climático será grave aos preços. Aparentemente, o excesso de chuvas pode trazer atraso nos plantios e as estimativas de áreas são menores que o esperado pelo mercado.

e) Para fechar, o Adido do Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) estimou que o Brasil terá uma área plantada de soja na safra 2021/22 de 40 milhões de hectares, contra os atuais 38,5 milhões. A produção deve ser de 141 milhões de toneladas (135 milhões nesta safra) das quais 87 milhões serão exportadas. Nas últimas cinco safras, a área cresceu quase 5 milhões de hectares. No caso do milho, a projeção é que a produção cresça para 114 milhões de toneladas em 20 milhões de hectares. Para o algodão, a área voltará a ser de 1,6 milhão de hectares. É realmente um período de forte expansão que teremos pela frente, criando muitas oportunidades às pessoas.

Reflexões dos fatos e números da cana em março e o que acompanhar em abril

Na cana

- Na primeira quinzena de março, a moagem de cana-de-açúcar na região Centro-Sul totalizou apenas 1,67 milhão de toneladas, de acordo com dados da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar). O fim do ciclo 2020/21 se aproxima com uma moagem acumulada de 600,47 milhões de toneladas, 3,02% superior àquela obtida na safra anterior. O mix está em 46,16% para o açúcar e pode alterar apenas algumas casas decimais, visto que faltam os dados dos últimos 15 dias para o fechamento do ciclo. Já o ATR deve consolidar um aumento de 4,3%, já que alcançou 144,97 kg/tonelada contra 138,95 kg/tonelada da safra passada. A Unica estima que, até 15 de abril, 169 usinas devem iniciar sua operação para a próxima safra na região, contra 180 usinas registradas no mesmo período do ano passado.
- De acordo com a Datagro, o próximo ciclo (2021/22) deve registrar um processamento de 586 milhões de toneladas, 3,5% inferior ao esperado para o atual ciclo (2020/21), com projeção de moagem de 607 milhões de toneladas. A diminuição da produção está relacionada às chuvas irregulares no Centro-Sul e precipitação 20% inferior à média em São Paulo. Com relação ao ATR, a nova safra da região Centro-Sul deve obter 141,20 kg por toneladas de cana, valor 2,4% inferior ao ciclo 2020/21. Finalmente, o mix deve ser levemente mais açucareiro que o atual, com 46,5% voltado para o adoçante.
- A StoneX aponta uma moagem de 586,1 milhões de toneladas de cana (-2,6%) com ATR de 139,7 kg por tonelada, 3,5% inferior a 2020/21 com mix de 46,3% para o açúcar. A Archer estima 574 milhões de toneladas, 4,3% menor, devido ao clima.
- Uma análise feita pela Spark Inteligência mostrou que o setor sucroenergético demandou, em 2020, 3,8% a menos em defensivos para a cultura em dólar do que em 2019; foram US$ 1,4 bilhão em produtos. No

entanto, os valores em reais apontam um aumento de 7,6% nas vendas, de R$ 5,5 bilhões para R$ 5,9 bilhões. A baixa no resultado em dólar pode ser explicada pela desvalorização da moeda brasileira ao longo de 2020. Entre as categorias de defensivos, os herbicidas representaram 53% do total em 2020; seguido pelos inseticidas, com 39%; dos reguladores de crescimento, com 4%, e dos fungicidas, com 3%.

- Um estudo feito pela Esalq-USP mostrou que a conversão de áreas de pastagens degradadas em cultivo de cana-de-açúcar pode remover entre 1 e 2 toneladas de carbono por hectare a mais em um ano, além de contribuir para a recuperação do solo. Segundo os pesquisadores, a conversão de 1% da área de pastagens degradadas no Brasil seria suficiente para aumentar a produção de cana em 20%, fora o incentivo à expansão na oferta de biocombustíveis nos mercados interno e externo. Apenas 0,6% do aumento de áreas para cana-de-açúcar se deu em vegetação nativa nas últimas décadas, enquanto mais de 70% foram em áreas de pastagens.
- Outro estudo feito por pesquisadores da Embrapa Territorial (Evaristo de Miranda e Paulo Martinho), aponta que entre 2009 e 2019, a área cultivada com cana-de-açúcar cresceu 14,3% no país. 43 microrregiões respondem por 75% da produção em 2019, o que antes eram 45 microrregiões. São Paulo continua sendo o principal Estado produtor, mas perdeu participação para os demais, mesmo com aumento na produção: antes era 56,3% e agora 54,8%. Por outro lado, os cinco maiores estados produtores (SP, MG, PA, GO e AL) ampliaram de 81,9% (2009) para 86,6% da produção total nacional. Por fim, a produtividade teve queda de 4,7% no período, passando de 78,2 para 74,5 toneladas por hectare, em função da descapitalização das usinas nos últimos anos frente às crises enfrentadas pelo setor.

No açúcar

- De acordo com a Unica, a produção açucareira da região Centro-Sul alcançou o volume de 38,28 milhões de toneladas, valor que supera o recorde obtido na safra 2017/18 de 35,89 milhões de toneladas, representando ainda um acréscimo de 44,29% em relação ao montante produzido no ciclo passado.
- Considerando os últimos doze meses (mar 2020 - fev 2021), as exportações do adoçante brasileiro totalizaram 31,6 milhões de toneladas, crescendo 69,2% frente ao mesmo período anterior. O preço médio, por sua vez, esteve 1,3% inferior.
- As usinas brasileiras já fixaram o preço de 85,75% do açúcar a ser exportado no ciclo 2021/22 (dados até fevereiro), segundo estimativa da Archer Consulting. Por sua vez, a Datagro estima que 80% a 82% das exportações já estejam travadas a um preço médio de R$ 1.480 por tonelada. No mesmo período do ano anterior, o volume fixado era de, aproximadamente, 64,7% da safra 2020/21. Dessa forma, as agroindústrias têm aproveitado os preços e adiantado o travamento.
- Segundo o Rabobank, a safra 2020/21 deve registrar um déficit de 2,8 milhões de toneladas de açúcar e um superávit de 1,5 milhão de toneladas no ciclo seguinte. Segundo o banco, a Austrália, a Tailândia e a União Europeia devem recuperar suas produções na safra 2021/22. Para o Brasil, a entidade estima uma moagem de 575 milhões de toneladas (-5,0%) e um mix de produção de 47% para o açúcar.
- Já a Datagro estima produção de açúcar no Brasil de 36,7 milhões de toneladas para a próxima safra (2021/22), queda de 4,7% frente ao ciclo anterior. A produção do adoçante só não será mais afetada porque um volume considerável de açúcar a ser exportado já está com preços fixados. Com isso, o mix deve ficar em 46,5% para açúcar. Já na perspectiva global, a Datagro projeta uma safra 2020/21 deficitária em 1 milhão de toneladas, enquanto que no próximo ciclo é esperado leve superávit de, aproximadamente, 1 milhão de toneladas.
- A estimativa da Archer é de 35,05 milhões de toneladas de açúcar em 2021/22, praticamente 3,3 milhões de toneladas a menos que a safra 20/21. A StoneX projeta 36,1 milhões de toneladas na safra 2021/22, 5,8% menor que a safra anterior, motivada por chuvas 25% abaixo da normalidade para o período.
- Um estudo divulgado pela trading inglesa Czarnikow apontou que pode haver um choque de oferta de açúcar no mercado global na safra 2022/23. Segundo a organização, que analisou as próximas cinco safras para o setor, o fato recente da OMC (Organização Mundial do Comércio) contestar os subsídios aplicados pelo governo da Índia, podem levar à redução ou até a extinção da ferramenta. Além disso, o governo indiano tem estimulado a indústria local na instalação de destilarias para produção de etanol, após a

aprovação da mistura do biocombustível à gasolina em 10% em 2022 e 20% até 2025.

- Ainda no mercado internacional, a maior produtora de açúcar da Europa, a Sudzucker, anunciou lucros operacionais na casa dos 230 milhões de euros, quase que o dobro dos 116 milhões do ano anterior. Recentemente, a empresa havia fechado fábricas na Alemanha, França e Polônia como estratégia para reduzir os custos da companhia.
- A Copersucar anunciou a compra integral da Alvean, joint venture formada entre a cooperativa e a Cargill, que lidera o mercado global de açúcar com 20% de participação total. Após a compra dos outros 50%, que está sob avaliação do Cade, a Alvean deve seguir como uma empresa independente e com gestão autônoma, fortalecendo ainda mais o seu negócio com o adoçante.
- Em 2020, a Copersucar representou 18% de todos os títulos de CBios comercializados, o que foi suficiente para que 3,1 milhões de toneladas de carbono deixassem de ser emitidas na atmosfera; o mesmo que seria assimilado por 22 milhões de árvores.

No etanol

- Dados consolidados da Unica revelam uma produção de quase 30 bilhões de litros do biocombustível, volume 8,56% inferior ao do ciclo 2019/20. Do volume total produzido, o etanol de milho representou 8,1%, com volume de 2,42 bilhões de litros produzidos a partir do cereal, um aumento de 60,85% em relação ao último ciclo.
- A comercialização de etanol pelas usinas da região Centro-Sul alcançou 2,45 bilhões de litros no mês de fevereiro, sendo 93% destinado ao mercado doméstico e 7% para exportações. No mercado doméstico, o anidro vendeu 731,61 milhões de litros, caindo 0,57% frente ao mesmo mês de 2020, enquanto foram vendidos 1,54 bilhão de litros (-0,30%) de hidratado.
- As exportações de etanol dos últimos doze meses (mar 2020 - fev 2021) já somam 2,75 bilhões de litros, com crescimento de 42,4% em relação ao período anterior. No entanto, os preços em dólar estão quase 15% inferiores.
- Para a safra 2021/22, a Datagro estima produção de etanol em 29,40 bilhões de litros, o que deve evidenciar queda de 4,1% sobre 2020/21. A StoneX projeta a safra 2021/22 em 25,8 bilhões de litros, 7,5% menor que a anterior. Seriam 16,6 bilhões de litros de hidratado, 12% a menos e, no anidro, 9,2 bilhões de litros, 2,1% maior. No total, com o etanol de milho teríamos 29 bilhões de litros.
- A ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) divulgou as metas de comercialização de CBios para 2021, que será de 24,86 milhões de títulos. Desse total, a BR Distribuidora deve comprar 26,3% (6,55 milhões de títulos), seguida pela Ipiranga, com 19% (4,71 milhões de títulos), e da Raízen, com 17,3% do total (4,3 milhões de títulos). Segundo o MME (Ministério de Minas e Energia), na segunda quinzena de março, 11,3 milhões de títulos de CBios já estavam em negociação na B3, o que representam 46% da meta para o ano. O Renovabio deve ganhar ainda mais força nos próximos anos em vista da regulação de precificação do carbono como commodity global, o que deve acontecer durante a COP-26, na Escócia, em novembro deste ano.

Para concluir, os cinco principais fatos para acompanhar em abril na cadeia da cana:

a) Observar o consumo de etanol hidratado com estes novos preços e a política de isolamento, que reduz o consumo de combustíveis. Ao fechar esta coluna, pelos dados da SCA, o litro do hidratado estava em R$ 2,88/l com impostos nas usinas, e o anidro a R$ 2,65/l. Tivemos grande queda nestes últimos 30 dias;

b) O barril do petróleo tipo Brent estava em US$ 62, ficando praticamente estável no mês. Observar seu comportamento agora em abril para saber os preços da gasolina;

c) O déficit de açúcar: ao fechar a coluna, o açúcar estava em 15,26 cents/libra peso na tela de maio de 2021. O consumo mundial deve aumentar com a vacinação e o crescimento econômico mundial, e a oferta maior deve vir do Brasil mesmo;

d) Os efeitos do clima sobre o canavial 2021/22, que está muito seco, e deve trazer perdas;

e) As exportações de açúcar do Brasil, que estão muito fortes, e os preços para o mercado interno que vêm se mantendo.

Valor ATR

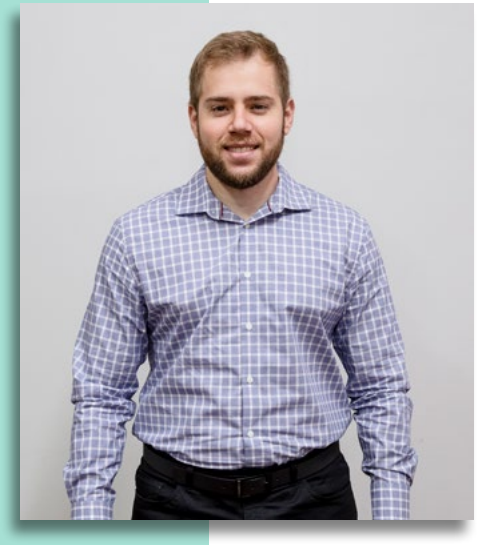
No início da safra tivemos algumas quedas no valor do ATR: abril com R$ 0,70/kg; maio com R$ 0,69/kg; junho em R$ 0,68/kg; e julho em R$ 0,676/kg. No entanto, de agosto para cá, observamos um aumento do indicador: agosto em R$ 0,679/kg; setembro em R$ 0,687/kg; outubro com R$ 0,70/kg; novembro com R$ 0,71/kg e dezembro fechando com R$ 0,729/kg. Em janeiro de 2021 tivemos o ATR valendo R$ 0,86/kg, em fevereiro R$ 0,93/kg e, em março, o valor de R$ 1,03. Com isso, chegamos a um acumulado de quase R$ 0,78/kg.

Homenageado do mês

Em todas as colunas homenageamos alguém de relevância. Desta vez, nossa singela homenagem vai para o empresário Marcelo Wirgues, que montou a Usina Caçu em Vicentinópolis, GO, depois de sair de Paraguaçu Paulista, e foi precocemente levado por esta tragédia humanitária da Covid.

Marcos Fava Neves é Professor Titular (em tempo parcial) das Faculdades de Administração da USP em Ribeirão Preto e da FGV em São Paulo, especialista em planejamento estratégico do agronegócio. Confira textos, vídeos e outros materiais no site doutoragro.com e veja os vídeos no canal do Youtube (Marcos Fava Neves). Seguem os agradecimentos ao apoio de Vitor Nardini Marques e Vinícius Cambaúva.

Juliano Bortoloti – *Advogado*



Diego Henrique Rossaneis
Advogado

Plano de auxílio mútuo (PAM): o que é e sua importância

Não é novidade nenhuma que todos os anos os incêndios trazem severos e inúmeros prejuízos aos produtores de cana-de-açúcar e às unidades industriais e, junto ao risco de perderem toda uma produção queimada, podem também sofrer a aplicação de pesadas multas pelos órgãos fiscalizadores estaduais. Contudo, conforme vimos na matéria do mês passado denominada “Incêndios em Áreas Canavieiras – diretrizes a serem adotadas pelos produtores”, para que essa multa seja aplicada, deve ser encontrado e comprovado pela autoridade fiscalizadora o nexo de causal, a ligação

entre a conduta do suposto infrator (proprietário, possuidor, usina, etc) com o dano (queima).

Para se definir os meios de buscar a comprovação desse nexo de causalidade, foi publicada a Portaria CFA nº 16/2017 que contém diversos critérios com diferentes pontuações que devem ser verificados durante a fiscalização pela autoridade competente. Se forem atingidos dezesseis pontos ou mais, a multa em decorrência da queima de cana-de-açúcar não será aplicada.

Dentro desses critérios previstos na Portaria CFA nº 16/2017, um dos mais importantes, depois dos aceiros (principalmente aquele que divide as áreas de preservação permanente, vegetação nativa, etc, da cana-de-açúcar), é o PAM – Plano de Auxílio Mútuo, que será tratado adiante.

Entende-se por PAM, o documento concebido em conjunto por dois ou mais empreendedores do setor sucroenergético, contendo medidas/ações que serão tomadas em casos de eventuais incêndios na lavoura de cana-de-açúcar, devendo nele constar, no mínimo, as propriedades integrantes devidamente georreferenciadas, a identificação dos veículos que serão utilizados no combate ao fogo, identificação de seus condutores, programação de colheita e telefones para comunicação de incêndios.

Sendo assim, podemos dizer que o PAM nada mais é que a instrumentalização através de um documento formal das atitudes que, rotineiramente, já são tomadas pelos produtores rurais e pelas unidades industriais quando veem suas lavouras de cana-de-açúcar atingida por incêndios quando, por exemplo, acionam a brigada de incêndios mais próxima para realizar o combate ao fogo, etc.

Além dos requisitos mínimos para se formalizar um PAM, outras ferramentas também podem ser utilizadas, a CANAOESTE, por exemplo, tem como base fundamental de seu PAM que, inclusive, é reconhecido e validado pela Polícia Militar Ambiental do Estado de São Paulo, um sistema de monitoramento via satélite em tempo integral – 24h por dia sete dias por semana – que monitora as lavouras de cana-de-açúcar dos integrantes do plano.

Por meio desse sistema altamente tecnológico e exclusivo, é detectado o foco do incêndio em poucos minutos, a partir daí a CANAOESTE por meio de sua equipe e de uma central de monitoramento altamente especializada, aciona os contatos cadastrados e vinculados ao nome do proprietário participante do PAM atingido pelo fogo, buscando o acionamento das brigadas de incêndios mais próximas e que possam dar o pronto e efetivo combate com maior rapidez.

Para as grandes unidades industriais o PAM é ainda mais essencial. Por possuírem grande área de cultivo, o PAM lhes auxiliará no controle mais efetivo de suas áreas lavouras em caso de incêndios e um monitoramento via satélite em tempo integral dos focos de incêndios, trará um imenso valor agregado ao PAM dessa Unidade Industrial, podendo poupar-lhe vultuosas somas de dinheiro com o pagamento de multas.

A importância da formalização do PAM fica evidente quando se analisam as boas práticas agrícolas para se evitar incêndios e multas em canaviais, hoje constantes da Portaria CFA nº 16/2017, na medida em que, se o PAM existir formalmente, o proprietário/possuidor/unidade industrial vítimas de incêndio, computará mais pontos para afastar o nexo de causalidade necessário a aplicação de multas ambientais do que aquele que possuir o PAM de maneira informal ou não o possuí-lo.

Isso porque, conforme dita Portaria, aquele que teve seu canavial atingido e que possui um PAM operacionalizado, ou seja, aprovado, em funcionamento e validado pela Polícia Militar Ambiental, pontuará nesse critério com 3 (três) ponto. Já aquele que possuí um PAM em funcionamento, contudo, não operacionalizado (informal, não foi validado pela Polícia Ambiental), pontuará com apenas 1 (um) ponto e, por óbvio, aquele que não possui nenhum tipo de PAM, não receberá ponto algum nesse critério.

Levando-se em consideração que uma multa por incêndio que tenha atingido cana-de-açúcar (em pé, no chão, palhada, etc), custa R$ 1.000,00 (mil reais) por hectare atingido, fica evidente a importância da formalização de um PAM, não só para se somar a pontuação prevista na Portaria CFA nº 16/2017 para eventual cancelamento de multa, mas, principalmente, para se evitar que o incêndio atinja a propriedade rural e, se atingir, que não tome grandes proporções e seja combatido logo e de forma eficaz.

Por fim, resta claro a importância destes instrumentos de prevenção e combate a incêndios que os fornecedores devem possuir e, em razão disso, julgamos primordial que entidades tenham condição de organizar e realizar isso de forma correta, de onde citamos aqui o caso da Canaoeste, que reconhecidamente organizou um dos mais completos PAM para seus associados, inclusive com monitoramento via satélites.

Eddie Nascimento

Canaoeste promove live e discute perspectivas para a Safra 2021/22

Números foram apresentados por Caio Carvalho; encontro teve participação do gestor corporativo Almir Aparecido Torcato

Preocupada em oferecer informações de qualidade e preparar os seus associados para os desafios futuros, a Canaoeste (Associação dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo) promoveu uma live trazendo as "Perspectivas para a Safra 2021/22". O encontro teve o apoio institucional da Copercana.

Transmitida através do sistema multiplataforma (Youtube e Facebook) e usando o aplicativo 'Zoom', a apresentação recebeu diversos elogios por parte dos associados. "Por conta da pandemia da Covid-19, esse encontro virtual foi a maneira

mais adequada no momento para chegarmos com informações de qualidade ao nosso produtor", revela o gestor corporativo da Canaoeste, Almir Torcato.

Essa é mais uma ferramenta oferecida pela Canaoeste que, diariamente, conta com uma equipe técnica e qualificada que auxilia o produtor nas mais diversas situações, além de oferecer suporte a diversos serviços. Entre eles, o Plano Integrado 2021/2022; o Aplicativo — APP Canaoeste; Soluções Ambientais e Agrárias; SOS Incêndios; Suporte Técnico Agronômico; Monitoramento de incêndios 24h; Assessoria Jurídica; Soluções Integradas (Laboratório de Sacarose, Fiscais de Sacarose e participação em grupos de interesse); Geotecnologia; e Equipe de Campo – Praga Zero.

"Preocupamos sempre em oferecer aos nossos associados as melhores condições para que tenham toda a ciência técnica e possam entender como será a próxima safra e, assim, se planejarem para ela", acrescenta Torcato.

Entre as principais dúvidas levantadas durante a live foram destacadas as questões quanto à produtividade, preço e custo de produção. Aos olhos dos especialistas, a nova safra é vista como favorável em relação ao custo de produção. Os preços também devem ser positivos, já que o mercado apresenta boas projeções em relação à remuneração da cana-de-açúcar. Porém, o que gera mais medo é a questão da produtividade que foi prejudicada por questões climáticas.

"As canas de início de safra foram as mais prejudicadas pela falta de chuvas. As de final de safra e as de meio nem tanto. Alguns produtores, para obterem o máximo da produção diante deste problema, optam por sacrificar o segundo e o terceiro corte que estão mais desenvolvidos e assim preservarem a cana de primeiro corte para que essa se desenvolva um pouco mais", aponta Torcato.

Outro ponto destacado pelo gestor da Canaoeste foi o RenovaBio. Os produtores querem participar do programa de descarbonização que atualmente remunera através dos créditos de carbono (Cbios) usinas produtoras de etanol. O programa é conhecido como a Política Nacional de Biocombustíveis. "Representamos uma associação de produtores. A dúvida de muitos está em relação ao RenovaBio. Existe uma discussão em relação à participação deles no mercado de crédito de carbono (Cbios). Acredito que na próxima safra já tenhamos algo mais claro em relação a isso", destaca Almir Torcato.

Caio Carvalho da Canaplan foi o convidado

Mais que uma live, a Canaoeste apresentou uma verdadeira aula sobre a produção de cana-de-açúcar no Brasil e no mundo. Caio Carvalho, da Canaplan, fez questão de trazer dados relativos à desigualdade econômica global, fazendo uma relação entre as economias do passado e uma projeção sobre os principais compradores no futuro: os países asiáticos.

Foram apresentadas informações sobre a geopolítica internacional, tendo como principal destaque a inclinação do presidente norte-americano Joe Biden, em buscar parcerias comerciais como a Índia e China.

A situação atual no Brasil também não ficou de fora. As questões relacionadas à Amazônia, o desgaste do Governo Federal em relação às questões políticas e pandêmicas também foram apresentadas.

O tema 'fake news' também foi abordado. Caio Carvalho fez um destaque sobre o que ele chama de a 'era da pós-verdade', onde, segundo ele, a narrativa é muito mais importante do que a própria verdade, sendo que o Brasil tem dificuldades para se defender.

Sobre o mercado internacional foram apresentados os maiores produtores de petróleo no mundo e também as projeções da Opep — Organização dos Países Exportadores de Petróleo.

Já entrando no assunto sucroenergético brasileiro, Caio Carvalho apresentou uma lista com as principais áreas canavieiras ao longo da última década (2009 a 2019) e comentou sobre os cinco maiores produtores nacionais: São Paulo, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso e Paraná.

"Os astros do setor estão alinhados do ponto de vista de demanda. Temos várias questões alinhadas para uma boa condição. O preço das commodities, a entrada das vacinas que devem promover posteriormente uma retomada da demanda e, consequentemente, a recuperação da economia. Temos também os ciclos positivos de preços, que nós esperamos que permaneçam por pelo menos mais dois anos. Tem essa participação maior do mercado asiático na compra de produtos, além da volta da OMC (Organização Mundial do Comércio)", comenta Caio Carvalho.

Do ponto de vista da oferta, a Safra 21/22 deve ser menor, e menor também serão as ofertas. Apesar disso, a demanda por etanol deve ser 5% ou 7% maior do que no ano passado; os fundos especulativos seguem comprados e os preços da Petrobras vão depender muito da

política adotada por Joaquim Silva e Luna. “A safra 2021/22 será a de menor oferta. Tivemos um bom investimento que é um fator que nos dá esperança do lado do canavial, mas esse canavial vem muito estressado. Podemos apontar outros aspectos para essa redução, como, a pandemia de 2020 que continua em 2021; a seca de 2020, que herdamos em 2021 com muitos incêndios e que obviamente vão resultar de maneira negativa na brotação de soqueira; o verão ruim de 2021, com poucas chuvas; a idade média do canavial que, com as dificuldades da seca e dos problemas que tivemos com a pandemia, teve seu plantio bem menor — o canavial está mais velho”, detalha Carvalho. O especialista acrescenta que a falta de mudas para o plantio; a competição de grãos e eucalipto e a menor área de colheita vão resultar em menos toneladas de açúcar por hectare e, consequentemente, menos ATR (Açúcar Total Recuperável).

No que diz respeito à quantidade de moagem da Safra 21/22, Carvalho propõe uma expectativa mais branda. Diferente das informações divulgadas em janeiro que traziam uma projeção de moagem na casa de 580 milhões de toneladas de cana na região Centro-Sul, o especialista promove o exercício em três cenários, sendo a melhor das hipóteses uma moagem de 570 milhões. “Temos que levar em consideração diversos fatores, entre eles, a falta de chuvas, possibilidade de geadas e a isoporização. Não podemos nos esquecer do que já ocorrera no passado a exemplo da Safra 11/12. Não digo que possa acontecer, mas é importante nos prepararmos”.

Para exemplificar essa necessidade do produtor se preparar para qualquer uma das situações, o especialista apresentou uma tabela exercitando três cenários, sendo o mais desanimador com uma moagem de 530 milhões, um mediano com 550 milhões, e o mais animador com 570 milhões de toneladas de cana.

Com base nos dados, Carvalho calculou uma perda de produção em cada um dos ensaios, sendo -11%, -8% e -4%, respectivamente. Consequentemente, em cada uma das hipóteses houve a Redução de ATR e também as produções finais de açúcar e etanol. “Esse exercício é para dar uma dimensão do tamanho do problema que a gente tem e, é claro, que Safra 22 está herdando parte desse problema porque vamos ter uma série de impactos no processo de colheita de cana”, explica Caio Carvalho.

Sobre os preços pagos em relação ao açúcar total recuperável (ATR), Caio Carvalho projeta que os valores pagos na Safra 2020/21 devem se manter na Safra 21/22.

Usando uma tabela com a projeção dos preços pagos no acumulado da Safra 20/21, o especialista apresentou os números coletados de abril de 2020 a março de 2021. Com esses dados, Carvalho fez uma projeção com relação aos preços que serão praticados na nova safra, também pelo período de abril de 2021 a março de 2022. O resultado do gráfico é espelho do que foi a safra passada. “Vai ser igual. Acredito que os preços vão ser maiores, mas vai ser igual. A tendência é de aumentar ao longo do período, mas como eu já começo com ela em alta podemos dizer que vamos ter um ATR no acumulado muito maior”, destaca Carvalho.

Para finalizar, Caio Carvalho resumiu os assuntos que o produtor deve prestar atenção nessa nova safra que se inicia:

- **Crescimento do Brasil:** “Sim! Haverá um crescimento econômico do Brasil em 2021, em pelo menos três pontos percentuais, no próximo ano também".
- **Consumo de etanol combustível:** “O consumo do ciclo otto (que são as frotas de veículos do país) deverá ser de 5% a 7% maiores do que em 2020, mesmo diante da segunda onda da Covid-19”.
- **Gasolina brasileira:** “A capacidade de refino da gasolina brasileira, estagnada, enfrentará um crescente consumo de gasolina de mais de 10%, sendo necessárias importações. Isso significa que tenho que comprar pelo de 28 a 30%, então tenho que ter uma política de preço condizente com a realidade do preço internacional da gasolina”.
- **Açúcar brasileiro no mercado internacional:** “O Brasil continuará a ser o regulador do mercado de açúcar, sem dúvida alguma e cada vez mais forte”.
- **Etanol hidratado:** “A oferta limitada de etanol hidratado, com base na quebra de produção, fará com que a paridade econômica fique próxima dos 70%, portanto a tendência é de um consumo mais apertado, portanto, será maior de gasolina”.
- **Produção de etanol de milho:** “O etanol de milho continuará a sua trajetória de crescimento, se fala em até sete ou oito bilhões de litros produzidos em 2030”.
- **Raio x da Safra 21/22:** “A combinação petróleo x câmbio será a grande marca dessa safra”.

CANAOESTE

Notícias Canoeste

Eddie Nascimento

Canaoeste tem contas de 2020 aprovadas por unanimidade

Balanço financeiro foi apresentado para associados durante Assembleia Geral Ordinária

A Canaoeste — Associação dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo realizou no dia 13 de abril a Assembleia Geral Ordinária de 2021 (AGO 2021). Por conta das restrições da Covid-19, o encontro aconteceu de forma virtual e foi acompanhado por diretores, colaboradores e associados através da plataforma "Zoom".

Essa foi a primeira vez, em 75 anos de história, que a Canaoeste realizou uma assembleia totalmente virtual. A novidade vem ao encontro de uma série de medidas colocadas em prática pela associação para se adequar a essa nova realidade imposta pela pandemia do novo coronavírus.

De acordo com o gestor corporativo da Canaoeste, Almir Aparecido Torcato, as formas digitais são as novas tendências a serem seguidas. A ferramenta inclusive já foi usada anteriormente em uma live, muito elogiada pelos associados, que trouxe as perspectivas da Safra 2021/22. "Estamos em fase de adaptação, mas o esforço é real. Cada vez mais estamos nos preparando e a tendência é utilizarmos esse tipo de ferramenta inclusive nas atividades que antes eram presenciais, como, por exemplo, reuniões técnicas, informativos e treinamentos", destaca Torcato.

A "AGO 2021" da Canaoeste ocorreu de forma tranquila. Conforme a ordem do dia foi realizada a leitura, discussão e a votação do balanço do relatório da diretora e parecer do conselho fiscal referentes ao exercício de 2020. Participaram da apresentação da AGO, o presidente da Canaoeste, Fernando dos Reis Filho, o gestor corporativo, Almir Aparecido Torcato, o advogado Juliano Bortoloti e o contador Marcos César Molezin.

A prestação de contas incluiu, além dos números, a leitura de um texto com os serviços executados ao longo do ano pela associação. O balanço e os demonstrativos financeiros foram apresentados pelo contador da associação, que detalhou também a evolução patrimonial da Canaoeste. Durante a transmissão, foi realizada a leitura dos pareceres da auditoria independente "ValorUp" sobre as demonstrações financeiras, como também do conselho fiscal da entidade.

De acordo com o resultado apurado, a Canaoeste fechou o ano de 2020 com um superávit de R$ 1.219.790,00 (um milhão, duzentos e dezenove mil, setecentos e noventa reais). As contas foram aprovadas por todos os associados por unanimidade.

"Em nossas atividades de 2020, ano marcado por incertezas e adaptações em decorrência da pandemia da Covid-19, a Canaoeste deu sequência à sua filosofia de trabalho, desde sua formação em 1945. Seguiu firme com seu propósito de promover assistência de qualidade nas áreas técnicas e jurídicas ligadas à produção da cana-de-açúcar, assim como amplo atendimento jurídico nas diversas áreas do direito que afetam a vida do fornecedor de cana, bem como a defesa dos interesses políticos e econômicos da classe", destacou o presidente da Canaoeste.

"Como vimos o agro não parou, e nós também não. Ao lado do nosso associado o departamento técnico agronômico e de geotecnologia esteve presente em mais de 20 mil atendimentos entre visitas técnicas de campo, assistência técnica virtual, telefone, recomendações, levantamento de áreas, desenhos técnicos, elaboração do plano integrado entre outros", frisou Reis Filho.

Entre as atividades realizadas pela Canaoeste, o presidente cita a assistência técnico-jurídica referente a pagamentos de cana; contratos de parceria, de arrendamento e comodato; de fornecimento, venda e compra; desapropriações de terra, além de outras assistências como análises de contratos; ações de cobrança, defesas judiciais e representações perante outros órgãos como, por exemplo, Ministério Público. Ao todo foram mais de 3.600 atos jurídicos.

A Canaoeste também colocou em prática, em 2020, ações de sustentabilidade. Em parceria com a Ong Solidaridad, organização Holandesa que financia projetos sustentáveis no Brasil, foi possível envolver os produtores independentes de cana com o compromisso de melhorar seus processos.

Outra ação de destaque da associação foi no campo político e institucional. A Canaoeste participou ativamente de discussões, defendendo seus associados no conselho deliberativo da Orplana — Organização de Associações de Produtores de Cana do Brasil; interesses econômicos no Consecana — Conselho de Produtores de Cana-de-açúcar, Açúcar e Etanol do Estado de São Paulo; participando de congressos e conferências internacionais. Na Datagro — Consultoria Agrícola Independente, e até sendo destaque internacional como palestrante do "Sugar & Ethanol Brazil", promovido pela F.O. Licht, de maneira virtual em Londres. "Ainda nesse sentido, seguimos com o compromisso de colocar o produtor independente de cana onde ele merece, inclusive no que tange a participação do Cbios, receitas advindas dos créditos de carbono do programa federal — o RenovaBio. Estudos sólidos embasam o pleito por uma participação justa e equilibrada de forma coletiva", finalizou Fernando dos Reis Filho.

Vem pro Brasil

ideatore
A vida é feita de escolhas. E a mais importante delas é não parar. A Cocred não para de acreditar na força que criamos juntos. Por isso estamos lado a lado para superar desafios. E receber de braços abertos novas conquistas.
que não para de produzir.
Vem pra Cocred.
cocred.com.br
sicoobcocred
SICOOBCOCRED
Vem crescer com a gente.

Marino Guerra

O respeito mútuo entre Cetesb e cana-de-açúcar

A adoção do nexo de casualidade e o acordo para quitação de débitos são provas que o diálogo torna dinâmicos os relacionamentos antes antagônicos

No ano passado, a grande novidade, observando a relação público-privado de fiscalização e autuação quanto à ocorrência de incêndios nos canaviais, foi a adesão da Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo) ao uso do nexo de casualidade como base para a conclusão das ocorrências.

Assim, desde a safra passada, o órgão está uniformizado com a prática já adotada pela Polícia Ambiental fazendo com que o produtor de cana paulista tenha a previsibilidade jurídica necessária para desenvolver a sua atividade.

No último mês de março, Cetesb e representantes do setor vieram a público, através de uma live, para informar a celebração de um acordo extrajudicial que teve como meta (os interessados tinham que se pronunciar até 30 de março) a quitação de débitos decorrentes (com descontos de até 75%) de autuações por queima da palha da cana, e que não haviam sido inscritos em dívida ativa até 31 de dezembro de 2019.

No evento, a diretora-presidente da companhia, Patrícia Iglesias, destacou que o acordo mostra um novo olhar da gestão pública, onde o foco é trabalhar com demandas que trazem incertezas jurídicas a diversos atores privados.

Ela ainda falou que perante a mudança do entendimento do Tribunal de Justiça do Estado, eram remotas as chances de se receber um valor próximo ao montante que ultrapassa os R$ 13 milhões, assim, contabilizando os custos com a judicialização dos casos, dar descontos para a quitação dos débitos foi a tomada de decisão mais racional.

Pelo lado canavieiro, ela apontou que o acordo representa a eliminação de um passivo que atrapalha na divulgação dos números, principalmente ligados a questões ambientais num momento em que toda cadeia trabalha para conseguir se firmar, pois já entrou, no limiar dentro das questões envolvendo o conceito de sustentabilidade.

Por fim, ela recordou que o setor sucroenergético paulista, desde o processo de eliminação do corte da cana queimada, cumpriu as exigências estabelecidas pelos órgãos de controle ambiental antes dos prazos estipulados, fator primordial para dar segurança no relacionamento.

Representando o setor, o diretor executivo da Orplana, Denis Arroyo Alves, disse que a adoção do nexo de casualidade foi o grande movimento do órgão que gerou esse processo de empatia com o setor.

O diretor executivo da Orplana, Denis Arroyo, lembrou da adoção, por parte da Certesb, do nexo de casualidade, movimento que dá segurança jurídica para o produtor

Ao ressaltar o trabalho do dr. Juliano Bortoloti (gestor jurídico e ambiental da Canaoeste), da dra. Renata Camargo (assessora jurídica da Unica) e do Comitê Ambiental Jurídico da Orplana, ele disse que o movimento é um grande exemplo que vai além de uma adaptação da legislação, mas um case de sucesso de uma parceria público-privado.

"O nexo de causalidade é maior que um instrumento de verificação de ocorrências, ele é uma ferramenta para o produtor utilizar como guia de boas práticas. Antes o agricultor não tinha como saber o que era correto a se fazer como prevenção e combate aos incêndios. Fico feliz também da Cetesb ter entendido de que o meio ambiente é o negócio do canavieiro e que o fogo deixou de fazer parte de seu manejo há muito tempo, trazendo hoje apenas prejuízos à uma lavoura de cana-de-açúcar", completou Arroyo.

Já Antonio de Padua Rodrigues, diretor técnico da Unica, focou sua participação na celebração de um momento que o setor tentava há muitos anos: "Esse é um momento que a Cetesb e o setor estão conciliados olhando para a conservação do meio ambiente, ele mostra que estamos quites nas questões de sustentabilidade.

Fernanda Clariano

O agro e o campo normativo

Buscando uma melhor sistematização das regras no regime jurídico do agronegócio com mais equilíbrio, legitimidade e efetividade

Recentemente, importantes nomes das áreas jurídica, governamental e do agronegócio participaram de um evento virtual para tratar de importantes assuntos como Reformas e Competitividade; Sustentabilidade e Segurança Alimentar Investimento Estrangeiro e Sistema de Financiamento Privado. A primeira edição do CBDA (Congresso Brasileiro de Direito do Agronegócio) acontece num momento importante, num curso de uma pandemia que evidenciou por sua vez a importância do agronegócio.

Na abertura, o presidente do IBDA (Instituto Brasileiro de Direito do Agronegócio), Renato Buranello, destacou que a análise conjunta do direito, da economia e das organizações, tem relevância por possibilitar entendimento mais profundo da complexidade, da realidade agroindustrial. “As questões relativas ao agronegócio não estão ainda suficientemente difundidas na doutrina e na jurisprudência. Muitos precedentes relacionam os negócios privados empresariais aos preceitos de direito agrário, mas os modelos de negócio e a complexidade e tecnologia dos mercados agrícolas vão muito além da atividade de produção no campo. Temos

Buranello: “As questões relativas ao agronegócio não estão ainda suficientemente difundidas na doutrina e na jurisprudência”

por objetivo o estudo do regime jurídico do agronegócio, que busca contribuir na formação de políticas públicas para o setor, como também na adequada sistematização das regras existentes e sua melhor interpretação quando do exercício da função jurisdicional”. Ainda segundo Buranello, a quebra da unidade da cadeia

agroindustrial significa a criação de riscos. “Os negócios jurídicos integrados no atendimento a sua função econômica e social devem estar protegidos. Sabe-se, que as atividades econômicas exploradas nas cadeias agroindustriais devem contribuir para o aumento da produção de alimentos, fibras e bioenergia, visando à segurança alimentar. Também os custos de transação tendem a se reduzir em mercados nos quais os agentes econômicos confiam no comportamento dos outros. Buscam-se, aqui, cenários previsíveis, em que se possam legitimamente esperar a adoção de certas condutas dos parceiros comerciais”.

O presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, em sua participação reforçou a importância de se ter o desenvolvimento de um pensamento jurídico cada vez mais aprimorado para o agronegócio. “É fundamental que tenhamos caminhos aplainados no meio judiciário, legal e tributário, para que o nosso principal negócio brasileiro tenha paz e segurança jurídica no seu desenvolvimento e na sua capacidade de fazer com que as pessoas se desenvolvam e se crie prosperidade no país como um todo. A OCB tem se preocupado com esse tema, já temos um grupo jurídico tributário que se dedica a isso e queremos somar esforços para que tenhamos a paz que tanto precisamos nessa área”, destacou Freitas.

Junqueira: “Desburocratizar e simplificar é o que dará ao setor privado o protagonismo necessário com maior segurança e incentivo para o crescimento econômico

Já o secretário da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Gustavo Junqueira, ressaltou o papel fundamental do agro no fornecimento de alimentos e a maior e melhor utilização dos instrumentos jurídicos pelo setor, modernização da legislação, implementação de reformas e políticas agrícolas pensadas em conjunto com o setor privado e a simplificação e desburocratização de normas e menos interferência dos órgãos governamentais na dinâmica da redução. “O agro brasileiro tem buscado cada vez mais se modernizar e atender às demandas do mercado global. Para cumprirmos com o nosso papel na garantia da segurança alimentar mundial precisamos contingenciar riscos e otimizar os resultados econômicos por meio da aplicação de adequados instrumentos jurídicos. Porém, a burocracia é um adversário cruel da economia e o Brasil, infelizmente, possui uma posição de destaque entre os mais burocráticos. Nesse cenário, desburocratizar e simplificar é o que dará ao setor privado o protagonismo necessário com maior segurança e incentivo para o crescimento econômico”.

A senadora Soraya Thronicke contribuiu em sua apresentação com o ponto de vista do legislador, que tem relevante papel na formação da estrutura que sedimenta o ordenamento jurídico do agronegócio. Na ocasião ela ressaltou a importância do papel, do trabalho conjunto entre os membros do legislativo e do judiciário para que o agronegócio, como motor da economia brasileira não pare. A seu ver, os Senadores e Deputados precisam atuar na reforma tributária para impulsionar a atividade rural, porque quando o Brasil vai bem, o agro é parte decisiva desse sucesso. “Precisamos ter consciência de que o agronegócio é o motor da economia brasileira há tempos. Para que esse motor não pare, o legislador e o judiciário devem trabalhar olhando sempre para o mesmo horizonte. Se tivermos saúde política conseguiremos cada vez mais trazer resultados positivos para o crescimento da nossa potência nacional que é o agro. Nos anos de crise, é o agro que segura firme o rojão e não deixa que a nossa economia saia completamente dos trilhos. Os textos das reformas devem ser trabalhados de forma que impulsione a atividade rural e não o contrário.

Reformas e Competitividade

As reformas são essenciais para a competitividade do Brasil no ambiente interno e internacional. Essas reformas encontram eco atualmente num Congresso que está receptivo,

porém carente de uma participação maior do poder executivo. No painel mediado pelo doutor em Direito Administrativo pela UCMadrid, Fábio Medina Osório, renomados profissionais discutiram as reformas política, tributária e administrativa, que são imprescindíveis para impulsionar a competitividade do Brasil no cenário internacional para que o país possa gerar empregos e desenvolvimento.

A diretora-presidente da Tendências Consultoria Integra, Elizabeth Farina, pontuou em sua fala que a competitividade depende de regras estáveis e previsíveis, por isso a importância das reformas e respeito às regras do jogo para mitigar deficiências. “Temos uma carga tributária muito distorcida, precisamos ampliar essa reforma administrativa para o campo do judiciário - temos um judiciário com mais de 100 milhões de processos. Atualmente no Brasil, a lentidão do judiciário causa uma distorção nos litígios, ou seja, há uma motivação para litigar em função dessa lentidão, o que produz essa paralisação dos litígios. Temos efetivamente que trazer a reforma administrativa de uma maneira mais ampla dentro desse conceito”.

O deputado federal Arnaldo Jardim por sua vez traçou um cenário sobre a tramitação das reformas. Na ocasião, ressaltou que o atual Congresso Nacional é reformista e que haverá avanços nas questões das reformas, em especial da tributária, uma vez que a PEC45 está em com o relatório pronto para ser analisado pela Câmara, enquanto a PEC110 também está em evolução no Senado. Nesse sentido, ele reforçou a importância do protagonismo do executivo e a mobilização da sociedade. “Temos o olhar do judiciário, tivemos o olhar do mercado, talvez falte o olhar do executivo para que possamos ir compondo isso, sociedade, poderes constituídos, apontar tendências”.

Noronha: “A cada dia que criamos uma inovação no sentido de fragilizar garantias e o ambiente negocial, quem é punido são os próprios produtores”

Sustentabilidade e Segurança alimentar

Na avaliação do Ministro do STJ (Superior Tribunal de Justiça), João Otávio de Noronha, as reformas são necessárias e o Brasil precisa de transformações, ser mais competitivo, e o poder executivo precisa participar mais ativamente para alavancar as reformas junto com o poder legislativo. Para ele, o agronegócio carece de investimento também do governo federal e propiciar recuperação de empresa à atividade rural é muito justa. “Se quisermos modernidade, precisamos criar instrumentos que diminuam o risco legal. Precisamos criar instrumentos que seja de simples contratação, assim teremos um setor com acesso a um crédito barato, ágil e rápido”.

Ainda de acordo com o ministro Noronha, sentença não é instrumento de política econômica e levar ao judiciário as questões que de fato não foram melhor trabalhadas pelo legislativo ou não tão bem propostas pelo executivo leva a um volume incalculável para que o poder judiciário possa de fato dar direcionamento. “Devemos diminuir a judicialização e para tanto encontrar um melhor ambiente de negócio”.

Sustentabilidade e Segurança alimentar são sinônimos, no longo prazo um não existe sem o outro e é um tema que ganha muita relevância nesse processo de pandemia e ganhará ainda mais relevância no processo pós-pandemia que já se iniciou em alguns países. O agro tem um papel fundamental em garantir o abastecimento de alimentos seguros. As projeções e estimativas de crescimento de 3% do PIB do agro e 4.2% do valor bruto da produção em 2021, aliando sempre com a produção e o desenvolvimento sustentável, são números significativos de crescimento.

O Brasil possui o maior rebanho de bovinos, com 215 milhões de cabeças. No entanto, a taxa de lotação ainda é baixa, com cerca de 1,5 cabeça/hectare, e com produtividade média de menos de dez arrobas por hectare/ano. Isso significa que o setor tem um potencial de crescimento elevado, com a possibilidade de expandir de três a cinco vezes mais, sem a necessidade de abertura de novas áreas ou de qualquer tipo de transformação no meio ambiente. Esses

dados foram apresentados pelo engenheiro-agrônomo Francisco Beduschi Neto, executivo da National Wildlife Federation (NWF) no Brasil, no painel conduzido pelo presidente da Abag (Associação Brasileira do Agronegócio). Marcello Brito, que contou também com a participação da advogada especialista em direito ambiental e professora da Fundação Getulio Vargas (FGV), Samanta Pineda; do presidente da CropLife Brasil, Christian Lohbauer e da vice-presidente Global de Relações Institucionais, Reputação e Sustentabilidade da BRF Grazielle Parenti

Beduschi: "Podemos bater recorde de desenvolvimento, mas precisamos fazer nossa lição de casa, mostrando realmente o que as propriedades rurais têm feito"

De acordo com Beduschi, além de contribuir para suprir a demanda por alimentos no mundo, o setor ainda trabalha em prol do meio ambiente, auxiliando a mitigar os efeitos das mudanças climáticas. O executivo também chamou a atenção ao fato de que se o Brasil souber aproveitar as oportunidades, certamente será, após a pandemia, o maior fornecedor de alimentos ou o maior supermercado do mundo.

"Podemos bater recorde de desenvolvimento, mas precisamos fazer nossa lição de casa, mostrando realmente o que as propriedades rurais têm feito assim como a pecuária nacional e, claro, posicionar o Brasil nessa questão". Ele ainda destacou que é preciso avançar com maior transparência, a fim de atender às demandas dos investidores, países e consumidores. Para isso, pontuou que medir e comunicar são fatores fundamentais para dar conhecimento não apenas sobre o que tem sido feito pelo setor, mas também em cada unidade produtiva.

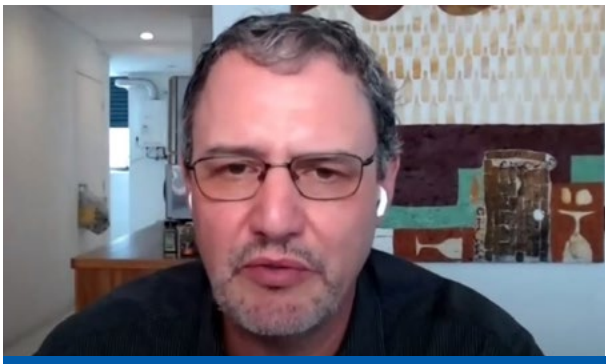
A advogada especialista em direito ambiental e professora da FGV (Fundação Getulio Vargas), Samanta Pineda, que também compôs o painel, destacou que ao passar a ser um valor agregado para o agronegócio, a sustentabilidade possibilita um olhar diferenciado por parte do investidor, que terá condições únicas no mundo, mas para isso, o país precisa dar um posicionamento firme quanto ao que tem sido feito para preservação ambiental, uma vez que a imagem do país está bastante desgastada devido ao desmatamento e queimadas ilegais. Ela lembrou ainda que o Brasil conta com uma política ambiental inovadora no que tange a proteção e a incorporação de tecnologias sustentáveis, que é o Código Florestal. Mas que precisa ser efetivamente implementado.

Participação do investimento estrangeiro

A questão do investimento estrangeiro precisa ter transparência, clareza e previsibilidade. O projeto de lei, PL 2.963/2019, de autoria do senador Irajá Abreu, que está em análise na Câmara dos Deputados, regula a compra, e o arrendamento de propriedades rurais no Brasil por pessoas físicas ou empresas estrangeiras e foi um dos principais temas discutidos no painel "Participação do investimento estrangeiro", mediado pelo presidente do Conselho Superior do Agronegócio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Cosag/FIESP), Jacyr Costa e que contou com a participação do sócio-diretor da Agroconsult, André Pessoa; do coordenador do Centro Insper Agro Global, Marcos Jank; do advogado integrante da ordem de Quebéc e professor da Universidade de Montreal, no Canadá Dan Kraft e do presidente Executivo da Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base (ABDIB), Venilton Tadini.

Na avaliação do autor do PL, o país está vivenciando um dilema que é encarar com seriedade o assunto, definindo um marco com regras claras e critérios do que se pode ou não fazer, ou continuar fazendo de conta que os estrangeiros não estão no país

Para Marcos Jank, a questão dos estrangeiros no Brasil é muito antiga e a parte de terra não foi disciplinada até hoje. "Entendo que vamos ter que resolver isso, mas a presença dos estrangeiros é muito anterior ao próprio crescimento do agronegócio".



Jank: "Temos muita insegurança jurídica que dificulta a entrada de capital, e tem vários fatores que podem ser aprimorados na medida em que consigamos atrair mais capital de fora"

Jank ainda destacou que há poucos acordos comerciais ou acordos de investimentos assinados com outros países e isso se deve a insegurança jurídica que dificulta a entrada de capital. "Acho que tem vários fatores superimportantes que podem ser aprimorados na medida em que consigamos atrair mais capital de fora seja nos investimentos geral no agronegócio, seja principalmente na questão das terras e na compra de terras por estrangeiros. Esse é um tema que tem que ser resolvido, é um tema muito importante para atraímos capital de longo prazo e é um tema fundamental para o agronegócio".

Sistema financeiro privado

O sistema nacional de crédito rural brasileiro foi um sucesso. Os mecanismos e intervenção governamental, fizeram o Brasil de importador líquido de alimento na década de 70 para o posto de maior exportador líquido agropecuário do mundo. Em termos de segurança alimentar é um dos sistemas que mais fez o mundo evoluir, mas esse sistema mostra sinais de esgotamento e de acordo com o subsecretário de Política Agrícola e Negócios Ambientais do Ministério da Economia, Rogério Boueri, a longo prazo pode não conseguir se sustentar.

"Esse esgotamento tem ensejado modificações na política agrícola e em especial na questão do financiamento do agronegócio da agropecuária brasileira. As restrições fiscais estão cada vez mais duras. Temos uma redução grande do espaço fiscal para que possamos subsidiar a agricultura. Esse é um dos motivos nos quais o sistema tem que mudar porque não vai haver recursos como no passado", ponderou Boueri.

Rabelo "O grande sucesso do agro brasileiro está fundado no empreendedorismo do homem do campo, na tecnologia, no seguro e no crédito rural"

Para o vice-presidente de Agronegócios e Governo do Banco do Brasil, João Rabelo Júnior, o grande sucesso do agro brasileiro está fundado em quatro pilares. O empreendedorismo do homem do campo que consegue implementar uma série de novidades e inovações que aumentam sua produtividade. A tecnologia, com as melhores sementes, melhores implementos, melhores técnicas de plantio. Um seguro que há algum tempo era baseado no programa do preço mínimo, mas evoluindo isso para o programa de subvenção do seguro rural que dá suporte e permite ao produtor rural avançar e ter mais acesso crédito. E o crédito rural, que vem sendo estabelecido e fomenta o grande crescimento, mas que, de acordo com Rabelo, não é mais suficiente, pois para financiar uma safra agrícola o Brasil precisaria de R$ 320 bilhões para financiar um custeio de 75 milhões de hectares. Segundo ele, esse ano o Banco do Brasil já financiou mais de 4,5 bilhões de CPRs (Cédula de Produto Rural).

"A possibilidade das CPRs tem levado produtores e agentes da cadeia, em especial fornecedores ou compradores de emitirem CRAs (Certificados de Recebíveis do Agronegócio). Temos visto cada vez mais negócios de CRA sendo apresentados ao grande público para o seu investimento. No ano passado, terminamos dezembro de 2020 com R$ 48 bilhões de CRAs emitidos e R$ 9,6 bilhões de CDCAs (Certificado de Direitos Creditórios do Agronegócio) afirmou Rabelo".

Eddie Nascimento

Digitalização na Agricultura

Estudo revela que produtores mais jovens e com maiores propriedades têm usado mais plataformas virtuais de compra e venda

A tecnologia é uma tendência. O que antes era sinônimo de facilidade na vida cotidiana hoje é mais que uma necessidade, se tornou essencial. Em tempos onde estar longe fisicamente, mas perto virtualmente é indispensável, saber usar as ferramentas que possibilitam essa comunicação é importante.

A pandemia da Covid-19 apresentou novos rumos para as relações interpessoais e antecipou algo que estava engatinhando, o uso das tecnologias para as mais diversas necessidades humanas. Somente no ano passado, segundo uma pesquisa feita pelo Instituto Locomotiva, as compras feitas através de aplicativos cresceram 30% no Brasil.

De olho nessa fatia do mercado, que ganhou força principalmente nesse período de pandemia, várias empresas ao redor do planeta têm buscado aprimorar seus processos, ao mesmo tempo em que procuram reduzir custos e melhorar a sua produtividade.

No campo, os produtores que tem encarado esse desafio de frente e estão abertos a uma agricultura mais digital tem um perfil específico: geralmente são jovens, com grandes propriedades e uma feição por usar um ou mais aplicativos. É o que mostra uma pesquisa realizada pela McKinsey e apresentada durante evento organizado pelo Instituto Insper Agro Global e pelo Cebri — Centro Brasileiro de Relações Internacionais.

A pesquisa contou com a participação de 600 produtores rurais de diferentes culturas e regiões do Brasil. Foram analisadas propriedades produtoras de algodão, grãos, cana-de-açúcar e café; produtores do Matopiba (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia); e produtores de grãos do sul do país.

"Analisamos cinco pontos principais com foco na digitalização. Estudamos a compra de maquinários; como

é feita a comercialização da produção; agricultura de precisão, inovação e tecnologia; planejamento, serviços financeiros e sustentabilidade. A primeira grande mensagem é com respeito à digitalização. O Brasil continua na vanguarda da digitalização na agricultura. Antes da pandemia, o país já tinha o agricultor que mais usava os meios digitais para suas transações e esse número deu um salto de 10 pontos percentuais, (saltou de 36% para 46%), até maior do que em outros países", analisa o sócio-sênior e líder de agronegócios da McKinsey na América latina, Nelson Ferreira.

O estudo apontou onde o agricultor utiliza essa digitalização. Ao contrário do que se pensava, o 'homem do campo' não faz o uso da tecnologia simplesmente para 'botar um preço' em seus produtos. O mapeamento revelou que, ao longo do processo de jornada digital, o agricultor realiza a compra de produtos, faz pesquisas e comparações de preços; avaliações, cotações e compra efetiva; suporte técnico; devolução e recompra.

"Ao longo da jornada essa digitalização é intensa, mas obviamente sobre uma cotação de preço, ela é muito intensa. Isso traz uma implicação muito grande que é a necessidade de você desenvolver peças digitais que abranjam ponta a ponta da jornada deste agricultor", explica Ferreira.

Nelson Ferreira sócio-sênior e líder de agronegócios da McKinsey na América latina

O que é ser digital?

Na visão de alguns dos agricultores, a digitalização no Brasil ainda é muito ligada ao uso do "whatsApp". A ferramenta de acordo com o estudo da McKinsey é usada por pelo menos 55% dos entrevistados.

Os produtores confirmaram que usam o aplicativo para suas transações digitais, para troca de mensagens, pagamentos via pix e para a realização de reuniões através de videochamada. Apesar de não ser uma ferramenta criada exclusivamente para este fim, o uso do whatsApp se tornou comum.

De olho na oportunidade de oferecer uma alternativa segmentada para este mercado, empresas investiram na criação de aplicativos, ou sites. "Começaram a surgir plataformas e 'marketplaces' que não tinham aparecido antes. Oito foram mencionadas ainda de forma muito fragmentada e isso ainda está emergindo.Existe um espaço bastante grande a nosso ver para elas crescerem e conquistarem espaço maior dentro da plataforma de serviços digitais que podem atender ao agricultor" comenta Nelson Ferreira.

Apesar de estarem cada vez mais presentes, essas tecnologias ainda são pouco utilizadas pelos produtores. Um dos motivos, apontou a pesquisa, é com relação à experiência do usuário, já que nem todos os possíveis clientes sabem utilizar as ferramentas. Ter uma facilidade de comunicação com o potencial comprador é o que pode facilitar ou não o uso das novas tecnologias.

"Realmente se compararmos a experiência do cliente em serviços digitais na agricultura como que vemos, por exemplo, em bancos e no varejo, ainda temos um longo caminho a percorrer para facilitarmos a vida e encantarmos o agricultor nessa jornada de ponta a ponta na experiência digital. Então, esse é um elemento que se mostrou bastante forte", ressalta Ferreira.

Agricultores digitais

Fica a pergunta. Quem são esses agricultores digitais? Os dados indicam que, desses produtores que estão propensos a usar mais as ferramentas digitais como principal canal de compra e venda, a maioria tem menos de 45 anos e são donos de grandes propriedades rurais.

O pesquisador revela que isso se deve à necessidade que esse perfil de agricultor tem em pesquisar insumos, quanto em realizar suas próprias vendas. Além disso, esses produtores tendem a usar mais a tecnologia em negociações de compras de outros produtos e serviços tecnológicos, como sensoriamento remoto, telemetria e drones.

"Isso implica em segmentação e necessidade de pensarmos em propostas de valores muito ligadas ao perfil daquele agricultor que lá está tanto para compra quanto para venda. Então, aqueles agricultores que tendem a ser mais jovens, além de ter um apetite por transações

on line, também usam muitas vezes três quatro tipos de diferentes tecnologias", observa Nelson Ferreira.
Se a tecnologia é tão importante em todo o processo, o que leva o produtor, em muitos casos, a fazer uso dela? A pesquisa demonstrou que isso se deve a custos com investimento e infraestrutura que essa digitalização demanda. No Brasil, segundo dados do IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2020, existiam no país 5,07 milhões de estabelecimentos rurais. Destes, 71,8% não têm acesso à internet (3,64 milhões de propriedades). A falta de internet, aliada também à falta de torres de transmissão de dados para aparelhos celulares, é o principal desafio a ser superado.
"Nós ainda temos especialmente no campo da produção uma conectividade de rede de telecomunicações de celular ainda muito baixa, muito inferior, por exemplo, do que temos nos Estados Unidos, isso é um gargalo para adoção de tecnologias", comenta Ferreira.
Ainda de acordo com Nelson, além desses problemas de infraestrutura no campo, os produtores também consideram as vantagens financeiras advindas do uso dessa tecnologia. "Eles dizem que estariam dispostos a experimentar novas tecnologias em troca de uma remuneração variável, ou seja, ligada ao desempenho que aquela tecnologia for proporcionar para aquele agricultor em específico. Isso abre talvez novas formas de comercialização e de interação com esse agricultor", aponta Ferreira.

Barter ainda é muito usado mesmo em tempos digitais

Uma prática criada nos anos 90 que permanece viva mesmo em tempos de digitalização é a 'operação barter' que consiste em uma negociação onde o pagamento pelo insumo é efetuado através de troca de produtos da fazenda.
Por conta desse tipo de negociação, é bem comum o agricultor comprar insumos sem que haja a necessidade de tirar dinheiro do bolso. O fato levantou a curiosidade dos pesquisadores, pois, mesmo em 2021, onde bancos oferecem crédito para esse agricultor, com juros abaixo do mercado, o 'barter' continua sendo muito utilizado, não somente para a compra de insumos, mas em muitos outros processos.
"O barter virou uma ferramenta do dia a dia do agricultor brasileiro por suas vantagens econômicas e de conveniência. Muita gente faz barter para tudo. Um terço dos agricultores usa para apenas um produto; outro terço usa para dois produtos; e outro terço usa para três produtos, entre defensivos, fertilizantes e sementes. Os defensivos, obviamente, que introduziram essa modalidade, continuam sendo os principais, mas ele realmente virou a modalidade de crédito e financiamento de muitos agricultores", fala Nelson Ferreira.
Ao mesmo tempo, em que continua o uso do barter, existem agricultores que buscam a utilização de outras sofisticações financeiras. Novamente os produtores mais jovens pesquisados tendem a utilizar mais dessas ferramentas do que os produtores seniores.

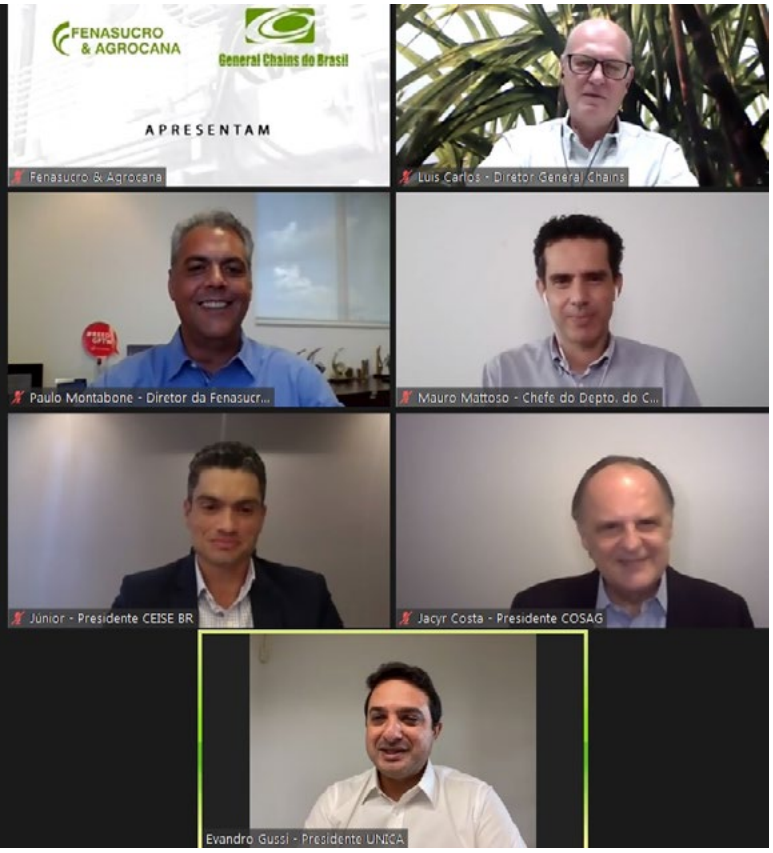
Estudo aponta oportunidades na sustentabilidade

A agricultura e a sustentabilidade caminham juntas no Brasil e entre as práticas agronômicas consideradas mais sustentáveis está o plantio direto, a importação de cultura e o de controle biológico.
Hoje, o plantio direto no Brasil está acima do que é praticado em outros países, como, por exemplo, nos Estados Unidos. O clima favorece a safra, safrinha ou rotação de cultura, que é feita por aqui.
"Essas são práticas que tendem a sequestrar carbono são práticas sustentáveis. Isso já é comum na agricultura brasileira. Existe, por outro lado, uma oportunidade para gente crescer que é a questão do reflorestamento e também da integração, lavoura, cultura e pecuária. 39% adotam ativamente a prática de reflorestamento e um dos principais gargalos que impedem que ela seja mais adotada são justamente questões ligadas ao arcabouço regulatório", explica Ferreira.
A dificuldade em monetizar créditos de carbono ligados à floresta tem sido um entrave. Apesar dos avanços em relação à descarbonização dos combustíveis, colocado em prática através do RenovaBio, no caso da agricultura a falta de informação sobre assunto prejudica que mais produtores busquem essa modalidade de forma ativa.
"Muito embora seja um dos principais potenciais que temos no Brasil, muitos agricultores consideram não entender o tema. Então, existe um gargalo muito grande no entendimento do crédito de carbono. Se pensarmos em uma agenda regulatória e no papel que a agricultura brasileira tem na sustentabilidade de descarbonização, claramente temos que criar tópicos direcionados à agricultura brasileira daqui para frente", finaliza Nelson Ferreira.

Fernanda Clariano

Especialistas discutem a consolidação do RenovaBio

Representantes do setor sucroenergético debateram as oportunidades e cenários do programa de descarbonização do Brasil



O Brasil é referência em tecnologia para biocombustíveis e bioenergia no cenário mundial e vem ganhando mais relevância com o RenovaBio, que é considerado um programa capaz de impulsionar toda cadeia produtiva do segmento de bioenergia por meio do compartilhamento da receita entre os participantes como usinas, indústria de base, produtores e os demais elos da cadeia produtiva. O programa cria um marco institucional, que é rastreado pelo processo de descarbonização e beneficiará o biocombustível mais eficiente.

As perspectivas e oportunidades geradas após o primeiro ano do programa federal, tendo como tema ”O RenovaBio como impulsionador da indústria de base do mercado de bioenergia”, foram discutidas durante a webinar, que teve como moderador o diretor-presidente da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), Evandro Gussi, e contou com a participação de representantes de entidades de classe, do governo federal e de empresas com atuação no setor sucroenergético, como o presidente do Cosag (Conselho Superior do Agronegócio da Fiesp), Jacyr Costa Filho; o chefe do departamento do Complexo Agroalimentar e de Biocombustíveis do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), Mauro Arnaud de Queiros Mattoso; o diretor técnico comercial da General Chains, Luís Carlos Bróglio, o diretor técnico comercial da General Chains; o presidente Ceise Br (Centro Nacional das Indústrias do Setor Sucroenergetico e Biocombustiveis), Luís Carlos Jorge, e o diretor da Fenasucro & Agrocana, Paulo Montabone.

Para o presidente da Unica, o programa trabalha com um processo de elo e a descarbonização criou esse mercado e essa nova riqueza que é compartilhada. Na avaliação de Gussi, o processo do mercado pode gerar mais receita e mais investimentos, logo nutre a indústria de base, fortalece o produtor e impacta os demais setores envolvidos no fornecimento de serviços e produtos.

Paulo Montabone, por sua vez, reforçou que o Brasil é protagonista no mercado bioenergético, atraindo o interesse de outros países que vêm em busca de alternativas, exemplos e soluções.

Na ocasião, o executivo do Cosag, Jacyr Costa Filho mencionou como está vendo a perspectiva do produtor de etanol, os impactos e como esse elo da cadeia e os produtores estão se preparando para a demanda dos biocombustíveis no Brasil e no mundo. Para Costa Filho, o mérito que o RenovaBio trouxe foi dar uma organização para que os

produtores analisassem o quanto emitem e quanto deixam de emitir e ver onde se pode melhorar. Na sua avaliação, além do processo de descarbonização, o RenovaBio estimula a geração de novos produtos e inovação em relação à eficiência para conquistar novos mercados. “A indústria está se diversificando, já passou pelo açúcar, etanol, pela cogeração, agora temos o biogás e o CBio. O biogás será um novo produto que trará ganhos importantes no aumento da cogeração, que será um foco de atenção muito grande. Além disso, o crédito de carbono é cotado a 40 euros na Europa. Em relação ao ano passado, quase que dobrou a cotação e ainda tem uma tendência de alta. Isso é uma oportunidade fora do Brasil, já que a Europa estuda a possibilidade de contratação fora do território”, disse o executivo.

O presidente do Ceise Br, Luís Carlos Júnior Jorge, salientou a importância do RenovaBio e segundo ele, o programa chegou no momento certo para salvar a indústria de base e movimentar a cadeia produtiva. “Ao receber os recursos da descarbonização, a usina investirá em novos projetos para aumentar as reduções de carbono e isso irá movimentar a indústria de base, a usina indo bem, a indústria vai bem. Com a consolidação do RenovaBio tudo vai melhorar e os empresários já entenderam que é um caminho sem volta”, afirmou Jorge.

Já o diretor técnico comercial da General Chains, Luís Carlos Bróglio, falou como a indústria de base vê esse movimento e ressaltou que os primeiros impactos já são percebidos pelo setor e que a tendência é o fortalecimento desse movimento. “Já está sendo considerado nos planejamentos de curto e médio prazo como suprir essas demandas por meio de novos equipamentos e treinamento da equipe. Teremos uma reação em cadeia em diversos setores. Em 2021, até março, já foram alcançados 24% da meta do ano e percebemos que isso está com um movimento muito forte no exterior, o que tem gerado muitos negócios”, disse Bróglio.

Reconhecendo o cenário do programa, o chefe do departamento do Complexo Agroalimentar e de Biocombustíveis do BNDES destacou que a instituição possui diversas linhas de financiamento para auxiliar os produtores na renovação de frota e aquisição de equipamentos. De acordo com Mattoso, o programa BNDES RenovaBio irá financiar as empresas com base no potencial no fator de emissão, que se tiver um aumento receberá descontos na taxa aplicada. “Hoje, o projeto consiste em fornecer empréstimos a produtores de biocombustíveis e reduzir a taxa de juros ao longo do período de pagamento caso metas de redução na emissão de dióxido de carbono sejam cumpridas”.

Marino Guerra

Agricultura de Precisão como ela pode ser

Especialistas desmistificam alguns conceitos sobre a prática

O SolloAgro, programa de educação continuada do Departamento de Ciência do Solo da Esalq/USP, promoveu um encontro virtual com especialistas em diversos segmentos da Agricultura de Precisão, que em suas apresentações contribuíram com suas visões, bastante realistas, relacionadas a diversos manejos.

O painel de maior destaque foi conduzido pelo

coordenador do Laboratório de Agricultura de Precisão da Esalq, prof. dr. José Paulo Molin, que através do tema "A gestão da variabilidade de fertilizantes e corretivos" se esforçou para elucidar conceitos hoje distorcidos com os quais se depara nas mais variadas regiões e culturas da agricultura brasileira.

Como, o uso apenas da análise química do solo, e ainda por cima, feita muitas vezes de modo insuficiente, penando no conjunto de dados necessários para a criação de um mapa de aplicação variável.

Na visão do especialista, para conseguir encontrar a exatidão na definição das doses, é preciso repensar a metodologia de coleta das amostras de solo e incorporar outras variáveis como fatores físicos (compactação por exemplo) e biológicos (pragas e banco de sementes).

Referente à coleta de dados, ele aponta que saber o valor de nutrientes exportados no ciclo anterior é uma informação fundamental para a prática, o que somente é possível calcular através da montagem de um mapa de colheita confiável.

Todas essas informações relacionadas resultarão num mapa do talhão com números bastante antagônicos, que identificarão as regiões de maior e menor potencial produtivo.

Assim, Molin fala sobre a quebra de mais um paradigma comum nos campos: o esforço de adubação nas áreas mais complexas pensando em correção e ganhos expressivos de produtividade, o que, na opinião do professor, é um trabalho inútil.

Em sua tese, o produtor tem que ser agressivo na adubação das regiões "nobres", pois essas conseguirão responder com produtividade, enquanto que nas mais fracas é preciso adotar uma estratégia de reposição do básico para obter uma produção padrão.

Por fim, mostrou rapidamente o case de estudo sob o título em inglês "Variable rate fertilization in citrus: a long term study" que traduzido fica, "Efeito da fertilização em doses variadas na citricultura: Um estudo de longo prazo".

Seu conteúdo relata, através de anos de experimentos e observações, duas conclusões relevantes no sentido de trazer o manejo de precisão próximo da realidade, o primeiro é a confirmação da tese apresentada no início do painel, de que não é possível conseguir uniformização da fertilidade, e o segundo é o de que não existe lugar para adubos formulados ao adotar taxa variável.

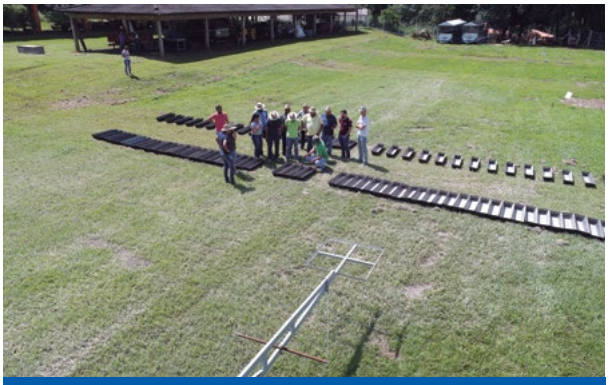
Outra quebra de conceitos da noite foi quanto ao menosprezo que muitos profissionais do agro têm quanto ao uso de drones tripulados com sensores RGB, aqueles mais simples que fazem a leitura apenas do que é visível ao olho humano nas imagens que captura.

O assunto foi abordado pelo professor Peterson Ricardo Fiorio, que mostrou ser possível fazer trabalhos importantes com o instrumento. Dentre eles, citou: estudo de falhas em canaviais, análise de diferença varietal e de crescimento, estimativa da área de dissecação da soja, identificação de problemas em pivôs, dentre outras funcionalidades.

Lógico que se trata de um trabalho desenvolvido por profissionais capacitados, mas considerando o valor do equipamento e também a menor complexidade da formação dos mapas, o custo acaba sendo menor, o que torna viável a tecnologia a uma gama significativa de médios agricultores.

Por fim, o dr. Luís Henrique Bassoi, da Embrapa Instrumentação, mostrou um estudo de caso de como a Agricultura de Precisão é adotada na vitivinicultura paulista, chamando bastante a atenção na forma com que é executado o mapa de colheita no parreiral, através da contagem do número de cachos.

O que pode ser um estímulo para levar o setor canavieiro a uma reflexão para a solução de um dos seus maiores problemas no tema, conseguir medir a variação da produtividade ao longo do processo de colheita, onde às vezes a corrida por encontrar soluções de alta tecnologia pode mascarar a adoção de uma prática mais simples, porém eficaz.

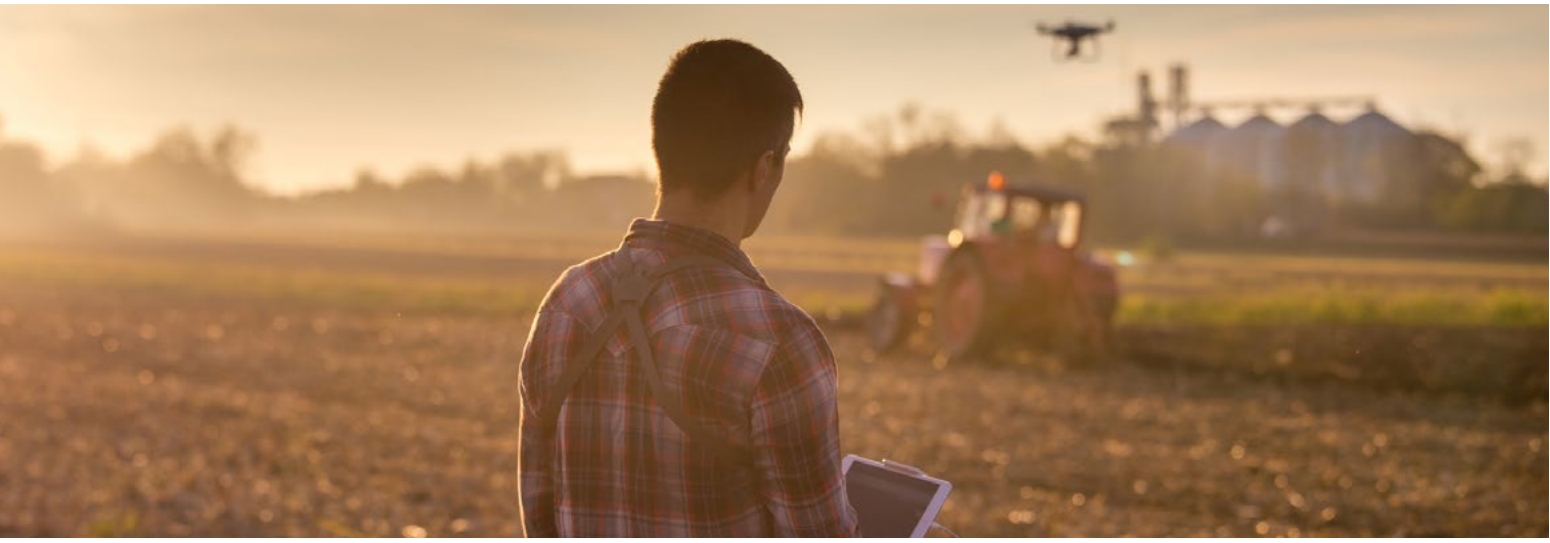


Professor José Paulo Molin em ação ao longo da Jornada de Agricultura de Precisão de 2020 que a reportagem da Revista Canavieiros teve a honra de participar

Fernanda Clariano

A nova agricultura canavieira

Uma nova era na cultura de cana-de-açúcar e do agronegócio focada em sustentabilidade e produtividade



O Brasil é chamado de "celeiro do mundo" e, por isso, lhe é cobrada a responsabilidade de produzir com sustentabilidade. Ao longo dos anos, os processos de plantio e colheita da cana-de-açúcar vêm sendo otimizados e surgiu, então, o termo nova agricultura canavieira, que significa falar em todos os novos meios de produção de cana em prol do desenvolvimento sustentável do setor sucroenergético. Mas não é só a evolução de máquinas e novas tecnologias que integram a nova agricultura, é preciso focar no solo. A nova agricultura trata do cultivo da cana sob um novo mais sustentável, com foco na agricultura de baixo carbono, no sistema radicular e no melhor aproveitamento das riquezas do solo.

Para falar sobre a produção de cana-de-açúcar rumo a uma agricultura de baixo carbono e uma nova era na agricultura canavieira, o Grupo IDEA reuniu renomados especialistas do setor para o seminário on line "A nova agricultura canavieira", que focou diferentes temas em torno do solo e a otimização da produção de cana, apresentando técnicas, produtos e tecnologias que contribuem para a sustentabilidade agrícola.

"Organizamos este evento para que todos saibam quais são as novas tecnologias que estão revolucionando a produção canavieira e gostaria de destacar que para alcançar altas produtividades, precisamos começar olhando para o solo, pois se ele é saudável, há produção eficiente e há vida produtiva para qualquer cultura", disse o CEO do Grupo IDEA Dib Nunes.

Importância da sistematização e conservação do solo para a nova agricultura canavieira

É importante dar ao solo as melhores condições de uniformidade de preparo, da microtopografia, de infiltração das águas, proporcionando às operações mecanizadas uma menor interrupção por manobra, obstáculos e minimizar o efeito compactação. "Objetivamos com a sistematização e conservação do solo e água, ganhos agronômicos tanto na qualidade naquilo que fazemos e dos produtos que obtemos no caso a cana, como também

em produtividade. Esse conjunto de técnicas operacionais, agronômicas e conservacionista, com o uso de técnicas disponíveis, nos dá condições de fazer uma nova agricultura mecanizada", pontuou o produtor de cana e consultor, Luiz Carlos Dalben.

Dalben: "Diferente de um grão de soja, trigo, amendoim ou milho, onde tem o plantio todo ano dessas culturas, a cana tem que ser preservada porque o plantio é caro"

Controle de tráfego - Nos últimos anos, a mecanização passou a ser mais intensa, as máquinas atualmente são mais pesadas do que as que faziam o carregamento no passado. Houve um aumento na compactação do solo com essa nova mudança e uma degradação física e biológica do solo e, em alguns casos, uma redução de produtividade. O controle do trafego visa minimizar todos esses efeitos. "Temos tecnologias disponíveis que começam na análise do solo independente do tipo de preparo que utilizamos, hoje o mapeamento via satélite e o direcionamento de todas as operações nesse sentido, desde o preparo de solo, são muito importantes para a cana, principalmente visando à compactação. Atualmente não dá para trabalhar com plantio e colheita mecanizada visando ter qualidade e rendimentos sem que se tenha todo o mapeamento via satélite, uso de GPS, piloto automático, nos seus equipamentos, na sua propriedade. Isso é uma condição muito importante", chamou a atenção o consultor.

Um canavial produtivo e resistente à seca

Produzir cana sem água ou com o mínimo de água, principalmente sem irrigação num ano como foi 2020 e como foi o início de 2021, é algo difícil, impossível? Para o produtor de cana Ricardo Delarco, não! "É preciso sair do convencional e fazer algo para o canavial aguentar o estresse hídrico. Em épocas secas, quando é preciso produzir com a falta de água, é necessário fazer um alicerce, um preparo, melhorar o solo e o perfil onde estão as linhas da cana. Produzir cana com pouca água sem irrigação só tem uma maneira, investir no tripé - preparo físico, químico e biológico do solo", afirmou Delarco, que ainda destacou que a cana não é igual soja ou milho, ela necessita de um preparo mais profundo, localizado. "É preciso corrigir o perfil da cana no sulco onde as raízes vão descer, pois o que ela quer é matéria orgânica, cálcio, magnésio, fósforo. Planta de cobertura significa matéria orgânica, maior quantidade de teores de nutrientes para que o solo fique mais desejável para a cana e microrganismos benéficos. No meu caso uso Microgel", também aconselhou o produtor. "Pensem muito bem no preparo do solo porque senão vão ficar em 70/80 toneladas por hectare para o resto da vida. Se não tiver um preparo físico, químico e biológico de forma correta, linha por linha em profundidade, não vai adiantar nada. Não façam o mesmo e verão como isso vai mudar e por um custo menor", assegurou Delarco

Palha benefício ou problema?

Os estudos do IDEA comprovam que praticamente cada corte de cana deixa no solo quase 13 toneladas de cana por hectare e essa palha traz várias interferências na produtividade agrícola da cana. Ou seja: aumento da incidência de cigarrinhas, Sphenophorus e Colletotrichum; seleção de novas espécies de plantas daninhas; redução do efeito de herbicidaaumento da suscetibilidade a geadas; aumento da necessidade de nitrogênio; abrigo para mosca dos estábulos, risco de incêndio – como tivemos no ano passado e várias áreas com problemas sérios de incêndios.

Na ocasião, o gerente de marketing da DMB Implementos Agrícolas, Auro Pardinho, destacou que a empresa tem a solução para minimizar ou até reduzir essas interferências que é o Incorporador de Palha e que pode ser utilizado logo após a colheita da cana. O equipamento aplica o calcário em profundidade e melhora a qualidade do sulco de plantio.

Uso de Giberilina para ganhar produtividade

A Giberilina, conhecida no Brasil como ProGibbi, foi descoberta no Japão. Plantas doentes cresciam mais do que as sadias e os japoneses descobriram que tinha um fungo que, quando atacava as plantas, promovia um

crescimento maior do que nas demais. Não demorou muito, descobriram um grupo de hormônios vegetais naturais responsáveis por alongamento celular que estimulava a divisão celular, acelerava o crescimento e o desenvolvimento, aumentava o tamanho de frutos, flores e uniformizava a maturação. Surgiu então a Giberilina e uma empresa japonesa isolou o produto e criou o ProGibb, que é o regulador de crescimento vegetal, talvez o mais utilizado no mundo porque é conhecido em diversas culturas. Pode ser utilizado em flores, pastagens, frutas, café e faltava o trabalho em cana-de-açúcar.

"A Giberilina da excelentes respostas com apenas uma aplicação"

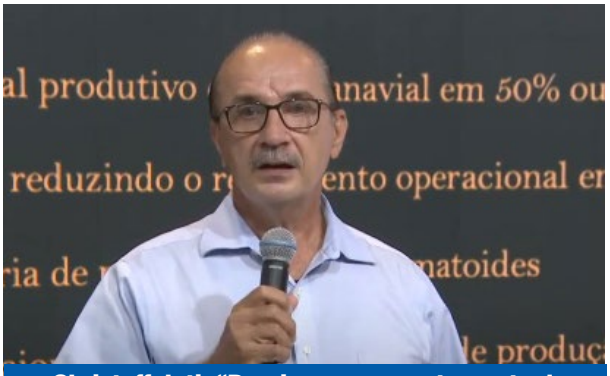
"Quando fizemos os primeiros trabalhos em cana-de-açúcar, tivemos uma grata surpresa, percebemos que promovia o alongamento do colmo através do aumento no comprimento das células dos tecidos jovens. Além disso, a planta não perdia diâmetro e continuava crescendo", comentou o CEO, do grupo IDEA Dib Nunes, ao apresentar sua experiência com o uso de Giberilina nos ganhos de produtividade.

De acordo com Dib, foram feitos centenas de experimentos de Giberilina em cana. Um dos trabalhos trouxe uma resposta interessante em doses crescentes do ProGibb. Foi observado que a melhor resposta acontecia com a dose atualizada de 7,5 grs do produto comercial por hectare. Esse trabalho feito pelo professor Fernando Tadeu Carvalho, da Unesp, de Ilha Solteira, mostrou que o melhor tratamento, talvez o mais econômico, foi aplicar apenas uma dose do ProGibb quando a testemunha teve 78 toneladas, a área tratada com ProGibb a 7,5 grs produziu 95,5 (17,54% de ganho). Isso veio comprovar todos os trabalhos feitos no campo.

"Sabemos que o produto dá resposta na cana quando aplicado no melhor período de crescimento dela. Agora estamos passando por um período ótimo de crescimento e, coincidentemente este ano, tivemos uma trava no crescimento da cana devido à intensa seca que tivemos no ano passado. Esse talvez seja um dos anos mais ideais para se utilizar ProGibb", destacou Dib.

A infestação de plantas daninhas na cultura de cana-de-açúcar

Um dos problemas dentro da cultura da cana-de-açúcar é a necessidade do manejo de plantas daninhas. A realização desse manejo é fundamental para obter índices de produtividade adequados porque a planta daninha reduz a produtividade em até 50% ou mais e dificulta a colheita mecanizada e o rendimento operacional em mais de 20%. "Dentro de uma unidade de produção precisamos trabalhar com um manejo de plantas daninhas de forma eficaz para reduzir perdas de forma econômica para que tenhamos produtividade e sustentabilidade do sistema de produção", disse o pesquisador e consultor, Pedro Christoffoleti. Mas como fazer isso? Segundo ele, através do manejo integrado.



Christoffoleti: "Precisamos urgentemente de metodologias para que tenhamos uma nova agricultura canavieira com sustentabilidade"

"É preciso integrar práticas desde o manejo varietal, espaçamento de práticas culturais, uso da palhada de forma adequada, e também do aproveitamento da rotação de cultura, da meiose, do uso de culturas em rotação para que possamos suprimir o desenvolvimento das plantas daninhas, mas mesmo com tudo isso, precisamos do herbicida. Para o herbicida, principalmente em função do seu custo, precisamos de recomendações assertivas e baseadas em informações confiáveis", chamou a atenção.

Para Christoffoleti, a informação mais difícil de obter dentro de uma unidade de produção para conseguir uma recomendação confiável é saber qual planta daninha infesta a área e seu nível de

infestação. “É evidente que para recomendar assertivamente um herbicida precisamos saber que planta daninha temos na área e essa informação depende de maneiras de como fazer isso”.

Inovando no manejo de plantas daninhas

Uma área maltratada que tem escape de plantas daninhas pode afetar principalmente áreas com folhas largas, prejudicar a colheita, ter aumento do banco de sementes do solo e impacto direto em produtividade. A UPL apresentou um equipamento para gestão de plantas daninhas e monitoramento, o Fly Up, que é um mapeamento inovador. Ele funciona como uma ferramenta de monitoramento, de observação aérea de plantas daninhas nos canaviais, além de dar atenção ao monitoramento de falhas e perdas nas áreas de plantio.

Uma aliada para a sustentabilidade agrícola

O Brasil conta com uma agricultura de ponta, que procura ser reconhecida cada vez mais não só pela sua capacidade de produzir comida, carnes e fibras, mas também por conseguir isso respeitando o meio ambiente. A Embrapa Cerrados desenvolveu a BioAS (bioanálise de solo) e a pesquisadora, doutra da Embrapa Cerrados, Ieda de Carvalho Mendes, participou do evento para falar sobre essa tecnologia. De acordo com ela, a BioAS envolve bioindicadores selecionados, com níveis críticos definidos em tabelas de interpretação, que permitem ao agricultor monitorar a saúde do solo sabendo exatamente o que avaliar e como interpretar o que foi avaliado, além de outras questões que envolvem qualidade e saúde do solo.

“Até julho do ano passado, basicamente o que tínhamos em análise de solo eram os aspectos relacionados à parte de química e física. Havia uma grande lacuna nas nossas análises que era exatamente a ausência do componente biológico e a biologia é a base da vida do solo. Felizmente essa situação mudou, com o lançamento dessa nova tecnologia bioanálise de solo conseguimos agora através da análise de duas enzimas a Beta-Glicosidase e a Arilulfatase, associadas aos ciclos do enxofre e do carbono, respectivamente, acessar a memória do solo e avaliar a saúde dele”, afirmou Ieda.

De acordo com a pesquisadora, essa tecnologia possibilita o agricultor saber se seu solo está saudável ou doente, é como se fosse um exame de sangue do solo, que permite detectar problemas assintomáticos antes que eles resultem em perdas de rendimento de grãos nas lavouras. “A grande vantagem é que as enzimas são mais sensíveis que os indicadores químicos e físicos, detectando com maior antecedência alterações que ocorrem na saúde do solo, em função do seu uso e manejo”, disse.

Ieda:“Todo solo saudável é produtivo, mas nem todo solo produtivo é saudável”

Os procedimentos de amostragem para a aplicação da BioAS são semelhantes aos adotados quando o solo é coletado para análises químicas. A única coisa que muda é que, nessa tecnologia, é imprescindível que a profundidade de amostragem seja de 0 a 10 cm, porque esta é a camada diagnóstica. A época de coleta deve acontecer após a colheita das lavouras. Em áreas sob cultivos anuais, são feitas múltiplas coletas em linhas e entrelinhas do último cultivo para formar amostras suficientes do espaço (gleba, talhão etc.). Nos laboratórios de análise de solo, a terra coletada deve ser seca ao ar e passada em peneira com malha de 2 mm.

Atualmente, essa tecnologia de bioanálise de solo está totalmente calibrada e formatada para o bioma Cerrado para as áreas de cultivos anuais de grãos e algodão, mas segundo a pesquisadora, a próxima versão da BioAS terá tabelas para o Paraná na parte de cultivo de anuais. Ieda ainda destacou “esperamos que daqui a uns dois anos possamos conseguir a BioAS cana, café, pastagens e eucalipto. Queremos expandir essa tecnologia”.

Faz parte da tecnologia BioAS um componente muito importante que é o modo de interpretação da qualidade de solo – isso é uma interface web que conecta os laboratórios comerciais de análise de solo aos servidores da Embrapa. “Todos os laboratórios comerciais que fazem parte dessa rede Embrapa de BioAS de bioanálise de solo, se conectam aos nossos servidores e à medida em que eles nos enviam os resultados das determinações de atividades enzimáticas feitas por eles nós automaticamente interpretamos esses resultados e calculamos o índice de qualidade de solo. Então, hoje é muito interessante, porque além de receber os valores das determinações de análise de rotina de solo, estamos incluindo as duas enzimas, a Beta-Glicosidase e a Arilsulfatase, e estamos devolvendo valores de índice de qualidade do solo integrando todos esses parâmetros”.

FALE COM UM DE NOSSOS GERENTES
LCA
Rendimentos de até
115%
do CDI.
Isenção de Imposto de Renda para pessoa física.

SICOOB COCRED
Vem crescer com a gente.
INVISTA
no que é seu.
INVISTA
na Cocred.
Os investimentos da Cocred unem o desejo de todo investidor, oferecendo rentabilidade e segurança juntas. Conheça as vantagens do nosso RDC e LCA e deixe seu futuro em ótimas mãos.
Vem pro Brasil que não para.
RDC
Rendimentos de até
125%
do CDI.
Ouvidoria - 0800 725 0996 - Atendimento seg. a sex. das 8h às 20h.
www.ouvidoriasicoob.com.br - Deficientes auditivos ou de fala - 0800 940 0458.
ideatore

Chuvas de março e abril de 2021 e previsões para maio e junho

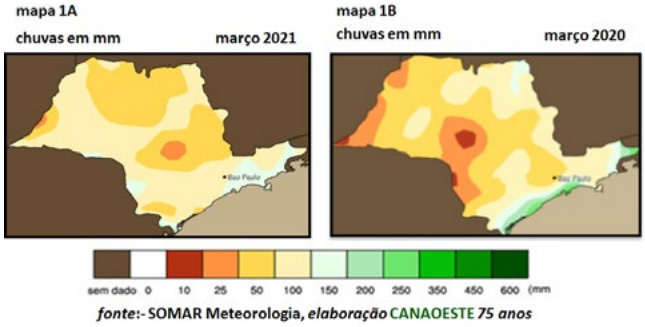
Engº Agrº Oswaldo Alonso
Consultor

Quadro 1: Chuvas anotadas durante o mês de março de 2021.

Locais	chuva mensal em mm	normais climáticas em mm
Açúcar Guarani-Unidade. Cruz Alta e Severínia	91	192
AgroClimatologia NESP-Jaboticabal-Automática	65	157
Algodoeira Donegá - Dumont	84	152
Andrade Açúcar e Álcool	93	74
Barretos - INMET/Automática	67	190
BIOSEV-MB-Morro Agudo	121	201
BIOSEV-Santa Elisa	101	204
Central Energética Moreno	119	154
CFM – Faz. Três Barras - Pitangueiras	104	160
COPERCANA - UNAME - Automática	141	147
DESCALVADO - IAC-Ciiagro	94	168
E. E. Citricultura - Bebedouro Automática	103	160
FAFRAM - Ituverava - INMET-Automática	94	188
Faz. Santa Rita - Terra Roxa	50	193
Faz. Monte Verde - Cajobi/Severínia CTH	83	162
IAC-Centro Cana - Ribeirão Preto - Automática	154	165
IAC-Ciiagro - São Simão	105	141
Usina da Pedra-Automática	135	165
Usina Batatais	147	186
Usina São Francisco	60	150
Médias das chuvas	**101**	**165**

A média das chuvas de março de 2021 (101 mm) ficou 60% das Normais Climáticas do mês (165 mm) e quase 90% das chuvas do mês de março de 2020 (115 mm). Houve extremos entre 154 mm (Centro de Cana IAC), 147 mm (Usina Batatais), 141 mm (Copercana Uname) e 135 mm (Usina da Pedra); enquanto que ocorreram 50 mm (Faz. Sta. Rita), 60 mm (Usina S.Francisco), 65 mm e 67 mm (UNESP-Jaboticabal e Barretos, respectivamente).

Mapa 1: Em quase toda área entretanto, as somas de chuvas nos meses de março de 2021 (1A) e 2020 (1B) ficaram abaixo das normais climáticas.



fonte:- SOMAR Meteorologia, *elaboração* CANAOESTE *75 anos*

Quadro 2: As chuvas de março de 2021 foram anotadas pelos escritórios regionais e computadas em Pitangueiras; enquanto que os dados de chuvas acumuladas de dezembro de 2017 a 2020 e as de janeiro e fevereiro de 2021, com suas respectivas médias mensais e normais climáticas, foram processadas e comentadas pela CANAOESTE.

meses / anos		*dezembro 2017-2020 a fevereiro de 2018-				janeiro e fevereiro				março				*dezembro 2017-2020 a março de 2018-2021			
e localidades		17/18	18/19	19/20	20/21	2018	2019	2020	2021	2018	2019	2020	2021	17/18	18/19	19/20	20/21
Barretos																	
INMET	1	699	379	702	628	130	217	456	300	63	151	124	67	763	529	826	695
Bebedouro																	
Escritório Canaoeste		785	594	981	564	447	403	685	309	121	210	113	137	906	804	1.093	701
Est. Exp. Citricultura	2	569	507	777	498	307	387	579	152	65	183	62	103	634	689	839	601
Cravinhos - S Simão																	
Esc. Antonio Anibal		661	708	631	878	440	532	465	425	94	137	76	123	755	845	707	1.001
Instituto Florestal	3	641	902	911	733	476	734	675	361	197	175	177	105	838	1.077	1.088	838
Ituverava																	
FAFRAM / INMET	4	897	444	943	513	639	336	682	274	77	169	178	94	973	613	1.121	607
Morro Agudo																	
Faz.S Luiz e Biosev-MB	5	730	677	722	828	493	440	422	330	123	334	117	124	853	1.011	839	952
Pitangueiras																	
Copercana		671	608	788	631	413	462	513	273	181	172	100	151	852	780	888	782
CFM - Faz. 3 Barras	6	774	529	600	482	505	392	356	228	123	171	122	103	897	700	721	585
Pontal																	
Bazan, B Vista e Carolo		592	458	573	723	361	392	405	320	103	151	79	113	695	609	652	836
Serrana																	
Fazenda da Pedra	7	655	827	982	660	520	596	820	135	125	173	277	135	780	1.000	1.260	795
Sertãozinho																	
Instituto Zootecnia	8	752	595	930	710	504	522	645	317	72	426	132	106	823	1.021	1.062	817
Destilaria Santa Inês		522	476	667	704	353	439	532	246	74	189	93	112	596	665	760	816
UNAME - COPERCANA	9	492	593	633	676	359	494	497	321	58	214	114	141	550	807	747	817
Severínia																	
Bulle Arruda - Ivan Aidar	10	693	499	688	511	469	357	401	196	62	192	75	75	755	691	762	586
Terra Roxa																	
Fazenda Sta Rita	11	878	657	810	643	593	347	515	388	150	355	69	50	1.028	1.012	879	693
Viradouro																	
Escritório Canaoeste		674	628	560	590	428	452	384	306	145	139	104	89	819	767	664	679
Usina Viralcool		704	599	555	566	429	481	437	280	92	149	182	136	796	748	737	701
Centro de Cana IAC	12	536	530	653	930	343	416	427	462	180	145	96	154	716	676	749	1.084
Médias mensais		682	599	733	662	449	452	511	302	111	202	113	105	793	801	846	768
Normais climáticas		729	728	729	731	481	486	486	486	175	174	177	172	904	902	906	903

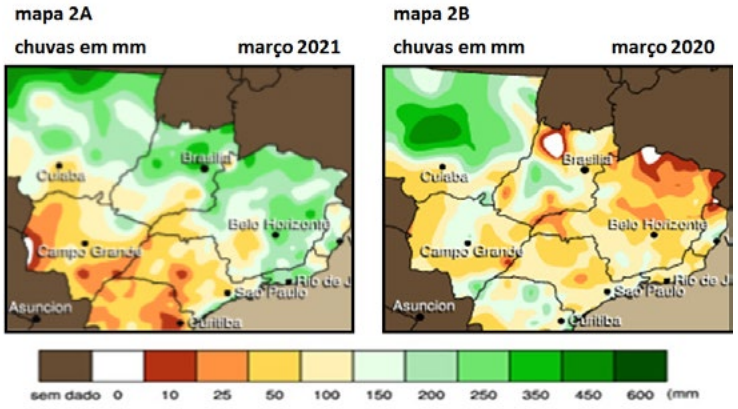
*os verões iniciam em 21/22 de dezembro e findam em 20 de março. Entretanto, serão aqui considerados como inteiros, uma vez que mostram características semelhantes aos demais meses de verão (janeiro e fevereiro).

Obs:- Médias mensais, destacadas em vermelho (penúltima linha do quadro), referem-se às médias das chuvas registradas no mês em questão. As Normais Climáticas ou históricas (negritadas na última linha) referem-se às médias de muitos anos dos locais numerados de 1 a 12.

Nas duas últimas linhas das colunas dos meses de março de 2018 a 2021, nota-se que as somas das normais climáticas (na última linha) foram praticamente iguais; entretanto, as diferenças foram bem marcantes entre as somas das médias mensais (na penúltima linha) destes mesmos meses. Vale destacar que a soma das médias mensais dos meses de março de 2018, 2020 e 2021, respectivamente 111, 113 e 105 mm, foi bem inferior à soma de março de 2019 (202 mm) e às respectivas normais climáticas (175, 177 e 172 mm - na última linha).

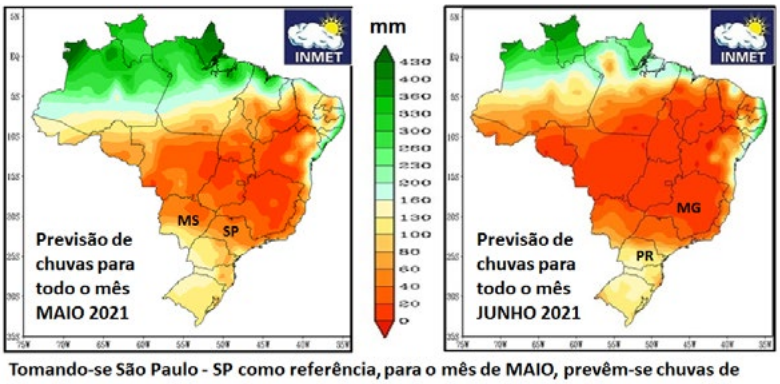
Complementando o quadro 2 com as últimas quatro colunas à direta, onde são apresentados dados de dezembro de 2017 a 2020 somados aos meses de janeiro a março de 2018 a 2021, compondo acumulados destes quatro meses como sendo de "verões" de 2017/18 a 2020/21. Notar que estas médias mensais (penúltimas linhas) diferem bem das respectivas normais climáticas (últimas linhas). Devendo-se destacar as duas últimas linhas da última coluna - médias mensais (768 mm) e normais climáticas (903 mm) - cuja diferença é de 135 mm de chuvas a menos e em um período de máximo desenvolvimento, que impacta ainda mais na produtividade dos canaviais para a próxima safra.

Mapa 2: Na região Centro-Sul, além dos comentários efetuados para São Paulo, comparativamente a março de 2020 (mapa 2B), notou-se diferença entre os melhores volumes de chuvas que ocorreram em março de 2021 (mapa 2A) nos estados de Goiás e Minas Gerais, mas que foram mais severas para os estados do Mato Grosso do Sul e Paraná.



fonte:- SOMAR Meteorologia, *elaboração* CANAOESTE *75 anos*

Mapas 3: Prognósticos INMET-Instituto Nacional de Meteorologia para maio e junho.



Tomando-se São Paulo - SP como referência, para o mês de MAIO, prevêm-se chuvas de 60 a 80 mm para a faixa centro a norte dos estados de SP e MS; 40 a 60 mm para a faixa acima (GO, MG e MT) e de 80 a 100 mm para a faixa do centro de SP (grande parte do PR e sul do MS). Para JUNHO, prevêm-se chuvas de 40 a 60 mm para todo estado de MS e SP, 20 a 40 mm para ES, GO e MT e de 100 a 130 mm para PR.

Pelo Centro de Cana-IAC, as médias históricas de chuvas, para Ribeirão Preto e municípios próximos, são de 55 e 30 mm para maio e junho, respectivamente .

Análise dos fenômenos El NiÑo e La NiÑa:

Em atualização no dia 8 de abril de 2021, a Agência de Meteorologia e Oceanografia NorteAmericana (NOAA) indica que La Niña está quase no final para o fim do outono (junho) e, no decorrer do inverno (julho a setembro) o cenário se mostra como de neutralidade. De acordo com a simulação pelo Centro Canadense para Modelagem e Análises Climáticas (CanSIPS), o bimestre maio-junho será caracterizado por chuva abaixo da média no Centro e Sul do Brasil. As temperaturas permanecerão mais elevadas que o normal em boa parte da região Centro- Sul; entretanto, temperaturas mais baixas poderão ser notadas no litoral das regiões Sudeste e Sul, em função de passagens de frentes frias costeiras. Durante julho a setembro - prevê um inverno tipicamente seco, mas sem extremos. Além disso, o interior do Brasil permanecerá sob temperatura acima da média, especialmente estados como São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás.

Prognóstico trimestral: pela análise acima, a SOMAR Meteorologia assinala as condições climáticas para São Paulo e áreas adjacentes, poderão ser:

- **maio e junho:** chuvas abaixo da média e temperaturas mais elevadas que a média histórica,
- **julho:** poderá ter chuvas dentro da normal climática e temperatura acima da média.

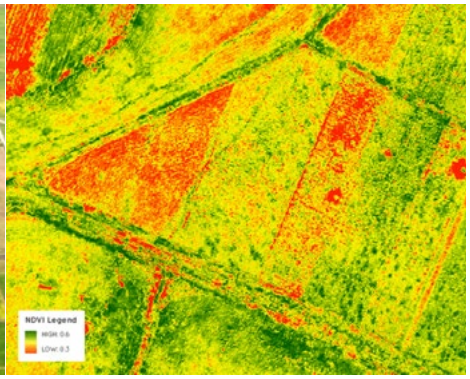
Com esta tendência climática, a Canaoeste recomenda aos associados que monitorem a qualidade e perdas durante a colheita. Tratos culturais de soqueiras dificultados em função de solos secos.

Estes prognósticos serão revisados nas edições seguintes da Revista Canavieiros. Fatos relevantes serão noticiados em **www.canaoeste.com.br** e **www.revistacanavieros.com.br.**

Persistindo dúvidas, consultem os técnicos mais próximos ou **Fale Conosco CANAOESTE**.

* Profa. dra. Carla Segatto Strini Paixão Voltarelli
Coordenadora do curso de graduação de Engenharia Agronômica - Centro Universitário Facens

Você já ouviu falar em zonas de manejo?



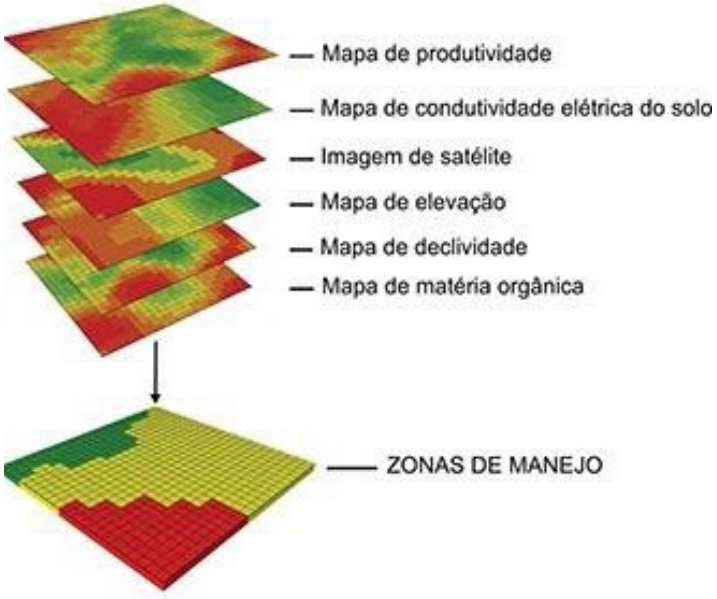
Vamos conhecer?

No artigo passado começamos a aprender sobre NDVI, e entender como esta ferramenta pode nos auxiliar como uma estratégia de gestão. Nesta edição vamos conhecer uma ferramenta que também utiliza os mapas de NDVI para o gerenciamento na hora da tomada de decisão. – ZONAS DE MANEJO (ZM)

As zonas de manejo, também conhecidas por Unidades de Gestão Diferenciadas (UGDs), são sub-regiões definidas dentro de uma mesma área, sendo possível enxergar através delas aquelas com maior e menor potencial produtivo do talhão, possibilitando manejos mais assertivos conforme as características de cada uma.

É uma ferramenta importante para maximizar o uso da agricultura de precisão nas propriedades agrícolas, uma vez que a ideia central consiste em agrupar mais de um fator que pode ser usado para compor áreas ou zonas com maior potencial de produtividade, gerando um único mapa, com vários fatores, para tornar as decisões gerenciais com maior probabilidade de acertos, uma vez que quantos mais fatores utilizarmos para composição das ZM melhor será a margem de erro.

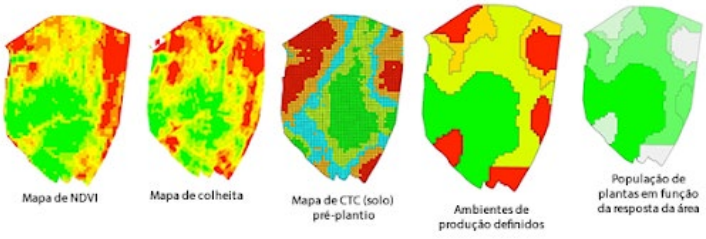
Um exemplo de aplicação pode ser quando associamos o uso de imagens de NDVI, mapas de produtividade, condutividade elétrica do solo, textura do solo, dentre outros fatores, no qual a sobreposição destes gera informações detalhadas do nosso talhão, para assim termos mais assertividade no momento de planejar os ciclos das culturas agrícolas.



Por que utilizar zonas de manejo?

A maior vantagem dos métodos que utilizam zonas de manejo em relação aos demais é o fato de serem capazes de agregar dados históricos da área em diferentes camadas e traduzi-los em uma informação relevante à tomada de decisão ou distribuição de coletas de amostras como solo, plantas, raízes, etc.

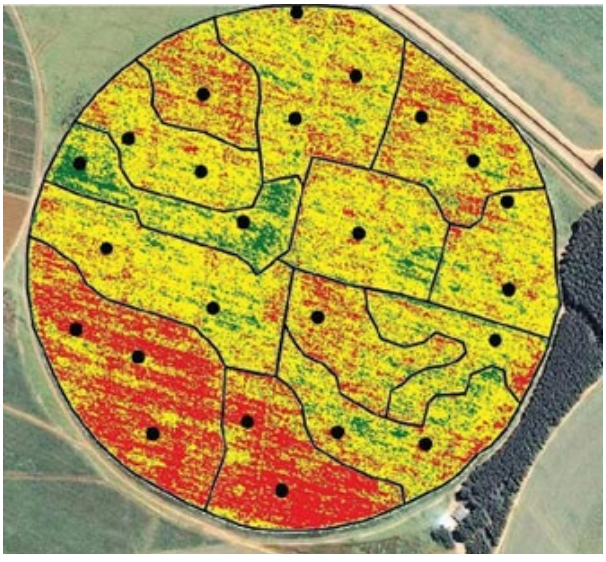
Imagine que você necessita aplicar fertilizantes em taxa variável e precisa entender as variabilidades da área para gerar recomendações direcionadas. Uma das metodologias pode ser aplicar uma grade regular que coloca um ponto de coleta de solo a cada três hectares, mas essa metodologia não leva em consideração as variabilidades de produtividade, biomassa, relevo e outras características da região, podendo ter menos assertividade e maior custos com coletas se comparado com áreas onde as UGDs já estão bem estabelecidas.



Existe um risco considerável ao utilizar apenas um fator para a elaboração de zonas de manejo e deste planejar todo o ciclo de operações para uma cultura agrícola. Porém, quando se deseja implementar a agricultura de precisão em propriedades agrícolas e não existem mais opções para compor as ZM's, é recomendado maior cuidado e atenção no momento da prescrição das atividades agrícolas a serem realizadas a campo.

Como principais benefícios das zonas de anejo, tem-se:

1. Amostragem de solo (relevância e sub-amostras): a amostragem de solo quando realizada após zonas de manejo préestabelecidas torna a amostragem mais simples e econômica de ser feita;
2. Amostragem de pragas: pragas de solo com baixa mobilidade principalmente, como nematóides e fungos de solo;
3. Semeadura em taxa variável: entender os ambientes diferentes permite colocar a população de plantas de maneira mais adequada;
4. Alocação de cultivares: cada cultivar possui diferentes níveis de exigência quanto à fertilidade, disponibilidade hídrica e outras características que podem ser definidas através das UGDs para uma escolha mais assertiva da variedade a se plantar.
5. Aplicações de fertilizantes em taxa variável: com as zonas de manejo estabelecidas, é possível gerar uma prescrições rápidas e simplificadas de fertilizantes e corretivos na quantidade e locais corretos.



Definição de pontos de coleta para amostragem de solo a partir de zonas pré-estabelecidas

Como gerar as zonas de manejo?

Existem diversos softwares de SIG (Sistema de Informação Geográfica) que podem auxiliar na geração destas zonas, como o plugin gratuito Smart-Map para QGis e uma série de plataformas e softwares pagos com foco em agricultura de precisão.
A elaboração, análise e interpretação das zonas de manejos nem sempre são fáceis de serem realizadas e interpretadas pelos profissionais e produtores, e quando existe um número grande de fatores, o nível de dificuldade aumenta ainda mais, pois existe um patamar complexo de informações que se agrupam, para assim, dar uma possível indicação de áreas com maior ou menor potencial produtivo dentro do talhão.
Ao utilizarmos as ZM podemos elaborar cultivo após cultivo à distribuição espacial do comportamento da produtividade no talhão e se fizermos isso ao longo dos anos agrícolas, teremos uma poderosa ferramenta para análise de informações, baseadas em fatores espaciais e temporais e com isso conseguiremos tratar ás áreas como UGD's ou Unidade de Gestão Diferenciada dentro do talhão que retrataram as áreas com maior e menor potencial de produção para cada talhão dentro da propriedade.

Considerações finais:

As UGD's são um dos melhores resultados que o ciclo de agricultura de precisão pode entregar as propriedades agrícolas, porque é a forma mais assertiva de se tomar decisões visando entender cada local do talhão, sabendo onde pode ser colocado mais ou menos sementes/metro, onde teremos maior ou menor produtividade, área que necessitam de maior quantidade de adubo, dentre outros.
O mais interessante é que a partir da ZM, a busca pelos fatores limitantes a produção podem possuir mais sucesso, o que não livra o profissional de ir a campo e fazer o acompanhamento da lavoura. Lembrem- se de nada adianta investir em equipamentos de agricultura de precisão para ter todas as informações dentro de uma propriedade rural ou partes delas, e não utilizá-las da maneira correta. A busca de profissionais capacitados ainda se faz necessário para poder incrementar a produtividade ou trabalhar com uma gestão metro a metro.
Gostou desse conteúdo? Continue nos acompanhando para ficar por dentro das novidades com novos artigos.

O MELHOR
PARA A SUA FAMÍLIA

NA COPERCANA TEM TUDO O QUE VOCÊ PRECISA:

AUTOMOTIVO

Baterias;
Pneus para carros, caminhões e agrícolas;
Câmaras para carros e linha pesada;
Filtros, lubrificantes para motos, carros e linha pesada.

FERRAGEM

Linha de peças para implementos agrícolas, veterinária, selaria, cutelaria, ferramentas manuais e elétricas, EPIs, jardinagem, produtos para piscina e lazer, rações bovinas, suínas, equinas, aves e linha PET, homeopatia para carrapatos e mastite, sal mineral, polpa cítrica, milho moído e em grãos.

MAGAZINE

Cama, Mesa e Banho;
Eletrodomésticos,
Eletroportáteis
E muito mais.

TEM SEMPRE UMA LOJA PERTINHO DE VOCÊ, CONFIRA:

FILIAIS: BARRETOS (17) 99668-4296 - BATATAIS (16) 99638-5629 - CAMPO FLORIDO (34) 99842-7174 CRAVINHOS (16) 99963-4937 - DESCALVADO (19) 99997-1153 - FRUTAL (34) 99957-6644 - GUAÍRA (17) 99631-2891 GUARÁ (16) 99975-3405 - ITUVERAVA (16) 99975-4764 - JABOTICABAL (16) 99975-4923 - MONTE ALTO (16) 99975-5867 MORRO AGUDO (16) 99975-8441 - PAULO DE FARIA (17) 99670-4867 - PITANGUEIRAS (16) 99991-3116 PONTAL (16) 99991-9062 - PORTO FERREIRA (19) 99851-9481 - SANTA CRUZ DAS PALMEIRAS (19) 99873-6561 SANTA RITA DO PASSA QUATRO (19) 99894-5138 - SANTA ROSA DE VITERBO (16) 99994-3726 - SERRANA (16) 99994-3776 SERTÃOZINHO (16) 99640-0906 - SEVERÍNIA (17) 99632-6191

FerragemEMagazineCopercana
www.copercana.com.br

COPERCANA
FERRAGEM - MAGAZINE

IMÓVEIS RURAIS

Imóvel rural denominado "Estância Novo Horizonte", matrícula nº 47.053, com área de 2,00 hectares, localizado no município de **Barretos/SP.**

Um sítio de Recreio com 5.125,00 m², matrícula nº 1.949, situado no Condomínio Vale do Sol, denominado lote nº 01 da quadra nº 05 com frente para a rua 5, esquina com a rua 1, no município de **Jardinópolis/SP.**
Observação: O lote possui benfeitorias de 477.20m² não averbadas na matrícula, disponível para venda da forma que se encontra.

IMÓVEIS URBANOS

Imóvel Urbano Comercial no 23º Andar do Edifício New Office, com área total de 133,9583 m², sendo 57,64 m² de área privativa e 76,3183 m² de área comum, matrícula nº 159.286, localizado em **Ribeirão Preto/SP**.

Um apartamento com 66,280 m², situado no 2° pavimento, bloco B-18, n° 565, matrícula n° 30.229, Conjunto Residencial Primavera, avenida Paris, n° 707, no município de **Ribeirão Preto/SP.**

Um apartamento com 66,280 m², situado no 2° pavimento, bloco B-11, n° 510, matrícula n° 31.380, Conjunto Residencial Primavera, avenida Paris, n° 707, no município de **Ribeirão Preto/SP.**

Imóvel residencial com área total de 540,88 m² e área construída de 311,29 m², situado na Rua Tenente Catão Roxo, n° 837, Jardim Antártica, matrícula n° 42.501 no município de **Ribeirão Preto/SP.**

Imóvel residencial urbano, com área construída de 438,10 m² e área total de 603,75 m², matrícula n° 32.717, casa n° 09 do setor 04 no Condomínio Residencial Pedra Verde, situado na Rua José Pedro da Silva Matos, n° 350, bairro Jardim Tropical, no município de **Marília/SP**.

Imóvel residencial e comercial sob as matriculas n° 10.947, 10.709, localizado na rua Luiz Carlos Tocalino n° 460, 450, bairro Residencial Nova Viradouro, no município de **Viradouro/SP.**

Imóvel residencial urbano, com área construída de 200 m² e terreno de 300 m², matrícula 54.464, localizado na Rua Alexandre Daú, n° 3.002, Bairro Vila Scarabucci, no município de **Franca/SP.**

TERRENOS

Terreno Urbano com área de 1.004,26 m², matrícula n° 14.268, localizado na Rua Vicente de Araújo Lopes, lote 01, quadra n° 32, no município de **Jardinópolis/SP.**

DIVERSOS

Redutor de velocidade, redução de 1 x 4, capacidade de 500 CV, cor azul, marca Falk.

VAMOS FECHAR NEGÓCIOS?

Se tem interesse em algum dos itens colocados à venda, é só ligar ou mandar um e-mail que a gente te passa mais informações!

(16) 2105-3800 | (16) 9 8131-5500 patrimonio@sicoobcocred.com.br

SICOOBCOCRED

Vem crescer com a gente.

cocred.com.br

sicoobcocred

GANHO SOCIAL DO COOPERADO

Juros menores e tarifas reduzidas proporcionaram economia de R$ 14,9 mil a cada associado da Sicoob Cocred em 2020.

Já pensou ter acesso aos mesmos produtos e serviços de um banco, inclusive obter crédito, fazer investimentos, contratar consórcios, seguros e previdência, só que pagando taxas de juros e tarifas muito menores, sem toda aquela burocracia e ainda participar de uma espécie de distribuição de lucros no final de cada ano? Então, torne-se cooperado da Sicoob Cocred.

Com 51 anos de história, a Cocred é uma das maiores e mais sólidas cooperativas de crédito do país, e continua crescendo, mesmo em tempos de crise, porque sempre coloca os cooperados no centro das ações. Indiretamente, isso assegura que a comunidade como um todo seja, de fato, a grande beneficiada nos processos.

Ao contrário da maioria dos bancos, que restringiu o crédito durante a pandemia, a Cocred tem ampliado a concessão de empréstimos, sempre com taxas de juros menores e tarifas reduzidas, contribuindo para que mais pessoas – físicas e jurídicas – tenham acesso a produtos e serviços financeiros, e consigam superar esta fase de dificuldade.

Só em 2020, a Cocred concedeu R$ 41,4 milhões por meio do Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe) e outros R$ 114,4 milhões pelo Fundo Garantidor para Investimentos (FGI), que tem por objetivo facilitar a obtenção de crédito por micro, pequenas e médias empresas, empreendedores individuais e caminhoneiros autônomos.

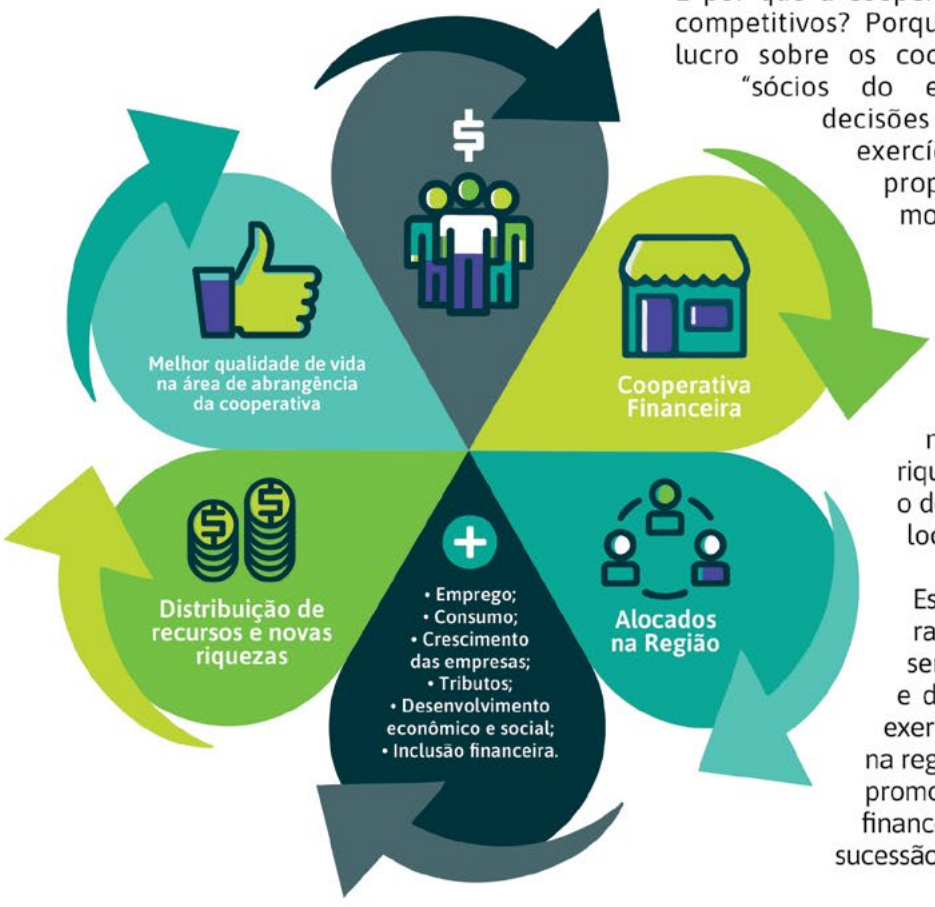
E quando diz praticar juros menores, são menores mesmo. Por exemplo: enquanto os bancos cobraram uma taxa média ao mês de 6,76% no cheque especial, em 2020, na Cocred a taxa média neste tipo de operação foi de 3,92% ao mês. Já as taxas de administração médias para consórcio de imóveis na cooperativa ficaram em 7,84%, ou seja, menos da metade dos 18,47% praticados pelos bancos.

Os estabelecimentos comerciais cooperados também tiveram economia ao movimentar com a Cocred. A SIPAG, maquininha de cartões da cooperativa, possui taxas muito menores que as praticadas pelos bancos comerciais. No caso

das vendas a crédito, por exemplo, a taxa média praticada pela cooperativa no ano passado foi de 1,85% ao mês, 40% menor que a taxa de 3,08% ao mês cobrada pelos bancos no mesmo período.

Somando a quantia economizada pelos cooperados ao consumir produtos e serviços com taxas e tarifas reduzidas na cooperativa ao longo de 2020 e dividindo o resultado pelo número de cooperados ativos (com movimentação), conclui-se que cada um deles economizou em média, no ano passado, cerca de R$ 14,9 mil. Esse é o chamado "Ganho Social do Cooperado".

Tipo de Economia	Valor Economizado em 2020
Com juros nas operações de crédito	R$ 334.271.336,94
Com tarifas bancárias	R$ 22.061.311,33
Com taxas de administração de consórcios	R$ 220.182,23
Com maquinhas de cartões	R$ 29.889.643,16
Economia Total	R$ 386.442.473,66
Sobras Brutas	R$ 51.174.584,13
Cooperados Ativos	29.271
Valor Economizado (média por cooperado)	R$ 14.950,53



E por que a cooperativa consegue manter preços mais competitivos? Porque ela não foca suas atividades no lucro sobre os cooperados, afinal, eles também são "sócios do empreendimento", participam das decisões e recebem os resultados ao final do exercício – as chamadas Sobras – de forma proporcional aos serviços utilizados e às movimentações financeiras de cada um.

Gerar impactos positivos e fomentar o desenvolvimento dos cooperados e da comunidade, de maneira sustentável, ética e transparente são compromissos que permeiam a missão da Cocred. É por isso que toda riqueza gerada pela cooperativa impulsiona o desenvolvimento social e econômico das localidades onde está presente.

Esse é o "Círculo Virtuoso do Cooperativismo". Ao oferecer produtos e serviços adequados, e com preços justos, e distribuindo as Sobras ao final de cada exercício, a cooperativa se torna protagonista na regulação do mercado financeiro regional, promove a inclusão e estimula a educação financeira. Um trabalho que desencadeia uma sucessão de resultados positivos.

cocred.com.br
sicoobcocred

SICOOBCOCRED
Vem crescer com a gente.

Cultivando a Língua Portuguesa

Esta coluna tem a intenção de, maneira didática, esclarecer algumas dúvidas a respeito do português

Formada em Direito e Letras. Mestra em Psicologia Social - USP. Especialista em Língua Portuguesa, Direito Público e Gestão Educacional. Membro imortal da Academia de Letras do Brasil. Prêmios recebidos: Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Chagas. Livros publicados sobre a Língua Portuguesa, Educação, Literatura, Tabagismo e Enxaqueca. Docente, escritora, pesquisadora, consultora sobre português, oratória e comunicação.

Renata Carone Sborgia

"Quem ouve música, sente sua solidão povoada de repente." Robert Browning

1) Pedro e Maria **"têm"** livros interessantes.
...muito interessante a grafia correta do verbo ter, prezado leitor!
O Novo Acordo Ortográfico não modificou a acentuação dos verbos **ter** e **vir e seus derivados**.
Corretos: eles têm, eles vêm

2) Maria comprou um novo **"microondas"**.
... para o Novo Acordo Ortográfico é velho!
O correto é: **micro-ondas (com hífen)**
Regra fácil da Nova Grafia: nas formações em que o prefixo termina na mesma vogal do segundo elemento: emprega-se o hífen.

3) Pedro não gosta de peixe com **"espinho".**
...a Língua Portuguesa também não!
O correto é: **peixe com espinha.**
O termo correto para designar a parte dorsal do peixe (osso do esqueleto) é **espinha.**
O **espinho** é aquele órgão rígido e pontiagudo presente em alguns vegetais.

PARA VOCÊ PENSAR:

"Se tanto me dói que as coisas passem
É porque cada instante em mim foi vivo
Na busca de um bem definitivo
Em que as coisas de Amor se eternizassem."

Sophia de Mello Breyner Andresen

Biblioteca "General Álvaro Tavares Carmo"

"É neste trabalho de João Guilherme Sabino Ometto que se apresenta a cadeia sucroenergética como uma grande fornecedora de bens de consumo ecologicamente sustentáveis. E não é outro o desafio que se coloca para o conjunto das nações pois, cada vez mais, é fundamental atender às necessidades básicas dos homens sem provocar impactos negativos ao ambiente."(- *Trecho extraído da "orelha" do livro)*

Referência:

OMETTO, João Guilherme Sabino. O álcool combustível e o desenvolvimento sustentado. São Paulo: PIC, 1998.

Os interessados em conhecer as sugestões de leitura da Revista Canavieiros podem procurar a Biblioteca da Canaoeste - biblioteca@canaoeste.com.br - www.facebook.com/BibliotecaCanaoeste
Fone: (16) 3524.2453 - Rua: Frederico Ozanan, 842 - Sertãozinho/SP

Classificados

VENDEM-SE

- 01 bomba d'água para irrigação - R$ 1.500,00
- 01 carreta de 4 rodas - R$ 5.000,00
- 01 arado Iveca de 4 hastes - R$ 4.000,00
- 01 terraceador de 14 discos - R$ 8.000,00
- 01 arrancador de grama - R$ 2.500,00
- 01 quebra-lombo - R$ 4.000,00
- 01 marcador de banca - R$ 6.000,00
- 01 escarificador - R$ 2.000,00
- 01 caçamba de bomba Condor - R$ 3.000,00.

Tratar com Wilson - 17.99739.2000 - Viradouro.

ALUGA-SE

Uma chácara com 17.800 metros quadrados, em Sertãozinho, na Vicinal José Siena, nº 7, em frente ao Posto Queijinho.

A chácara possui: um salão de festas para até 250 pessoas, equipado com mesas e cadeiras, mesa de madeira com 5 metros para servir as refeições e mesa em madeira com 3 metros para bolo; uma cozinha acoplada ao salão, com 2 freezers e 1 geladeira grande; quiosque grande, capela para 30 pessoas, área para churrasco com fogão industrial, churrasqueira grande e fogão à lenha com forno; casa de madeira com 4 cômodos; casa em alvenaria com 5 cômodos; piscina 6m x 3m com aquecedor solar; estacionamento com capacidade para 50 a 60 carros; campo de futebol pequeno; garagem coberta para 4 carros; jardim com bastante coqueiros e vários pés de frutas.

Tratar com Vilmar 16 99214 4849.

VENDEM-SE

- MB 2726/12, bombeiro pipa;
- MB 2729/13, comboio;
- MB 2726/10, bombeiro pipa;
- MB 1718/12, bombeiro pipa;
- MB 1718/12, comboio;
- MB 2423/05, bombeiro, pipa;
- MB 2423/08, bombeiro pipa;
- MB 2220/90, chassi;
- MB 15180/12, oficina;
- VW 17190/14, chassi;
- VW 15190/14, comboio;
- VW 26260/12, bombeiro pipa;
- VW 15180/12, comboio;
- VW 15180/10, baú oficina;
- VW 17180/10, chassi;
- VW 26220/10, bombeiro pipa;
- VW 26220/10, caçamba agrícola;
- VW 13180/12, oficina;
- VW 15180/10, chassi;
- VW 15190/14 oficina;
- VW 31260/ 11, bombeiro pipa;
- VW 26260/11, comboio;
- VW 15180/12, recuar 1 espaço aqui borracheiro;
- F.Cargo 2422/05, munk;
- Munck Masal, 20;
- Rollon on off 25;
- Caçamba truck;
- Caçamba toco;
- Tanque fibra 21.000 litros,
- Tanque fibra 12000 litros.

Tratar com Alexandre pelo telefone: (16) 3945-1250 ou pelos celulares 9 9240-2323 Claro e 9 9295-6666 Luiz.

AVISO
aos anunciantes:

OS ANÚNCIOS SERÃO MANTIDOS POR ATÉ 3 MESES. CASO A ATUALIZAÇÃO NÃO SEJA FEITA DENTRO DESTE PRAZO, OS MESMOS SERÃO AUTOMATICAMENTE EXCLUÍDOS!

e-mail para contato:
marinoguerra@copercana.com.br

VENDE-SE
- Camionete Effa Plutus, ano e modelo 2012, diesel, cabine dupla, direção hidráulica e regulável, ar-condicionado, trio elétrico, multimídia, câmera de ré, pneus novos, toda revisada, capacidade de carga de até 1,2 mil kg.
Valor: R$ 37.000,00.
Tratar com Jorge Assad (pelo WhatsApp) (17) 9 8114 – tirar espaços0744.

VENDEM-SE
- Palio Weekend Adventure 1.8, 2014/15, prata, completo, 4 portas, flex, 200.000 Km. Valor R$ 36.000,00, licenciado 2021;
- Apartamento de 70 m², no Jardim Brasil, com dois dormitórios, dois banheiros, área de serviço fechada, sala e cozinha, no segundo e último piso, todo mobiliado, garagem para um carro, condomínio de R$ 20,00. Prédio com apenas quatro apartamentos, próximo à pista de caminhada do Piratininga. R$ 170.000,00. Aceita troca de valor maior ou menor.
Tratar com Leonardo nos telefones (16) 3720-9691 ou WhatsApp (51) 9 9782-1657.

VENDE-SE
Pulverizador 800 litros, marca K.O. com acionamento de barras hidráulico.
Tratar com Antônio Carlos (16) 9 8128 3344.

VENDEM-SE
Em perfeito estado de conservação: 1) Forrageira Combine com 4 rolos, com acionamento hidráulico da bica de descarga; 2) Cultivador de milho marca Tatu.
Tratar com Mauro Telefone 16 9 9961 4583.

VENDEM-SE
Dois Tanques de Expansão para Leite, de 1000 litros Dari-Koo e de 1200 litros Inbrasmetal, ordenha balde ao pé Westfalia com 4 conjuntos, vagão forrageiro Combine 6500 e plantadeira Jumil JM2570 4 linhas. Município Santa Vitória/MG.
Tratar com Fernando (16) 9 8149-2065.

VENDE-SE
Tanque de expansão para resfriar leite. Capacidade de 800 litros, marca DM - R$ 6.500,00.
Tratar com Arcencio (16) 9 9213 3780.

VENDE-SE
Estribo, capota marítima, Santo Antônio, cromado, da S-10 2019
Entrar em contato no (14) 9 9680 2316. falar com Silvia.

VENDEM-SE
Camioneta/carroceria aberta, GM Silverado, prata, diesel, ano 1997/98.
- Caminhão Cavalo MB1932, 1985, mecânica original, pintura branca e azul, em bom estado de conservação, pneus razoáveis.
Mayla (16) 3729-2790.

VENDEM-SE
- Implemento TORNADO 1300 joga adubo, sementes, calcário a lanço e sistema de fluxo de óleo do trator tomada de força. Tem pouco uso, guardado no coberto.
Valor R$ 7.000,00 mil reais.
- Implemento cultivador tríplice operação teve só duas safras, guardado no coberto, modelo SACMT e fluxo de óleo do trator.
Valor R$ 18.000,00 mil reais.
Ricardo Vivo (16) 997826790.

PRESTAÇÃO DE SERVIÇO
- Aplicação de inseticida na soqueira, adubação, pulverização de herbicida/inseticida, preparo de solo, sulcação com GPS e cobrição.
Tratar com Gabriel Merlo Galdeano pelos telefones (16) 9 9262-2069 ou 3942-2856.

VENDEM-SE
- Venda permanente de gado Gir P.O (Puro de Origem), vacas, novilhas e tourinhos,
- Gado Girolando, vacas e novilhas.
Tratar com José Gonçalo pelo telefone (16) 9 9996-7262.

VENDEM-SE
- Cama de frango,
- Esterco de galinha para lavoura.
Tratar com Luís Americano Dias pelo telefone (19) 9 9719-2093.

VENDEM-SE
- Mudas de abacate enxertadas.
Variedades: Breda, Fortuna, Geada, Quintal e Margarida.
Encomende já a sua! Mudas de origem da semente de abacate selvagem, selecionadas na enxertia para alta produção comercial.
R$ 15,00.
Tratar com Lidiane pelo telefone (16) 9 8119-9788 ou lidiane_orioli@hotmail.com

PRESTAÇÃO DE SERVIÇO
- Preparação de terra: adubação, tratos culturais em canavial, pulverização em soqueira e plantio com GPS.
Tratar com Itamar pelo telefone (17) 9 9670-5570.

- A Revista Canavieiros não se responsabiliza pelos anúncios constantes em nosso Classificados, que são de responsabilidade exclusiva de cada anunciante. Cabe ao consumidor assegurar-se de que o negócio é idôneo antes de realizar qualquer transação.

- A Revista Canavieiros não realiza intermediação das vendas e compras, trocas ou qualquer tipo de transação feita pelos leitores, tratando-se de serviço exclusivamente de disponibilização de mídia para divulgação. A transação é feita diretamente entre as partes interessadas.

INOVAÇÃO MECANIZADA

Ideal para correções de falhas de plantio e pós colheita

REPLANTADORA DE MUDAS

MOTUCA

⊕ PRODUTIVIDADE

⊕ RENTABILIDADE

= Lucro

Conheça nossa

LINHA CANAVIEIRA

TRANSPLANTADORA DE MUDAS
TUPI

PLANTADORA DE TOLETES
BROTAS

COBRIDOR DE MUDAS
GUAPO

CULTIVADOR QUEBRA-LOMBO
JAÚ

AGRI MEC

agrimec.com.br

(55) 3222 7710

AGRICULTURA MECANIZADA DE PONTA

Não deixe as gramíneas ganharem essa batalha.

Conte com Front®, seu melhor aliado.

Aplicado no período seco e semiúmido em pré-emergência da cana soca, Front® controla as principais gramíneas que disputam espaço e nutrientes com a cana. É o melhor aliado para um maior potencial produtivo do seu canavial. Por isso, quem olha o futuro não escolhe outro herbicida.

Front®

HERBICIDA

- **Três ativos num único produto**
- **Alta performance graminicida**
- **Perfeito para associação com latifolicidas**
- **Até 150 dias de residual**
- **Amplo espectro de controle**
- **Não afeta as culturas vizinhas e é seguro para rotações**

ATENÇÃO PRODUTO PERIGOSO À SAÚDE HUMANA, ANIMAL E AO MEIO AMBIENTE; USO AGRÍCOLA; VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO; CONSULTE SEMPRE UM AGRÔNOMO; INFORME-SE E REALIZE O MANEJO INTEGRADO DE PRAGAS; DESCARTE CORRETAMENTE AS EMBALAGENS E OS RESTOS DOS PRODUTOS; LEIA ATENTAMENTE E SIGA AS INSTRUÇÕES CONTIDAS NO RÓTULO, NA BULA E NA RECEITA; E UTILIZE OS EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL.

*Rentabilidade e produtividade observadas em campos de teste, com dosagens e aplicações corretas do produto, e sujeitas a variações de clima, solo, manejo e mercado, entre outras.

CORTEVA™ agriscience

Visite-nos em **corteva.com.br** | **0800 772 2492**

™ ® Marcas registradas da Corteva Agriscience e de suas companhias afiliadas. ©2021 Corteva.